







**Lápis & Ponta**  
Dicionário da minha existência

Copyright © 2009, by Adriano Botelho de Vasconcelos  
& União dos Escritores Angolanos

Capa

Mão do autor, foto de Neusa Dias

Design Gráfico e Impressão

Imprinta Express

Depósito Legal nº 4728/09

Tiragem

1000 Exemplares

1ª Edição: Luanda, 2009

Colecção: «Praxis» nº 15

Todos os direitos desta edição à UEA

Site: [www.uea-angola.org](http://www.uea-angola.org)

Tel : 222-322421/323205 Fax: 222-323205

E-mail do autor: [vasconcelosab@yahoo.com.br](mailto:vasconcelosab@yahoo.com.br)

Adriano Botelho de Vasconcelos

## Lápis & Ponta

Textos Escritos Para O “Semanário Angolense”  
Janeiro – Junho de 2009



União dos Escritores Angolanos  
« Praxis »

### **Do Autor (Títulos das obras)**

“Voz da Terra” (1974). “Vidas de Só Revoltar” (1975), “Células de Ilusão Armada” (1983), “Anamnese” (1984), “Emoções” (1988), “Abismos de Silêncio” (1992), “Tábua”, Grande Prémio Sonangol de Literatura – Ex-aequo (2003), “Boneca de Pano: Colectânea do Conto Infantil Angolano” (2005), “Caçadores de Sonhos: Antologia do Conto Angolano” (2005), “Todos os Sonhos: Antologia da Poesia Moderna Angolana” (2005), “Olímiás” (2005), “Lunary” (2007), “O Amor é sempre Agora: Antologia do Éden Angolano” (2007), “Lápis & Ponta: Dicionário da Minha Existência” (2009) e editou os jornais “Unidade e Luta” (1974), “Angolê-Artes e Letras” (1984), “Maioria Falante” (R.J), e concebeu Webdesign do Site da UEA: [www.uea-angola.org](http://www.uea-angola.org).

**Se podes olhar, vê.  
Se podes ver, repara.**

(Epígrafe do romance  
“Ensaio Sobre a Cegueira”,  
José Saramago)





**“Tens o maluvo que junta os homens da sanzala  
à volta da tua vaidade, chega o infortúnio e o pátio  
é o lugar onde só o vento brinca com as folhas caídas”**

(Máximas de “Olímias”, de Adriano Botelho de Vasconcelos)



## **Ordem Cronológica da Coluna “Lápis & Ponta”, do Semanário Angolense, de 2009**

A Lâmpada . . . . .	24 a 31 de Janeiro
Aqui . . . . .	31 de Janeiro a 7 de Fevereiro
Janela . . . . .	7 a 14 de Fevereiro
Pacote . . . . .	14 a 21 de Fevereiro
Cordas . . . . .	21 a 28 de Fevereiro
Mochilas . . . . .	28 de Fevereiro a 7 de Março
Turbos . . . . .	7 a 14 de Março
Lugares . . . . .	14 a 21 de Março
Caviar . . . . .	21 a 28 de Março
Escolhas . . . . .	28 de Março a 4 de Abril
Pirilampos . . . . .	4 a 11 de Abril
Coração . . . . .	11 a 18 de Abril
Ah Ah Ah Ah Ah AH . . . . .	18 a 25 de Abril
Veteranos . . . . .	25 de Abril e 2 de Maio
Adobe . . . . .	2 a 9 de Maio
Senhor PLE . . . . .	9 a 16 de Maio
Sitiados . . . . .	23 a 30 de Maio
Desenrascanço . . . . .	30 de Maio a 6 de Junho
Zonas Ribeirinhas . . . . .	6 a 13 de Junho
Sortes, Maio de 77 & Constituição . . . . .	13 a 20 de Junho
Prof. Dr. Inflá . . . . .	20 a 27 de Junho
Senhora Morte . . . . .	27 de Junho a 4 de Julho



## Sumário

<b>AMBIENTE</b> . . . . .	<b>15</b>
Sitiados . . . . .	17
Adobe . . . . .	25
Escolhas . . . . .	32
Zonas Ribeirinhas . . . . .	39
Lugares . . . . .	45
Mochilas . . . . .	00
Turbos . . . . .	00
Lugares . . . . .	00
<b>MERCADO</b> . . . . .	<b>49</b>
Aqui . . . . .	53
Pacote . . . . .	59
Ah Ah Ah Ah Ah AH . . . . .	65
Caviar . . . . .	71
Cordas . . . . .	77
Desenrascanço . . . . .	83
Mochilas . . . . .	91
Pirilampos . . . . .	97
Veteranos . . . . .	103
Prof. Dr. Inflá . . . . .	109

<b>ESPIRITUALIDADE &amp; DESTINOS</b> . . . . .	<b>117</b>
Lâmpada . . . . .	119
Coração . . . . .	123
Sortes, Maio de 77 & Constituição . . . . .	129
Homilias . . . . .	139
Janela . . . . .	145
<b>SAÚDE</b> . . . . .	<b>151</b>
Senhora Morte . . . . .	153
Turbo . . . . .	163
<b>HABITAÇÃO</b> . . . . .	<b>169</b>
Senhor PLE . . . . .	171

# AMBIENTE





## “Sitiados”

A cidade de Malange tinha um grande perímetro de eucaliptos, “Um anel de puro verde”, consideravam os jovens que usavam as suas sombras para os piqueniques de sábados e domingos. Os jornais escreveram com mais estilo, “O pulmão da cidade”. Hoje, quem regressa à casa ainda tocado pelo imaginário de infância “Reconhece que algo de anormal se passou ao que levou a população com catanas em punho a destruir o anel com mais de vinte kms de intensa floresta que deixava a cidade com mais lufadas de ventos misturados com fragrâncias saídas das folhas, das resinas e flores que depois de secas serviam para fazer de pião”, lamentou-se o agrónomo que sob seus cuidados plantara grandes hectares: “Agora, por falta de eucaliptos o aeroporto e populações correm o risco de serem engolidos pela erupção de lagos que vão ganhando dimensão de oceanos”, vaticinou.

“Os acampamentos de fim-de-semana da cidade aconteciam no meio da floresta ou nas margens do lago dos Gaiatos”, explicou o padre que frequentou a antiga igreja basca que por decisão radical fora há muito banida do bairro da Maxinde e os equipamentos culturais que edificaram foram abandonados como se tivesse iniciado dentro das suas quatro paredes uma grande e abjecta praga. No tempo colonial

os jovens usavam os auditórios para afinarem os primeiros discursos e desenvolverem as artes cénicas. A política tem erros que demoram a sarar e quase me caíram as lágrimas por ficar a imaginar o que fora a burilante vida cultural e a intensa procura da nossa identidade que começava nas escadas de entrada da igreja, nos campos de ténis, basquetebol, futebol, na biblioteca e nas salas de teatro e cinema. “A igreja era o íman da nossa liberdade”, terá escrito um poeta que nunca publicara. Parado à porta da igreja, uns cinco metros de distância para que pudesse apanhar todo o detalhe do galo no cimo da torre, vi-me ainda jovem, vestido de calções e no meio de uma das maiores manifestações de protesto contra os colonos. Tudo porque no clube Atlético de Malange, espaço de festas e bailes, colocaram uma placa com o seguinte dizer: “Só para brancos”. Por decisão dos grupos juvenis e dos mais velhos, deveríamos quebrar essa ordem para que todos tivessem os mesmos direitos de acesso. Num fatídico sábado, os polícias decidiram alvejar mortalmente um jovem negro à porta da bilheteira para através do sangue e medo criarem um espaço de convívio só para os colonos. “A cidade parou totalmente. Foram dois dias de greve e tumultos. Exibimos o caixão aos colonos que viviam nas principais artérias da cidade mesmo com os carros da polícia que tentavam encurtar a romaria de dor”. Os historiadores não falarão dessa força que crescia nesses espaços, porque vivíamos muito da experiência basca de luta contra o ditador Franco de Espanha. “Muitos colegas brancos seguraram as nossas mãos que faziam um cordão de protesto”, completou o engenheiro.

“Depois dessa tragédia, a cidade voltou-se em reflexão para si própria, de vergonha em vergonha encontrou o seu destino e espírito. Tivemos do nosso lado os melhores advo-

gados, o Dr. Terêncio, o Toninho Terêncio e tantos outros e por força da nossa razão levaram os guardas para a barra do tribunal e foram condenados”, informou o padre com os olhos que ganharam um brilho especial.

“Vencemos, vencemos”, foi festa total quando o Juiz leu a sentença e pedira com ternura que comemorássemos na rua.

“Aqui é a casa da justiça”, avisou o Juiz com simpatia. “Não tinha outra saída. Os negros ganharam a causa”, pensara e assim desejou o seu coração.

“Ainda hoje, apesar da distância temporal, não entendo como muitos desses jovens de calções que no tempo colonial clamaram por justiça, leram ou interpretaram textos bíblicos nas homilias e pediram pela condenação civilizada dos verdugos, no período pós independência, sem grandes razões tornaram-se nos mais refinados e esclarecidos agentes da mais abjecta violência. Destilaram ódios que cimentaram a cultura de intolerância que teve um preço muito alto porque fuzilaram os seus melhores e iluminados colegas sem apelos nem agravos”, confessou o padre com muita desilusão e fez um sinal da cruz, gesto de perdão profundamente humanista, “Mas é uma mancha que não podemos esquecer, para que não se repita”, suspirou de alívio e segurou no punho do historiador.

“É o espírito que faz eternas as cidades”, máxima antiga. “Procuremos, procuremos”, repetiu o padre.

O historiador tirava notas para os rascunhos da nossa história, escreveu o nome dos recrementistas do tempo colonial que através de um português arcaico denunciavam a cultura bárbara e retrógrada: “Tivemos o punho do Lameira, do velho Bissopas e de tantos outros que não deixaram de dizer umas boas verdades”, escreveu o historiador numa das

margens da sebenta. Juntou ainda um período em que descrevia as mais sentidas impressões da nossa aproximação à cidade, numa letra redonda e sem rasuras.

“A cidade de Malange foi muito marcada por essa floresta, e ao vê-la assim parece vemos a cabeça careca de alguém que tivera cabelos fartos”, disse o engenheiro que conseguira tirar de cada um de nós uma sonante gargalhada.

Já à porta da cidade, o horizonte é dominado pelas casas feitas de adobe, e, infelizmente, é notório o excesso de pressa com que deixaram cair os seus tectos por falta de onde estarem em melhores condições urbanas. “Existiu falta de réguas e esquadros na configuração dos seus espaços. Foram construídos casebres com portas a menos de um metro da janela do vizinho, quintais onde nem cabem três luandos, quintais pequenos para três, cinco; e até cheguei a contar um só quintal para doze casas. As cozinhas quase em cima uma das outras. Espaços impróprios para o desenvolvimento da comunidade”, criticou o padre, e mais disse, “Eu sei que essa gente ainda não encontrou quem pudesse segurar nos seus pulsos com firmeza na ajuda. Falta a palavra é “aqui” na relação entre o servidor e o servido”, a voz do padre apesar de alguma comoção saiu forte e com as duas mãos segurou o terço, como se quisesse poisar mais sorte nos destinos do seu rebanho: “Gosto muito dessa gente”, confessou.

O engenheiro é muito dado ao silêncio, sempre atento aos detalhes até por entender que é através da micro análise que se pode descobrir os “alicerces” ou mesmo os aspectos nucleares da realidade social. “Noto que o tempo dos habitantes das cidades que foram sitiadas é cada vez mais arrasado de dificuldade em dificuldades. Procuram por ninharias; saldos de roupa usada, açúcar, rodam a cidade à procura de petróleo e agulhas. A grande alegria está na notícia da

chegada de um camião com cerveja do Dundo, a famosa Eca”, fez uma pequena pausa, e notou que as suas palavras estavam a chegar longe, “Têm os corações abertos, tenho de aproveitar o tempo de intervenção sem muito recuo”, cogitou para os seus botões e continuou com voz mais pausada: “Se fizermos uma lista dessas ninharias e minudências, ficaríamos todo o dia em viagem sem destino”, teorizou.

“Onde quer chegar, engenheiro?”, perguntou o padre quase certo de que algo importante fecharia o diálogo quase interminável da viagem por estrada. Pouco mais faltava para chegarmos ao hotel e muitas pessoas em passos quase lentos faziam um movimento incerto. Uns rapazes fechavam os seus passos numa quase visível forma oval, existiam os movimentos zigzagueantes das mulheres vendedoras de mãos vazias, grupos de rapazes sentados com o rosto virado para o sol e suas cócegas, no fim de tudo sem direcção que empurrasse em pressa os seus passos. “Não é possível chegares através desses movimentos a um centro intenso de negócios e emprego”, disse o agrónomo e concluiu: “Quando assim acontece, podemos falar de algum sinal de renascimento aqui e acolá, mas o mais certo é cuidarmos das causas da estagnação”, reparou com alguma inquietação. “Entendo o que quer dizer. Para ajudá-lo na explicação, imaginem como podemos seguir o movimento das crianças vestidas de batas brancas, o que facilita a nossa observação social. Podemos seguir os seus passos no meio de outros milhares de passos e não nos perdemos. Chegaremos à casa do saber”, o padre sorriu por poder enriquecer a visão quase introspectiva do agrónomo que continuava com o rosto visivelmente colado ao vidro da porta de traz do jeep.

“Ora, nem mais, é isso mesmo, padre. O senhor atingiu em cheio a minha ideia. É disso que falo, e a cidade precisa

desse movimento”, o agrónomo esfregou as mãos de contente, não poderia ter melhor ajuda na leitura dos fenómenos.

Eu defendo que os políticos deveriam propor uma política que incluísse um pacote económico de apoio às comunidades que ficaram sitiadas mais de um quinquénio. Foram longos os períodos de fragilidade, de alteração do tecido social e de perturbações que esvaziaram os sentimentos de afecto. “Viver sem esperança, envelhece”, confessou um meu conssofredor da cela C, na Cadeia de São Paulo e que fora apanhado numa viagem de férias e forçado a viver em Malange durante “o cerco”: “Tive de constituir uma nova família, só para não enlouquecer por tédio”, disse Kanhoto e quase mordeu os lábios. Não pretende mais pensar no que sofrera.

Tenho visitado muitas regiões do país e com tristeza reconheço que algo trava os passos da cidade onde nasci e não deveria ser assim, todos merecem um bom destino. “Eles falam muito e fazem pouco”, dizem os detractores da terra que viu nascer os mais activos recrementistas. Infelizmente não pegam em todos os vestígios que poderiam enriquecer a visão crítica à volta das políticas que ensaiamos na província. Hoje, só sobram alguns elogios para o “Tio” Cunha e agora depositam as esperanças no escritor Boaventura Cardoso, o novo Governador. “Será que é desta que avançaremos?”, é uma interrogação ouvida nos almoços de sábado, antes mesmo dos efeitos do álcool fazerem as suas indesejadas penetrações nos diálogos.

“Aproveito para afirmar que as sequelas não podem ser medidas pelos tecnocratas, atingiram o âmago, na verdade, o único meio que cada sitiado usou para deixar exilado a sua utopia. Só uma política de apoio pode alterar o sentido dos passos, humanizar o tempo e até mesmo acertar o

relógio da terra da palanca preta com as cidades onde o renascimento é visível”, defendeu o agrônomo.

“Aqui deveria acontecer o primeiro ensaio do poder local. Só com eleições dos dirigentes locais teremos melhor política”, defendeu o engenheiro. Todos concordaram com sua proposta. Enquanto preparavam o chek in, decidi visitar o cemitério para encontrar os que tanto amara e através das suas tumbas, seus epitáfios e fotos, lera atentamente o que tivera sido a cidade nos últimos longos anos de minha ausência: “Terra que vos seja leve”, disse alto.





## “Adobe”

Decidi ir até à casa de campo, situada na Camama e pedi a minha filha de sete anos que fosse comigo. “Papá, vamos, eu quero ver a piscina”, confirmou alegre, mas como boa guardadora dos seus propósitos. Desde criança que gosta de afirmar o seu espaço e exhibir o seu humor já refinado. No ano passado, num sábado escolhido para o dia de lavagem da roupa suja acumulada de há duas semanas, enquanto separava as cores díspares da roupa, juntando cores e tonalidades, pedi-lhe que me ajudasse na empreitada: “Filha, separa bem as cores para não debotar a roupa. Junta o que é branco com branco, preto com preto, vermelho com vermelho... entendeste?”, perguntei usando em excesso os detalhes da empreitada. “Sim, papá, sei separar as cores para não manchar a roupa”, respondeu prontamente com um sorriso. O que aprecio imenso na sua irreverência é o constante sentido de interrogação e, creiam, quantas vezes não fiquei horas a fio a pensar na força espiritual das suas frases. O poder de observação do mundo por parte das crianças parece ser hoje muito prematuro “Mal têm dentes e já interrogam o mundo”.

Sáímos em direcção à Camama passando pelo Hospital Sanatório. Fizemos a curva à direita, e veio rápido o

contentamento por beneficiarmos de um asfalto liso e com separadores no meio, como forma de impedir a condução sem regras e de linha desordenada: “Agora será só acelerar, espero que o tapete asfáltico termine depois de um bom esticão”, murmurei tocado por uma alegria que provocava uma certo sarcasmo, naturalmente por ver que os carros azuis (táxis) não conseguiam mostrar as suas mestrias de condução atirando todo mundo para fora da estrada ou brincando ao rali usando as linhas que separam os dois sentidos da via.

Depois de passarmos pela futura instalação da Direcção de Viação, por falta de sinalização dos diversos desvios de rota que indicasse Luanda Sul, perdemo-nos no meio do musseque, porque fazíamos o sentido inverso ao desejado. “Se me tivesse perdido no Rio de Janeiro, mesmo a esta hora do dia, 11 horas da manhã de céu limpo, eu e a filha, dançaríamos na mão dos bandidos”, pensei no pior cenário se essa peripécia de saída do centro da cidade tivesse ocorrido no coração da favela. Muitas vezes só nesses momentos críticos apreciamos o trabalho da polícia pública. “Tenho de parar, parar para saber onde estou”, pensei com algum medo. Diante de um pequeno aglomerado de jovens, não hesitei em parar para corrigir o meu sentido num mundo fechado de vivendas de betão: “Ainda bem que temos uma polícia que não dá tréguas aos bandidos, senão seriam esses jovens que se ofereceram em explicar que receberiam a chave da viatura”, matutei de forma negativa devido a um certo receio que resultava da degradação do espaço. Perdi-me ainda mais na confusão das explicações, umas por cima das outras, cada um querendo explicar com melhor detalhe a direcção que nos permitiria chegar ao destino.

Depois de aprender os sentidos, acelerei sem receio, estava mais seguro ao volante, mas estacionei a viatura fren-

te a uma vivenda feita de blocos e achei por bem falar com os seus moradores ocupados à volta de um grande tanque enterrado de água. “Devem fazer negócio de venda de água potável”, deduzi já que notei esse comércio. “Estava perdido”, confessei. “Que bela vivenda, é uma obra que se destaca dos demais casebres”, tentei elogiar. “Casebre?”, perguntaram em unísono.

“Façam contas que levantem o país em consciência em quanto custou edificar cada musseque feito de blocos, argamassa, cofragens para pilares, tanques de água, muros e o elemento tempo? Naturalmente, entenderíamos melhor como não foram aproveitadas essas energias, músculos e recursos aplicados de acordo às urgências e necessidades de cada cidadão”, explicou a jovem Yolanda, finalista de economia. Em cada palavra deixava muito do seu calor, as veias na testa ficaram-lhe mais grossas. Desviei o olhar enquanto ela procurava o meu. Um olhar frio. Mas eu fugia do seu brilho apagado por ter tido uma língua tão comprida: “O que você constata é a prova dos muitos anos que deixamos de pensar na forma como podemos levar essa energia para um ponto, um estágio melhor e que sirva a comunidade”, completou a sua crítica e o meu sapato que triturava as pedras que restaram das obras, animava o meu pensamento agora distante do tanque de água, muito distante.

Na África do Sul, ainda no início da sua grande transformação, por três vezes visitei os guethos mais importantes apesar dos constantes avisos de risco passados pelos amigos e familiares, “Tem cuidado, o índice de criminalidade é alto”, avisavam sem muito entusiasmo à volta da minha decisão e aventura. Muita da construção periférica era de papelão, feita com restos de cartolina, caixotes de geleiras, tábuas que sobravam de algumas cofragens de prédios concluídos. “Não

se poderia usar em melhor significado para tal realidade confrangedora as palavras: *situação precária*. O que podemos deixar aqui como grande feito é a forma geométrica onde são colocados os casebres, matriz urbanizada que permite que essas pobres almas recebam luz, água e saneamento”, disse o meu cicerone. Percorremos muitos kms de estradas e auto-estradas de Joanesburgo à Cap Tawn e outras cidadezinhas pelo meio e sempre fiquei admirado pela cuidado da régua e esquadro presentes nas imagens dos aglomerados dos mais pobres. “Pisava um espaço só diferente no uso dos materiais e desorganização do terreno, mas se pudéssemos ouvir ao mesmo tempo o coração dos seus moradores, concluiríamos que todos eram produto de um mesmo fenómeno”, pensei com algum desconforto e acordei da viagem.

“Não são casas o que você tem no seu horizonte?”, perguntou uma jovem apoiada no muro da varanda. “São casas, sim”, respondi ainda com o olhar perdido nos detalhes do tanque onde uma corda puxava o bidão de água. “Essa energia, essa engenharia periférica e capacidade diferente do que contaram os escritores dos anos 45, é prova de que o povo não quer esperar pela mão bondosa do Governo para ter onde cair morto. Mas esse saber de obra feita, ainda que mal e porcamente para os vossos olhos, sabemos que não vai estar entre as prioridades das políticas”, discursou um outro jovem que faz o 4º ano de arquitectura, colega de Yolanda. Acredito que a problemática das casas, só conhecerá um grande sucesso se em todas as vertentes da estratégia do Governo, a auto-construção fizer parte da mais vigorosa prioridade e os seus números entrarem de bom grado para as estatísticas. “O Governo no seu afã de obra, poderia até cruzar os braços por lhe parecer menos apaixonante ter de

potenciar uma tradição antiga, bastando para esse fim só oferecer três ou quatro padrões de maquete de casas, plantas de leitura fácil, até para que qualquer leigo possa seguir os seus traços mesmo que mantenha os olhos fechados. Chore e diga: Tenho casa”, um outro morador acrescentou: “Deve deixar talhoados os espaços com respectivas ruas, saneamento e incluindo equipamentos públicos para o teatro, música e bibliotecas”. “Ah, gostaria que os políticos se perdessem nas diversas rotas e endereços de saída da cidade, ficassem às voltas no meio do musseque e ficassem surpreendidos por verem novas aguarelas de existência. Pudessem sentar à porta de alguém para ouvir as suas façanhas”, disse um outro jovem que se aproximou e ficou de mãos dadas com a Yolanda. Quando soube que falava com um escritor, logo teorizou que a colocação de cada m<sup>2</sup> de paredes e tecto ofereceria estórias que poderiam encher mil romances. “Todos os pais da nossa comunidade pesava-lhes trazerem às costas uma casa do tamanho das suas aflições e vergonhas maquiadas. Depois de aqui poisarem esse peso, com suor e sangue, olha até onde chegamos em orgulho sem a mão direita do Governo?”, perguntou Yolanda, altiva na pose e firme nos princípios para grande orgulho da sua mãe que foi ultrapassada na conversa.” A minha filha tem ideias muito acertadas”, disse para os botões da sua blusa de cores fortes.

“Pequenos apoios de crédito bonificados que fossem para as obras do tecto, ou para os pilares, ou outros pacotes para as paredes externas, as redes de esgoto ou na sua totalidade, fariam uma grande diferença cujo alcance será superior ao que o Governo possa fazer pelos seus projectos de chave na mão”, teorizou um outro jovem que entrara na discussão, ele igualmente finalista, mas do curso de economia. “Ah, esses jovens jogam com uma mesma lógica de opinião. Co-

mungam uma mesma linha de opinião, sabendo que uns podem cobrir sempre a desatenção argumentativa de outro. É um núcleo de vozes que procura o seu próprio palco”, pensei animado e convicto que aprenderia muito mais se fizesse poucas ondas provocadas por frases que resultassem da minha visão muito distante e desfasada desse habitat, “O silêncio nessa situação, é ouro”, pensei nessa máxima.

Se os políticos tiverem essa visão parando um pouco mais para pensar em como os nossos avôs e pais sentiram orgulho em levantar do nada um tecto, como demarcar com arvoredo raso os quintais para cuidar dos cabritos e galinhas como fontes de melhoria da dieta familiar, o país real viverá um desafio no qual essa iniciativa criará uma nova matriz de dignidade. “Muito do leite que serviu o nosso crescimento, ordenhamos com nossas mãos das tetas dos cabritos nas primeiras horas da manhã. Que delícia de leite”, confessou o padre sempre atento aos detalhes antigos da nossa existência. “Queira Deus que a lucidez dos políticos não passe por cima desses passos que alguns metidos a sabichões tentarão menosprezar, pois fogem do seu passado, inventam uma origem de oiros que nunca tiveram”, pediu o padre na última homilia depois de ter participado “sem convite” no Fórum de Habitação. “Pai Nosso, queremos terrenos trabalhados”, responderam os crentes, mas o padre quis emendar: “Digam certo: Pai Nosso que estais no céu... não se apressem”, sorriram todos.

Propositadamente ou talvez por efeito da euforia, uma mulher de meia idade xinguilou o seu corpo, muito ritmado nas ancas estreitas e amarradas por uma xaile bem dobradinho na largura de uma mão e gritou:

“Padre, que o diabo não dance na promessa dos terrenos que serão arrumados para cada família”, o eco fez a suas

palavras chegarem fora da igreja. Um transeunte criticou: “Caramba, um dia Deus vira Lénine, não pode”, fez um manguito.





## “Escolhas”

Na vida, escolher é sempre excluir outras opções que muitas vezes só a sensibilidade e a intuição fazem tê-las como necessárias porque atingem o efeito desejado. Dizem os políticos que não fazê-las ainda é mais ruinoso.

Saí de casa tendo como destino a “Avenida dos Combatentes” e ao decidir tirar alguns gramas de peso, abandonara a chave da viatura na mesa de chá da sala de visitas. “É preciso suar um pouco mais, tenho tido uma vida muito sedentária”, disse para mim mesmo e olhei para o céu azul: “O sol vai castigar”, traduzi os sinais do céu.

“Queres boleia, oh Ninano?”, gritou alguém parado no trânsito que só podia ser meu conhecido, porque poucos são os que me chamam ou tratam por esse nome de casa e de infância. Tenho tido muitas dificuldades quando decido fazer os percurso a pé, duas ou três vezes por semana. “O que se passa, meu?”, perguntam com receio de que me tivera acontecido um grande azar na vida, ou pensam na psiquiatria: “Coitado, mais um cliente para os caixotes de lixo”.

“Não é nada do que pensas”, defendo-me logo ao ler o que lhes vai na alma. “É só o gosto de desaparecer na multidão cujos passos há três ou mesmo quatro anos são mais rápidos e madrugadores”, tento explicar quando as ofertas

de boleias param os veículos na segunda fila de viaturas mal estacionadas. “Essa segunda fila de viaturas cria a maior confusão e encurta a largura das ruas”, meditei.

“Entra lá, pá”, insistem. “Não deves andar a pé. O que dirão as más-línguas? Vão pensar que caíste”, concluem com um certo humor. “Dependo de mim há mais de 18 anos de vida privada”, respondo sem respirar para que não apresentem novas razões ou tenha de aturar em suas companhias o trânsito caótico. Andar a pé para além das vantagens de saúde e, no meu meio século de vida, os benefícios são muito evidentes: menos barriga e mais preparo do coração, podemos ainda apontar o lado de socialização do nosso “eu”, um exercício necessário tendo em conta o ritmo de vida que coloca o individualismo em primeiro lugar.

Interessa afirmar que essa terapia deveria ser seguida por todos que se deixam “envelhecer”. Nas viaturas presas no trânsito, o saldo é violento. Quando estive em Benguela, numa boa cavaqueira, alguém zombou: “Os de Luanda trabalham no trânsito”. Podemos sair com os anjos por perto, mas não há como não cair numa discussão na hora das definições das prioridades de passagem. “Ninguém quer ceder espaço na manobra para não amarrar o trânsito”, criticam os jornalistas. Já ouvi outra versão, cidadãos que afirmam que mesmo assim surgem algumas vantagens: “O que dizer dos casamentos ou arrebatadas paixões que nasceram graças aos engarrafamentos”. Dizem no gozo: “Tudo tem os seus dois lados da moeda”. Também pude ouvir versões mais tristes e que parecem verdadeiras cenas de cinema: “Um jovem cheio de músculos saiu do carro e sem mais nem porquê desatou um par de chapadas à um condutor que se tinha colocado em melhor condição de passar pelo apertado nó de trânsito”, contou um jovem e confessou ainda que ficara

admirado pela inacção da vítima que ia já nos seus cinquenta anos de vida e que acha que só não reagira graças ao pedido da esposa e de duas filhas. “Meu bem, não atires! Deve ser um drogado”, pediram indiferentes ao incitamento das testemunhas do ocorrido: “Kota, dispara nos pés e no rabo”, o jovem abandonou o carro e a namorada seguiu-o na fuga. Arrancara da cabeça a peruca para facilitar a visão. “Sorte, o kota guardou a arma”, contou.

Ainda viajava nos meus pensamentos e de repente tive de parar. “Oh, senhor, não atire o lixo. Espere até passarmos”, pedi ao varredor de rua em pleno sol das 11 horas. Tinha o rosto tapado por um lenço sujo para diminuir a inalação do pó. “Será que não podem trabalhar à noite com vantagem para todos? Refiro-me até na diminuição da criminalidade nocturna”, discursou uma jovem recém-licenciada em gestão e que recebera nos pés o lixo seco e muito pó a mistura. Todos concordaram com o protesto: “Tem razão, deveriam optar por essa solução, mas ninguém quer parar para ouvir”, disse um jovem todo vestido pela marca do cantor “50 Cent”. “Grande griff”, terá pensado a jovem.

Entrei pela rua «Sebastião Desta Vez». “A rua já foi massacrada por muitas obras. As lagoas e os fios de água suja continuam o velho percurso a fazer os seus estragos”. No início da Avenida dos Combatentes ainda se nota os vestígios da antiga imponência, pelo menos no aspecto de comboio inigualável de prédios que atingem a altura para lá dos 15 andares. “Como está maltratada”, disse para os meus botões e preocupado em não pisar os negócios de tomate, cebolas e tantas bugigangas espalhadas pelos passeios de cimento tão sujo. O ar da avenida é irrespirável porque o odor forte das mil lagoas de águas negras e gases que se libertam dos esgotos afugentam qualquer consumidor da sua vanta-

de de fazer compras. “É um problema grave. Até de saúde pública”, acusam as meninas das lojas de montra feita com mobílias de todo o tipo. “Temos dias que ficamos plantadas à porta da loja só para podermos respirar as correntes de ar que também são mal cheirosas e impróprias para os mais sensíveis”. Um morador não se fez de teimoso e levou-me até ao seu apartamento, no 8º andar e mostrou a mais miserável engenharia de ocasião: “Tivemos de furar a parede da casa de banho e o chão do corredor de acesso aos apartamentos. Depois anulamos o esgoto do edifício, e atiramos esse tubo de 20 polegadas até o rés-do-chão onde descobrimos a sarjeta principal”, contava animado e sem vergonha do nível e métodos da obra. “Vocês anularam o esgoto e os outros moradores como se viram?”, perguntei levado pela curiosidade. “Os de baixo não podem apanhar com a merda dos que vivem nos andares mais altos. Essa é a regra e com ela temos vivido até agora sem qualquer problema. Cada morador procura a sua saída, se necessário anda com os tubos até as fossas cépticas quando não consiga apanhar a grande sarjeta na direcção do apartamento”, explicou e com voz mais séria acrescentou: “É aqui onde a cidade antiga e com ares de moderna se tornara num deprimente musseque”, e para estar seguro nas críticas continuou: “Hum, um banco remodelou uma loja para a sua dependência comercial e mandara cavar para si uma fossa céptica mesmo no meio do passeio”. O jovem tem um poder de imaginação muito forte e nos detalhes que avançou até parece que ouvira a conversa do Director de obras com os fiscais do GPL: “Meus senhores, não vamos levar com o cheiro de cocó desses moradores que estão sempre com muita disenteria e urinas fortes. Avançamos para essa solução radical, até para o bem da saúde dos nossos bancários”, defendeu-se o Director.

Sinceramente, eu preferiria que apesar dos “grandes planos”, mesmo quando traduzidos para o inglês técnico – simplesmente para actualizar o dicionário com o mundo mais avançado – e esses desideratos geralmente não apresentam resultados nos momentos em que as comunidades mais precisam dele, na verdade se pudesse agora olhar de forma interessada para os micros problemas que há muito fervilham. As suas soluções como “pacote” poderiam animar partes da visão estratégica que sempre adormecem e se arrastam nos grandes gabinetes. “Acredito que os comerciantes, bancos e empresas teriam a sua cota parte ao participarem de forma interessada no esforço de recuperação da principal avenida de prédios altos do país”, defendeu o jovem. Será que os políticos olharão para essa avenida como eu a vi quando visitei Luanda pela segunda vez?

No meu primeiro contacto com Luanda, foi na Avenida dos Combatentes onde fiquei mais tempo de “boca aberta” de espanto. “Meu primo, olha que imponência de avenida”, apontou com os braços abertos. “Um dia moraremos aqui”, concluiu o Nando Paiva com a gargalhada que lhe é muito peculiar e os “tugas”, apesar da doentia curiosidade não entenderam as razões da nossa efusiva alegria.



## “Zonas Ribeirinhas”

Estou a escrever do ponto mais alto do morro da Katumbela, concretamente na Colina das Estrelas e hospedado num dos Bangalôs do empreendimento turístico *Colina das Estrelas* que domina o referido morro.

“Ah, como não pensar de forma leve e com folia diante de tanta beleza”, pensei e tentei certificar dentro de mim se era muito forte essa impressão capaz de tornar mole o meu coração: “Pudessem os escritores ter essa paisagem diante das janelas de suas residências e, certamente, teríamos melhor literatura. Para quando um gesto do Governo que indicasse as zonas do litoral ou junto a lagos onde os criadores pudessem construir uma casa de vidro por onde entraria o sol, a lua e o vento?”, pensei na falta de uma reivindicação por parte dos criadores que deveriam defender a existência das *vilas dos criadores*.

O rio Katumbela tem águas de cor barrentas texturadas pelo chão de forte cor tórrida que lhe oferece o leito plano, é um caminho de águas largas quase que encravado entre os morros. O rio é “pão” para os pescadores já em seu leito às 5 da manhã, na arte de atirar as redes para apanhar peixes. “As redes parecem leques abertos”, explicou a médica viajante. O rio domina o horizonte com seus prados verdejantes onde

se destacam, de forma imponente, as palmeiras de intenso verde. É ainda visível o esforço de famílias em arrancar das entranhas ribeirinhas o milho, feijão, repolho, couve e bananas. Eles também madrugadores e apoiados na lavoura por inúmeras crianças que deveriam “Estar sentadas nas carteiras”, criticou o padre. E essa relação dos locais com o rio é prova do seu engenho e amor à terra. Qualquer política terá de contar com esses feitos e modos de vida. Os ribeirinhos ainda aproveitam do rio as suas línguas de areia para fazerem montes que farão parte das carradas que os construtores precisam para as suas obras.

Uma longa avenida acompanha a margem direita do rio. Antes de atingires as águas, tens como obstáculos margens inclinadas cuidadosamente empedradas, aliás uma arte que qualquer forasteiro reconhece como uma tendência que se destaca no panorama de embelezamento das fachadas de edifícios e muros das zonas urbanizadas. Faltam os equipamentos e intervenções pontuais de ordenamento, mas acredito que só um “*Pacote de salvamento das zonas ribeirinhas*” poderá aproximar os cidadãos do Rio Katumbela e poderemos conhecer as primeiras cidades ecológicas. “Seria um pacote que permitisse criar ciclo vias, equipamentos multimodais com biblioteca, auditório para teatro, casa da música e salas de cinema, e ainda espaço para exposições. Equipamentos leves, de rasgos soltos, como do cimo dessa montanha tornamos soltas e leves as nossas ideias”, defendem os viajantes. “Esse pacote permitiria ainda reflorestar as margens do rio para criar novos oásis. Não poderíamos esquecer os seus primeiros beneficiários”, considerou o padre.

“O Governo perderá muito se não criar um pacote para as cidades que são atravessadas por grandes rios”, avisou o engenheiro muito próximo das ideias que defendem uma



maior presença e preservação da natureza. “Katumbela, Malange, Dondo e Menongue, são cidades que ganhariam e muito com esse pacote de aproveitamento das zonas ribeirinhas. Essas cidades, com suas lagoas e seus rios, depois de uma medida dessa natureza, só poderiam ficar entre as cidades mais belas do país.”, defendeu o padre.

“Parece que as nossas orações têm chegado longe, já se ouve dizer que a floresta de Luanda já não vai ser destruída com as ideias de betão”, o padre sorriu e com a mão direita fez com gestos o sinal da cruz.

Quem está no complexo hoteleiro, fica vislumbrado quando divisa à sua esquerda do horizonte a grande obra de regime, uma ponte que atravessará o rio de leito denso e largo. A futura ponte, obra de arte que uns emblematicamente já a baptizaram de *O laço das duas cidades*, outros menos inspirados dizem ser “O aperto de mãos” da vila da Katumbela para com as duas cidades tão próximas e que lutam em silêncio pela melhor classificação turística. Os sinais de arrojo e qualidade nos traços de arquitectura são por demais evidentes: “Será uma língua suspensa nos braços de aço entranhados em duas ou três grandes torres que se elevam em grande altura”, tentou explicar o padre, mas pela dimensão e imponência da obra só mais três obras entrariam para o que ele classifica como verdadeiros símbolos da nossa grandeza: *A Barragem de Kapanda*, *o Polo Universitário Agostinho Neto*, essas obras vão durar para lá dos gostos, ou até mesmo muito para lá das posições ideológicas dos que nos vão substituir na existência.

“Gostaria de atirar os pingos de água benta contra essas torres de betão tão altas. Certamente, o meu nome ficaria igualmente registado nos livros de honra, e dariam conta quando um historiador mais curioso nos detalhes preten-

desse conhecer não só o nome da mais alta autoridade presente”, confessou o padre, e o seu olhar perdera muito da sua luz, parecia que tentava vencer alguma dúvida que a Bíblia não tinha sido suficientemente clara na explicação à volta do tempo. “O senhor padre acredita que assim conheceria um pouco da sua eternidade terrena?”, retorqui seguido de boas gargalhadas.

“Os nomes só ficam na terra com obras dessa envergadura. E mais, meu filho, diz o ditado que o homem só é homem quando planta uma árvore e escreve um livro”, replicou puxando o cortinado da sala para que tivesse maior ângulo de observação. “O padre omitiu a outra obra, se não a mais importante: ter filhos”, pensou o engenheiro decidido em não desmascarar os motivos dessa amnésia, “Bem, esse assunto não é para aqui chamado”, conformou-se.

Os casebres que foram construídos entre a margem esquerda e os montes, parecem parte e continuidades geológicas do morro. “Vocês sempre a pensar no cimento. Quem disse que essa gente presa no vale e montanhas e com espaços de horta por perto, precisam das vossas ideias de modernização que só descaracterizam o meio? Isso é África”, defendeu, por fim, a médica que estava tão absorta nos doentes que deixara em Luanda e que através do móvel corrigia as medicações. São casas construídas com adobes e permanecem nuas o que faz sobressair as linhas de colocação das fiadas de blocos. Os tectos são de zinco e segurados por pedregulhos para aguentarem a força dos ventos e chuvas e substituírem sem custo os grampos próprios para esse tipo de cobertura. Os cabritos seguem percursos arriscados, atingem os pontos mais íngremes das montanhas, como se os seus cascos fossem ventosas. E os humanos ficam pelo meio, “Nem pensar seguir as nossas crias”, pensam os mora-

dores avisados dos riscos de morte se na mesma aventura perdessem o equilíbrio.

“Vire os olhos ou mesmo o rosto, senhor padre”, pediu o engenheiro com o rosto colado no vidro da porta de pé alto e que serve de parede transparente para que os seus hóspedes não percamos nada dessa dádiva de Deus que há milénios aqui deixara cair quando entretido a distribuir as riquezas pelo mundo fora: “Meu Deus, no saco saiu um rio, posso deixar cair entre essas montanhas?”, perguntou o anjo, “Sim, anjo ajudante. Sinto que tem tido muitos ciúmes por deixar cair muita riqueza nessa terra”. Sorriu. “Tem alguma explicação?”, perguntou o anjo, mas Deus com gestos do tamanho do céu disse “É assunto meu”.

Voltando ao diálogo sem ficção: “Os olhos foram feitos para ver”, ripostou o padre tocado pela curiosidade mais terrena. “O padre é que sabe. Olhem para o que vejo, uma mulher de rabo ao leu defecando”, apontou para o que o seu olhar tinha descoberto. “Deviam ter saneamento, afinal de contas são poucas casas”, disse a médica buscando explicações de condições sanitárias rudimentares que mudariam o meio.

A conversa foi para outros rios e almas. Na cidade de Malange, casas de adobe ocuparam a zona que os colonos deixaram para que se construísse aí a zona ribeirinha, mas só a piscina olímpica estragada e irrecuperável ficou como o único vestígio desse ideal que faz falta e poderá mudar a face da cidade se os políticos abraçarem de forma apaixonante esse desiderato. O campo de futebol do antigo Benfica situado nessa zona ribeirinha foi ocupado por milhares de construções precárias e é prova do abandono, porque os políticos não valorizaram as ensaiadas opções da cidade. “Como a memória se torna fresca e recuamos tantos anos da nossa vida”, matutei. Na principal rua da piscina, participei nas

corridas de trotinetas e numa velocidade estonteante e mortal só parávamos na *Estação hidroeléctrica da Kapopa*, onde tomávamos banho apesar do medo.

“Kifumbe, kifumbe”, gritavam os amigos.

“Olha o kifumbe, cuidado”, alertávamos os amigos sempre que víssemos homens despenteados e mal andrajosos transportando sacos de serapilheira às costas com supostas cabeças decapitadas, cuidadosamente embrulhadas e sem vestígios de sangue.

“Cuidado com o kifumbe das máquinas”, era uma advertência que passava de geração em geração. Por força desse quase mito, deduzíamos que os kifumbes matavam os seus irmãos para os crânios serem usados na aceleração das pás geradoras de electricidade da pequena subestação cuja produção de energia era deveras incipiente para alimentar toda cidade e grande parte da indústria cerâmica e de oleaginosas da cidade.

“Senhor Governador, tente deixar nessa obra o seu nome. Só aí poderá fazer nascer a cidade ecológica”, pedi logo que soube da nomeação do escritor Boaventura Cardoso, romancista. “Aproveite agora o febril plano de construção de um milhão de casas. Use parte dos projectos que vos cabe em construção de vivendas e prédios para que realizem a transferência de cidadãos dessa área ribeirinha, naturalmente oferecendo uma alternativa de maior qualidade de habitabilidades aos que construíram as suas casas em todo o perímetro da lagoa e do rio Kapopa. Acredito piamente que é possível criar-se uma outra relação da cidade para com o seu rio”, discursi ao telefone, e só paramos quando a linha caiu por falta de saldo. O Governador não usou o seu saldo ilimitado para concluir a conversa. Não sei se poderemos avançar nessa direcção, mas aqui estarei para ver se mais uma vez deixamos de aproveitar as riquezas que Deus deixara cair.

## “Lugares”

A terra será sempre uma questão que os políticos não poderão adiar por muito mais tempo como se tivessem uma caixa mágica na qual as dificuldades pudessem ficar adormecidas para sempre. “Não será fácil esfregar os olhos e depois sacudir com o corpo os problemas”, disse a professora para o marido enquanto colocava toda atenção à manobra de estacionamento da viatura frente a mansão de praia.

Muitos cidadãos acreditam que as estradas abertas e de bom tapete tragam à capital algumas notícias acompanhadas de sinais de preocupação. “A rapidez das estradas, não lhes facilita a vida”, responde o marido depois de trancar as portas. “Devem odiar o Ministro das Obras Públicas”, largou uma gargalhada.

“Antes o país não existia porque a guerra o tornava numa pequena ilha cercada de silêncios sepulcrais. Agora, felizmente muitos aproveitam esticar o carro acabadinho de comprar para fazerem uma boa rodagem. “O motor dura mais”, justificam. Muitos outros, de boleia ou de autocarro, procuram voltar as suas origens para arranjar as campas das pessoas que mais amaram. Nessas viagens de ida e volta para lá das antigas ilhas, diz-me lá com sinceridade, como poderiam os viajantes e negociantes deixar de apreciar o mar, as

marginais ainda virgens, fotografar as palmeiras abanadas pelo vento, parar nas vilas, conversar com as vendedoras rurais que distribuem sorrisos fáceis, sem que toda essa vida e postais tão belos não lhes dissessem alguma coisa?”, indagara a professora.

O cidadão de Luanda tem pelo hábito de no fim-de-semana ou feriados esticar o carro lotado de vizinhos, primas e amigos até ao Morro de Veados e muitos banhistas decidem chegar até mesmo ao “Museu da Escravatura”, “Mais longe ainda: O Miradouro da lua como fim”, rectificou a esposa. Se os polícias do posto de controlo de Benfica, estivessem atentos e com mais zelo metessem o nariz dentro das viaturas e fizessem contas da lotação permitida, muitos banhistas teriam de descer das viaturas para concluir a pé o que lhes faltasse de percurso. “Umaz vezes a gasosa poderia servir para não aplicarem a lei”, zombou a professora. Todos os viajantes justificam que são puxados pelas águas e explicam que a paisagem “é bonita demais” devido à proximidade de cotovelo da Ilha do Mussulo e apontam para o verde rodeado de mar com tons de azul brilhante: “Ali, só para quem tem barco”. Nessas zonas as praias são de água morna e limpa com um metro de altura em grande extensão e largura, “Até parecem piscinas rasas”, informou a professora.

A pouca profundidade deixa os pais mais sossegados com as crianças nas traquinices e nos feitiços do sol. Esse deleite já não se encontra nos caóticos espaços da Ilha de Luanda. Com essas praias rasas os adultos ficam bem mais distraídos nos comes e bebes que acompanham as caravanas que começam o percurso nas igrejas e nos grupos de amigos da mesma rua. “Partem até das sedes da JMPLA. O sol, a água e um autocarro todo podre e alugado, serve para facilmente os mobilizarem na ida à praia. Querem demo-

cratizar o quê?”, lamentou a filha do dono da mansão de praia enquanto acertava o posticho de tons aloirados e no pulso tilintavam seis pulseiras de oiro pesado: “Essa gente quando sai da praia, é só visto. Loucura autêntica. Ficam com os rostos bem amarrotados, de tanto beberem. Deixam espalhado o lixo de latas de cerveja, garrafas de uísque velho, latas e até preservativos. O que eles não fazem na praia. Se olhares para o lixo até parecem pessoas ricas quando, é o mais certo, passam mal em casa e sem as refeições todas feitas”, comentam com raiva dois moradores das residências de luxo que vão invadindo o espaço que antes estivera aberto às preferências do “Zé povinho”. “É uma autêntica invasão, até parece excursão de gente do interior de Malange que nunca vira o mar. Creio até que os do mato agiriam com mais civismo e ordem, naturalmente, sabendo que não é esse o seu lugar e modo de estar”, protestou um dos residentes da mansão.

O jurista coçou a barba e mesmo sendo um simples convidado do respeitado senhorio, mas animado pelas quatro cervejas da sua conta de estômago disse sem hesitar: “Todos conhecem os lugares onde a população gosta de distrair-se em multidão desde que começaram a contar com viaturas na melhoria do seu nível social. Eu, ainda no regime de partido único, não tenho vergonha de afirmar isso, era aqui onde tomava banho e alugava uma palhota dos pescadores. Ninguém tinha cordas para empurrar-nos para mais longe”, disse contra os olhares desconfiados dos donos de casa. “Mas o que custa ao Governo ter esses lugares como zonas reservadas onde o povo continuaria a sentir os banhos de sol ou a rebolar-se nas areias para perceber o quanto é doce viver ao lado do mar?” e respondeu as suas próprias interrogações: “Se mandasse, nem que fosse só por um minuto, prepararia reservas de praias e zonas com portas viradas para o mar

para os equipamentos públicos que promovessem o contacto dos cidadãos do interior e do musseque com o mar”.

“Porra pá, será que bebeste e já vais num copo a mais ou ainda pensas comunista? Saiba meu caro convidado, essa gente não tem nível para apreciar tudo isso”. O pobre jurista ainda pensou em lhes convencer que no tempo colonial o contacto das crianças e jovens das províncias com o mar acontecia nos acampamentos e visitas guiadas que ocorriam na Floresta de Luanda. “Olha o que está a acontecer; cortam árvores e planam áreas para projectos imobiliários e ninguém diz nada. Será que a cidade só precisa de cimento e betão e os seus espaços de lazer público devem desaparecer?”, pensou mas preferiu guardar essa desilusão no fundo do seu coração: “A cerveja está boa”, disse alto para fugir das interrogações que já estavam na ponta da língua.

“Tens razão, se agirmos assim desaparecem os conflitos”, defendeu o padre que se sentia à vontade porque sabe que ninguém ousaria mandar-lhe sair do convívio de gente que tem algum poder. “Eu é que abro as portas do céu, eles sabem, hum!”, falou com os botões da batina branca. “A JMPLA que arranje um autocarro mais novo e carregue essa gente do musseque para lá do km 70. Quanto mais longe, melhor”, ripostou a menina das seis pulseiras de ouro. “Não puxem conversas amargas, apesar da comida e bebidas estarem em fartura”, encerrou o chefe de casa que se aproximou da varanda e pensou ao que via: “Essa gente parece formiga, meu Deus. Só mesmo um arame farpado e cães a poderão manter na linha”, cuspiu.

Muitos banhistas que partem das igrejas gostam de rezar horas a fio no “Morro dos veados”, os mais devotos chegam a enterrar cruzes no chão. Acredito que esses banhistas terão de acender centenas de velas pretas para que os



políticos no meio das insónias digam para os que querem tudo: “Meus senhores, existe espaço e lugar para todos. É uma questão de justiça. Primeiro defendamos o interesse público e no caso, a medida que lhes fará feliz nem chega a um meio campo de futebol. Não é nada contra o tamanho que vos vamos dar de bandeja”. O padre ainda tentou levar a menina à um canto da mansão, sabia que tinha em mãos uma ovelha tresmalhada: “Oh, Menina bonita, venha comigo”, insistiu sem sucesso. “Senhor padre, o que sabe o senhor do estilo e razões da nossa vida? Acredito que um padre residente na Igreja de São Domingos só conhece o coração de gente pobre e sem ambição”, a menina virou-se para dentro do seu mundo e o padre ficou a falar sozinho.



**MERCADO**



## “Aqui”

“Lá fora”, falo das praças de Londres, Lisboa, Nova Iorque e Tóquio. O ambiente social é cinzento, o desemprego cresce de forma galopante e o aumento do déficit público está na ordem dos 4 ou 5% do PIB. Esta situação provoca a falência de grandes grupos financeiros e de obras custeadas por eles, gerando o surgimento de milhões de famílias sem capacidade de cumprir com suas obrigações financeiras.

Os líderes políticos dos referidos países constataam que hoje vivemos a pior crise de todos os tempos. Alguns estão pensando em cruzar os braços e estão quase preferindo arrumar as botas, desistindo assim da missão. E pensam consigo mesmo: “É tanta gente a gritar, a ralar, ninguém se entende. A fila de favores não para de crescer”.

O Estado, na visão dos líderes políticos que têm bom estômago, precisa agir para defender o tecto e o consumo das famílias. As empresas não podem falir, o Estado existe para evitar essa catástrofe. Todos os dias surgem novas ideias, novas estratégias e a sociedade sente a presença do Estado apesar de algumas críticas.

Os mais cépticos acreditam que a acção do Estado veio tarde e que seus líderes estavam dormindo enquanto as coisas aconteciam. Os líderes fazem das tripas coração para acu-

dir os mais necessitados, mas a situação é muito efémera e os dados alteram-se de forma muito volátil.

Em meio a tantas necessidades, verifica-se que alguns no auge do desespero pensam que são os últimos da fila de pedido de socorro. A gestão das expectativas é algo insólito, basta um pequeno dado negativo, tirado do quadro estatístico dessas praças económicas que de imediato o estado de ânimo dos consumidores muda e eles se afastam dos produtos; adiam os processos de compra de novas e velhas viaturas; não aceitam as ofertas de financiamento para a compra da primeira casa, cortam com tesouras de jardim os cartões de crédito e as empresas ficam na dança vertiginosa da bóia na tormenta.

Há um ano e meio, apresentei num texto na Internet dezenas de sugestões sobre a poupança:

*“Passe pelo velho sapateiro de rua e mude a sola e o tacão dos seus sapatos”. “Saía da cintura especulativa das grandes zonas metropolitanas. Percorra o troço Luanda Malange e compre porco preto - a melhor carne -, galinhas e cabritos. Encha a sua arca para seis meses”. “Comprem verduras e a mandioca para diminuir os custos com o arroz e outros farináceos importados”.*

Neste texto, sugeri também que usassem as poucas poupanças para comprar os títulos da dívida pública, que dessem uma especial atenção a tabela do BAI que há um ano era bastante atractiva e informei que esse processo estava isento de qualquer esquema particular, ou seja, todos poderiam ser beneficiados igualmente.

Diante disto, façamos então uma pergunta: Será que essas sugestões podem ser protegidas e entendidas por todos os consumidores que têm de contar os tostões por viver-

mos sempre num patamar de preços muito altos? De acordo com os noticiários só a velha Paris é mais cara do que “aqui”.

Numa tentativa de colocar em prática as ideias expostas em meu texto ao passar por Kanjala comprei mandioca, feijão fresco e do melhor, mel, batata-doce e muito tomate. Fiquei feliz porque eram centenas de viajantes que faziam o mesmo. Não vi semblantes marcados com veias grossas de poucos amigos, pagavam com gosto e nem faziam questão do troco: “Eué, Papá, está a virar as costas aos trocos?”, advertiam com sorriso. Constatei inclusive que as vendedoras rurais não cobravam mais do que o produto custava, por isso não nos incomodávamos em deixar o troco. Nesta viagem, ouvi as seguintes afirmações dos viajantes: Na capital, é raro não tocarem de forma abusiva nos nossos bolsos”. “Raspam o fundo”. “Eh, bom preço. Em Luanda, essas quantidades de géneros ficariam ao preço dos olhos da cara. Teríamos de somar muitos salários”, confessou um outro viajante.

A minha preocupação é que no ano de 2009 o Governo mantenha muito aberto e sem limites os cofres públicos, obtendo uma soma expressiva de empréstimos de origens distintas com custos altos como se fôssemos a única ilha imune ou distante das perturbações de mercado. Digo isso, porque o risco é mundial. Sem dúvida, cada tostão bem aplicado, será a nossa salvação. De acordo com os economistas, precisamos rever decisões e projectos para equilibrar as contas.

Por outro lado, precisamos ficar atentos para que os cidadãos não paguem a factura pesada das grandes multinacionais que têm feito o movimento de deslocamento e conservação do seu mercado externo para que a sua carteira de encomendas não fique no vermelho, porém no nosso cenário interno os produtos e serviços dessas multinacionais registam custos superiores ao período rosa da eco-

nomia. Com esse jogo desleal, acredito que os seus representantes podem ganhar muito por causa da nossa atitude de “ilha blindada”, já que os preços de serviços; os equipamentos, a logística de importação de bens, direccionados para o mercado interno sobem significativamente todos os dias.

A causa desse abuso é a não fiscalização assídua dessas empresas que diante das crises buscam soluções rápidas através da ganância. O contexto actual é de baixa acentuada de preços e serviços, mas “aqui” pagamos com peso de chumbo, dizem os cépticos. Todos estão inconformados com a situação e reclamam porque não conseguem manter suas contas em dia devido ao aumento abusivo dos produtos. Alguns consumidores sussurram: “Os bolsos estão curtos”.

Um exemplo claro do aumento abusivo é o serviço dos restaurantes e de empreitadas. Encontra-se em igual posição os custos para com a saúde, medicamentos, livros, propinas, rendas e creches. Será que essa crise é suficiente para que o Governo crie “pacotes” para aqueles problemas que afectam os de casa?

O empresariado local sente o peso dos encargos internos e da crise mundial. «O dinheiro é caro», dizem. As cooperativas de habitação deixam mais de cinco mil sócios sem as suas poupanças e sem resposta para uma interrogação constante: “Quando teremos o nosso tecto?”. Em função disso, levantamos “aqui” uma interrogação: Que forma e dimensão teria o nosso “pacote” para terminar com o sofrimento dos sócios e dos empresários que querem investir?

Chegam felizmente das praças fortes da economia notícias sobre os “pacotes” para cada um dos problemas gerados pela crise. Existem pacotes até para cem trabalhadores à porta de uma fábrica em vias de falência. O protecționismo



e intervencionismo entraram outra vez para o dicionário das economias modernas.

Particularmente, gosto da palavra “pacote”. Ela tem estilo e encontramos no seu micro detalhe e dimensão física o cidadão confrontado com os problemas que o rodeia. O plano plurianual é mais complexo, apresenta uma certa dialéctica, mas não tem a visibilidade desejada pelo cidadão que irá usufruir dele. Para o meu bairro, a velha Vila-Alice, eu preferia o pacote que tivesse como ponto principal as soluções para o saneamento básico, já que temos centenas de lagoas de águas putrefactas por falta de inclinação das sarjetas de grande diâmetro. As obras de embelezamento dos passeios das nossas artérias com piso de azulejo de luxo são desnecessárias. Precisamos de um pacote que provoque uma intervenção forte, que levante o asfalto, corrija e reconstrua as linhas de esgoto das águas pretas. Temo que não tenhamos um pacote escolhido por nós da Vila-Alice. Escolhemos como dimensão da nossa crise: “O saneamento já”.

Conclui-se que temos “aqui” uma cidade que começa a ser travada por apresentar muitos micros problemas. Muitos cidadãos andam nervosos até consigo próprios. Ninguém mais se preocupa em fazer as dez boas acções necessárias para que o seu dia-a-dia possa ser melhor. A cidade é seduzida pelas torres de vidro e surge um dilema: “Que cidade teremos?”, ninguém espera pelas respostas.



## “Pacote”

Os cidadãos não querem ouvir outra palavra de ordem que não seja o «pacote», mas há uma curiosidade à volta do conteúdo dos pacotes. São pacotes para isto e pacotes para aquilo, afinal de contas a crise não escolhe um só vector de direcção, todos os mortais e organizações estão na corda bamba. Encerrado o Fórum Económico Mundial, em Davos, na Suíça, um economista aproveitou o microfone aberto para gritar que o encontro “limitou-se a um patético choramingo, uma ausência de diagnóstico consistente e de propostas simples”. Oded Grajew não poupou os presidentes de países poderosos em suas considerações ideológicas sobre o Fórum Económico Mundial e descreve Davos como “apenas um bom lugar para praticar esqui e comer bem”. Eu não sei se poderia existir maior pessimismo e fel.

“Onde está o leme?”, precipitam-se todos. Navegar à vista não é fácil, todos assim pensam, alguns políticos até sentem um certo prazer mesmo diante dessas anormalidades e confessam que só passando por essa dura experiência poderão medir o pulsar da nação, já que “enrodilhar um rolo de lã é fácil, é só pegar numa das pontas e fazer rodar o seu carrinho”, confessa um filósofo. Já ouvi comentarem com apertado desalento que o Presidente dos Estados Unidos,

Barack Obama, chegou ao poder num mau momento e muitos prognosticam que essa será uma crise que lhe vai criar água nas barbas. “Coitado”, dizem em coro. Penso até que os africanos rezam com muito mais fervor do que se pensa para o Presidente americano ter muita saúde e sorte todos os dias. Acredito inclusive que alguns o fazem com mais ardor e fé do que fazemos quando rezamos para que os dirigentes africanos tenham saúde e recebam luz que ilumine os seus passos para aguentarem bem o balanço do barco.

Os pacotes em África são curtos ou amolgados, uns já tinham diagnosticado que os nossos desencontros com a felicidade são por causa de existirem sacos rotos e não sei se teimosamente lhes vão dar o lugar que têm merecido na Europa. Logo: “Quem não poupou quando havia fartura, não poderá ter recursos para acudir as aflições no tempo das privações. O tecto desabarará por se ter deixado ficar muito tempo debaixo da sombra da bananeira”, ameaçam os economistas, os padres, artistas e jornalistas. “Classe dos insatisfeitos crónicos”, apontam os políticos. Agora que todo mundo grita, saber o quanto economizamos no período das vacas gordas deve ser o caminho de preocupação de muita boa gente. Certamente, ninguém querera ouvir dizer com algumas desculpas esfarrapadas que a crise nos vai encontrar mal preparados e colocará no pescoço de cada um de nós uma corda pronta para fazer estragos. Será difícil acreditar que os que seguram as rédeas do país estivessem tão eufóricos e embriagados com os excedentes que se esquecessem de ser prudentes e meticulosos nas escolhas durante tão prolongada bonança. “Quem não sabe que o dinheiro está bem guardado? Quem assim se atreve a pensar só pode ser um pessimista”, descansam os políticos na governação das finanças públicas. A vida é feita de forças muitas vezes con-

trárias. “Logo agora que estávamos embalados em crescimento atrás de crescimento, surge esse azar comprado pelos países ricos”, comentam os que tendo o volante em mãos teriam prazer em conduzir longe dos buracos da crise.

“Aqui” fala-se muito na estratégia dos países nórdicos que fizeram suas acertadas opções durante o período das vacas gordas. Esses países criaram fundos de soberania para terem um escudo e guardaram aí os dinheiros provenientes da subida de preços e dos excedentes de extracção de petróleo e gás. Para pouca gente passará despercebido o facto de na sanzala quando a colheita é de boa safra por causa da ajuda do clima ou porque se sacrificara um bom vitelo na altura da sementeira, os velhos constroem celeiros com a al-cunham de «*Aqui está o amanhã*», e os da cidade riem-se quando assim falam da sua prudência. A sabedoria popular é milenar, tiveram tempo de sobra para errarem quando ainda se usava os rufares de tambor para fazer passar as boas e más notícias. Devemos escolher esse caminho e mais do que isso, já que temos maus exemplos dos nossos irmãos nigerianos, suponho mesmo que deveríamos ser mais arrojados e juntarmos todos olhos à volta desses bens ou «fundos» que assegurarão o hoje e o futuro da nação. «Os bens só crescem com os olhos dos donos», diz o ditado. Não ficaríamos mal na fotografia das nações se assim procedéssemos. Criaríamos uma gestão *on line* dessas aplicações, poderíamos acordar e saber se os rácios da conta de todos teriam registado algum aumento ou quebra brusca das mais valias. Temo que a conversa sobre essa questão resvale para argumentações que colocarão sem valor e sem crédito essas ideias até porque dirão de forma jocosa que os poetas sonham muito. Todos sabem que o mundo tem sido construído graças aos sonhos divididos com os políticos.

A crise é iminentemente global, logo o dinheiro torna-se escasso para acudir tanta falência e projectos de renascimento. Cabe ressaltar, inclusive, que até mesmo o crédito da China já não chega ao mercado financeiro ao preço da chuva e de rebuçado. É interessante como são vertiginosos e quotidianos os passos dos políticos em direcção aos problemas e protestos. Uns acham que foram apanhados de surpresa e não tiveram tempo de dar os primeiros passos, porque os problemas bateram ou chegaram cedo às suas portas. Agora é tarde, não têm como construir muros altos capazes de afastar o barulho para bem longe e sem afectar a cesta bem passada na paz dos anjos. Ouvi um padre dizer na homília que “Os políticos não devem dormir, se dormirem as ondas os levam”, disse com algum exagero, mas no meio da oração e terço as cabeças dos crentes fizeram gestos de anuência: “Aleluia”.

Temo que “aqui” devido à situação conturbada em nível mundial, surjam os tecnocratas abraçados aos políticos e em sã cruzada contra os projectos de impacto social. “Estes projectos do falido ideário estado social devem ser os primeiros a cair e em grande rodo” dirão os tecnocratas ao recordarem a cartilha “comunista”, o que fará com que uma boa parte desses projectos sejam abandonados. Serão olhares cúmplices e de enamorados uns para com os outros, como se tivessem uma dívida antiga por saldar através dos verbos. A política parece ser a única corrente que aproxima os extremos. Não errarei se concluir que os primeiros apoiados em bons e firmes conceitos económicos das melhores cátedras defenderão a lamuriosa e burilada ideia de que é preciso cortar o pacote das “bolsas” de estudo. Dirão com a voz quase em lágrimas, é claro, e com ajuda dos operadores de câmaras de TV – temos duas agora – e com requintada

maquilhagem de estúdio. Com igual tom choroso dirão ainda que não valerá a pena pensar no “Crédito aos estudantes do ensino superior. Eles que se virem e contem simplesmente com a solidariedade dos pais”. Um outro, em algum canto onde se discuta “O que fazer?” em África, gritará “cortemos no crédito à habitação”.

“Gastar melhor, não é o mesmo que fazer cortes às cegas nem colocar no mesmo saco os bons e maus projectos”, mas esses cidadãos serão menos ouvidos porque parece que a palavra de ordem que vai crescer é a palavra: “Corte”.





## “Ah Ah Ah Ah Ah Ahhhh”

No hall de entrada dos hotéis Alvalade, Trópico, Presidente, e de tantas outras unidades de cinco estrelas, o que caracteriza as suas salas de estar é a intensa azáfama dos que se sentam em conversas de ouvidos perto uns dos outros. “O mundo sem palavras, definharia até desaparecer”, essa frase que ouvira da boca do padre interrompeu o fio das minhas cogitações. Para os que gostam das estatísticas, posso informar com toda certeza que depois de pisares esses espaços e colocares os ouvidos bem abertos, como quem está à procura do código de um tesouro, constatarás que as palavras mais ouvidas e que ultrapassam por conta da euforia o círculo fechado de negociantes espalhados pela sala são: “milhões de dólares”, “entrevistas”, “audiência”, “ministro”, “estradas”, “barragem hidroeléctrica”, “estação de tratamento”, “angolanização é tudo”. Os tradutores muitas vezes ficam nas dúvidas quando não encontram o melhor termo técnico. “Um momento chefe, o chinês não entendeu a noção de consórcio. Vou demorar-me um pouco mais com os detalhes para ver se apanham a ideia”, pedem os tradutores. “Deixa claro que tudo deve ter como princípio sagrado o processo de angolanização e que essa é uma ordem do Governo até para que os locais possam ter alguma coisa”, avisam com voz

seca os empresários angolanos. Mas existem outras palavras fortes: “café”, “açúcar”, “cigarros”, “uísque”, “água”, são palavras restritas dos empregados de sala.

Os que vão chegando com o correr dos ponteiros perto das nove horas da manhã, encontram menos espaços e cadeirões. Os mais sortudos, empurram os sofás para fazerem novos círculos fechados de negócios. As nuvens de fumo ficam paradas sobre as cabeças de homens debruçados sobre a mesa de centro onde são expostos os produtos ou revistas de publicidade. “Senhor, veja o que já construímos? Arranje a entrevista com o Ministro, abra-nos as portas e você ganha uns trocos mais tarde”, insistem os empresários estrangeiros ao reconhecerem uma certa relutância e desconfiança por parte dos negociantes locais: “São espertos. Abrimos as portas, depois só vimos navios. Diga-lhes, de uma vez por todas; só respeitando as leis de investimento estrangeiro podemos fechar a pareceria”, ameaçam os locais convertidos às virtudes da política de angolanização.

Num outro espaço contíguo à entrada de parede de vidros metalizados, facilmente se detecta o calor das expectativas provocadas pela chegada de muitos visitantes enfatuados e com perfumes em excesso “O ar está irrespirável de tanta fragrância. Só pode, tomaram banho de perfume. Vaidosos de uma figa”, queixou-se com desdém e ciúme uma hóspede francesa que sofre de crises de sinusite e que se dirigiu à rua. No exacto momento em que atravessava as portas altas do hotel, irromperam quatro homens de complexão física de lutadores de artes marciais e os da frente tornados guardas de choque levavam duas pastas diplomáticas bem pesadas e prenderam as portas abertas para o suposto empresário “entrar a matar”, como se diz na gíria popular. A sincronização dos movimentos, os gestos estudados do em-

presário denunciavam uma perícia adquirida com muito treino. “Verdadeiro ballet de exibição de poder”, terá pensado a hóspede quando finalmente atravessou a porta levada pela mais terrena curiosidade à volta das encenações. “Será que os nossos parceiros acabaram de entrar? Os fatos usados parecem ser bem caros. Devem ser eles. Vamos encarecer as conversas até para que saibam que quem se mete com chineses é preciso ter paciência”, tentam adivinhar os chineses, todos abraçados numa só causa: “Sacamos das mãos dos locais os projectos. Ah, depois vão chupar no dedo. É o nosso dinheiro que faz o mundo girar”, sorriu o chinês mais idoso. Os ingleses, os portugueses, os russos, os franceses e também os cubanos agora seduzidos pelo capitalismo, todos têm uma só ideia: “Ou é agora, ou nunca, porque o prato do dia, infelizmente é a repetida ideia de angolanização”, dizem com desdém. “Nasceram para ser pobres”, avançam os mais radicais.

A recepcionista de olhos verdes, com postições longos constituídos de fios que mais parecem ser retirados de cabeças de mulheres indianas, piscou os olhos para o empresário rodeado de guardas: “Deves entrar agora em cena, tá bem?”, leu para si mesma os gestos que fazia. Tratava-se de sinais e olhares trocados de forma muito demorada. “Preciso de mais cinco minutos. Deixa a cena ficar mais natural”, terá respondido o suposto empresário de sucesso com outros sinais não só concentrados nos movimentos dos lábios, como também nos dedos ocupados com anéis de ouro. Quem seguisse com atenção essa exibição de gestos, concluiria sem dificuldades que ambos não tinham o domínio da linguagem gestual. “Os polícias secretos fazem uso dessa ferramenta”, pensou a recepcionista. É verdade que existia nos seus gestos algo exagerado, por vezes patético até, mas ninguém dava conta desse defeito de comunicação. Sabiam viver com essa deficiên-

cia porque “a sintonia tem sido perfeita. Somos um par imbatível”, elogiou-a um dia o empresário enquanto entregava um envelope com vinte notas de cem dólares. “Tem sido assim, mas um dia eu faço greve para aumentar no preço”, aproveitou a recepcionista de longos indianos. Interessa realçar que os defeitos de comunicação gestual, no que parecia ser o dia da semana mais lotado no hall, quinta-feira, não eram visíveis, porque o ambiente no hotel de cinco estrelas estava fervilhante. Todos têm de saber lidar com alguma confusão própria dos Check in e out de hóspedes apressados porque fazem parte de uma cultura que considera que “tempo é dinheiro” e novas agendas já estavam fechadas em outros mercados.

“Senhor Kipungo, por favor, Senhor Kipungo, repito”, clamou a recepcionista com os lábios pintados de vermelho que afloravam o micro aberto a cada vogal que puxasse mais pelos seus lábios. “Senhor Kipungo, é urgente”, repetiu com voz bastante convincente. As duas repetições das chamadas, para os negociantes mais atentos, foram consideradas “despropositadas”, mas fez baixar o tom de voz estridente das negociações abertas, espalhadas em círculos sem qualquer privacidade como ditam as regras descritas nas melhores cartilhas de negócios. “Nesse triste espectáculo a alma do negócio já era”, criticou o padre que procurava um grande patrocinador para as causas da caridade em benefício da Comunidade de São Domingos fustigada pelas chuvas. “Senhor Kipungo, tem em linha uma chamada do Gabinete da Presidência. Querem falar consigo com urgência, pode ser?”, levantara a voz, com intocável ênfase e dicção. Não era comum, mas para que não existissem dúvidas da importância da chamada, usou o inglês de forma perfeita ante a curiosidade de todos os negociantes locais e externos. “Éh, quem é

esse gajo. Deve ser pesado, não?”, perguntou um empresário ocupado nas negociações com os portugueses e postados num dos cantos mais distantes do hall. O empresário local pretendeu ouvir do seu sócio as impressões à volta da cena. “Caro sócio, estamos sentados num hotel de cinco estrelas. Não será raro, oiça o que lhe digo, encontrarmos muitos locais com mais poder do que nós os dois juntos”, explicou o sócio com a voz tocada pela tristeza indecifrável, não se poderia apontar como causa os efeitos próprios da inveja.

“Diga que já vou, só mais um instante”, respondera o empresário. Com calma retira da pasta segurada pelo guarda mais alto um dossier de capa vermelha, com letras cunhadas em oiro. Dirigiu-se à recepcionista e segurou no telefone que lhe fora passado com grande parcimónia. “Aló”, gritou de forma despropositada e sem modos. “Diga à Sua Excelência, Senhor Presidente, que tratarei do assunto que me pedira, infelizmente só amanhã.”, retorquiu e pegou no dossier e abriu aleatoriamente: “O financiamento vai ser encontrado”, falou em Inglês e reparou que quase todos deixaram no breve intervalo forçado pelas suas palavras as diversas negociações. “Ah, é o meu poder de encenação”, falou com os botões. “Esse angolano é que devia ser o nosso sócio”, disse um russo que tentava vender uma turbina eléctrica desmontada numa das cidades da antiga Federação Russa.

O empresário voltou para o seu lugar, mas foi minuciosamente seguido pelos olhares de quase todos, mesmo os locais pensaram que estavam em presença de um forte aliado que devia ser aconselhado e mobilizado para um novo tipo de aliança pela angolanização, teorizaram. Os altifalantes deixaram passar barulhos de afinação do volume, é próprio de quem pela matreirice queira baixar o tom de voz de uma sala abarrotada de falantes eufóricos: “Senhor Kipungo, é

para si outra vez, desculpe mas o senhor não atende as chamadas do seu móvel. Deve estar no vibrador, só pode”, disse a recepcionista de cabelos longos. “Quem é?”, perguntou em voz alta. “Agora é sua Excelência o senhor Ministro das Obras Públicas”, informou usando o micro com o volume bem alto. “É o general?”, perguntou. “O senhor sabe melhor que eu quem são os ministros que não o deixam dormir”, disse nas duas línguas. O empresário apesar de rodeado de guardas, não conseguira chegar até à recepcionista. Quase todos negociantes tinham barrado os seus passos com estilo de estadista. Tinha a seus pés uma fila desordenada de empresários que avançavam com as propostas estendidas: “O senhor é muito importante para nós e por isso mesmo, aqui onde se nota o pulmão dos negócios, decidimos para nosso bem e sua radiosa prosperidade torná-lo nosso estimado sócio”, avançou o alemão. “Quero-o como nosso parceiro”, gritou o Cheik Kamir Jabá, do Dubai. “Eu sou português, trago um banco sem títulos tóxicos”, a este o empresário desviou o olhar.

Já no fim do dia, num outro local da cidade, o empresário Kipungo entregara à recepcionista um envelope: “Aqui está a prenda, aumentei em mais três mil dólares, porque até falaste em inglês”, sorriu. “Não, não foi fácil. Todos caíram na mentira. O que importa é que todos saíram felizes”, entrou no seu BMW e fez um adeus. “Amanhã, mais?”, perguntou o empresário em resposta ao adeus efusivo.

## “Caviar”

Mesmo que tivéssemos de sair de uma prolongada amnésia, para voltarmos a andar com o mundo e sua vida, acertar o relógio e seguir o seu ritmo, facilmente poderíamos ajustar o nosso “acordar” com as notícias que dominam as manchetes dos jornais. Vejamos os recortes de algumas notícias:

“Carne de porco fica nos 1,60 reais e produtores pensam em parar a engorda.”

“Boi está nos 79,03 reais.”

“Venda de frango, mesmo ao desbarato, não sai. Os países não compram.”

“Leite tipo C está nos 0,59 reais.”

“Preço das viaturas, mesmo baixos, não anima os compradores.”

“Casas ficam ao preço de brinquedos.”

“Juros são colocados nos 1,50 % e nos Estados Unidos da América, dizem os analistas, vão chegar aos 0,50 %.”

“Cereais caíram muito.”

“Bancos anulam planos de investimentos.”

“Óleos de mesa ao desbarato.”

“Empresas da bolsa dão menos aos accionistas.”

“Mercado angolano é o melhor destino de bens.”

Acordados para a nossa realidade, infelizmente o ambiente é de grande euforia dos donos das grandes centrais logísticas de géneros alimentícios, bebidas ou de equipamentos electrónicos. “Esses senhores não choram e todos os dias rebentam garrafas de champanhe acompanhado de caviar”, acusam os locais da classe média e, apesar de não estarem no fim da lista das diferenças sociais, mesmo assim não deixam de contar os tostões para providenciarem o que deve sobrar para a saúde, educação e outras necessidades. Devido a generalização na subida dos preços, qualquer cidadão coloca também na lista dos que melhor aproveitam a crise os empreiteiros de todos os ramos de obras públicas. “É uma conjuntura balizada entre tendências que retraíram o consumo e a inevitável queda”, tentou explicar o economista como se quisesse ensinar, numa mesa de bom vinho e gargalhadas, o que caracteriza as causas de toda a crise que estremece os mercados.

O almoço de sábado foi oferecido por um amigo basquetebolista, por razão do seu aniversário, e a conversa ganhou dinâmica ainda no seu início de águas, uísque seco, caipirinhas de maracujá, música lenta e entradas de aperitivos leves. “Deixe-se desse bla-blá bonito. O problema é que os políticos não sabem por que carga de água o vector de preços que domina a nossa sociedade só tem estado na posição vertical. Não tenho receio em dizer que são muito ingénuos os esforços tendentes a inverter o quadro. Interessaria dizer de modo simples que a sua posição dos preços mais parece um míssil apontado às estrelas”, ripostou um filósofo que tentou desvalorizar as explicações do economista. “Mergulhe na vida real e deixe em casa o tratado de mercado. Você é cego ou não tem bolso?”, perguntou com desprezo e o economista entendeu por bem abandonar a



mesa: “Vou explicar o quê? Essa turbulência e incertezas dos mercados, só facilitam o discurso dos filósofos”, saiu de mansinho para dançar com alguém que olhara demoradamente para ele. “Uma boa passada, ver de perto o seu sorriso, é o prazer seguinte”, convenceu-se.

A inquietação à volta dos preços não deixa de ter as suas razões. As setas de preço apontadas para o céu contrariam a nossa condição de parte integrante do planeta onde de forma tão evidente todos os dias são avançados números de queda de preços de tudo. “Se pedíssemos a pena de Saramago, ele diria que somos uma ilha perdida num mar que nem faz parte do planeta terra”, murmurou uma jovem que seguia atentamente a conversa. “Ouviram na rádio o que disse um dos responsáveis da *Comissão de Reestruturação da TAAG?*”, uns tantos disseram que sim, mas a maioria à volta da mesa respondera que não e que gostariam que continuasse o seu raciocínio e leituras da crise. “Teve o descaramento e por ajuda a insensatez de dizer mais ou menos o seguinte: “Os preços de bilhetes têm caído em todo o mundo, mas “Aqui”...” Sorriu antes de continuar. “Os angolanos ainda compram os bilhetes mesmo estando nos preços que estão. Não mexeremos um cêntimo que seja, temos um mercado especial”. É uma vergonha, só faltava agora fazermos greve na compra de bilhetes da TAAG, pois só assim, pelo que ele nos quisera ensinar, cairiam os preços”.

Não é difícil reconhecermos que são as falhas de mercado que fazem aqui o movimento inverso da tendência mundial de queda dos indicadores de preço. “Se desfolharmos com atenção as planilhas de custo das grandes e médias empresas que participam nos concursos de obras públicas, seja de que natureza for de engenharia e dificuldades, entenderemos como o país tem pago sem pestanejar a crise dos ou-

tros. Pagamos os preços que o seu mercado há muito rejeitaria”, concordaram quase em coro as nove vozes à volta da mesa. Um cidadão pegou no exemplo dos chineses e tentou demonstrar que quando chegaram Aqui até que foi um grande alívio para muitos que acreditaram que os “preços” insuportáveis cairiam redondamente, “Mas foram foguetes de pouca dura. Foi só o tempo de picada da ganância e a mais natural euforia dos que precisavam de fazer obras com as poucas poupanças deu lugar ao maior cepticismo ainda que sejam rápidos nos cronogramas”, acusara o engenheiro sentado à minha direita. “Passas horas e mais horas a navegar na Internet ou em pilhas de jornais passando de página para página e ficas com a nítida impressão que Aqui as leis económicas mais parecem ser fios de sangue que alimentam as sanguessugas que abandonam os mercados de Lisboa, Rio, Taiwan, Mali e de tantas outras paragens.”, disse com força de alegoria o engenheiro.

Um dos convivas não deixou de ficcionar, tinha dados e detalhes para deixar bem ciente que não poderia ser outras as artimanhas dos que subvertem a ordem económica aproveitando as nossas falhas: “Os bancos estão com dificuldades em Portugal e colocam em ponto negativo os seus investimentos, mas lá pelas áfricas, todos vocês ficam com sorrisos demasiadamente abertos e tal generosidade não é porque querem ser simpáticos com os locais ou numa outra leitura possível, devido as cores fortes que sempre deixam o coração dos europeus mais abertos às alegrias”, criticam os líderes de esquerda quando no Parlamento dos seus países, exigem dos banqueiros melhores explicações sobre os riscos. “Lá, felizmente, tudo são ganhos porque só agora engatinham nas leis de mercado. Os juros estão nos 16%, com títulos de dívidas públicas desvalorizados. Ah, comis-

sões altas. É a nossa árvore das patacas”, respondem os banqueiros e pedem que falem longe dos jornalistas. “Raça de apátridas, são capazes de estragar tudo”, argumentam esfregando as mãos de contente. “Mas existem patrícios que levam um ou dois contedores e voltam ricos. Isso é verdade?”, perguntam os deputados de esquerda. “Sim, nós financiamos e os nossos cidadãos já no mercado, tratam de adicionar aos preços os 1000% ou mesmo 3000%. Alcançam o que em Lisboa ou Porto jamais conseguiriam lucrar. Eles dizem-nos que basta dois anos de negócios e pronto, estão feitos.” “Não levam indústrias às costas?”, perguntou um social-democrata.

Seria bom que a crise tivesse o condão de fazer-nos parar um pouco mais para encontrarmos métodos de impedir a lógica nefasta da formação de preços para a carne, o arroz, o açúcar, as mobílias, as viaturas, até mesmo os das casas. No entanto, existe um discurso político que começa a interessar aos consumidores. “Quando estivermos na presença de falhas de mercado é de esperar uma actuação do Estado no sentido da sua regulação”, sublinhou em tom professoral o Ministro da Economia, Manuel Júnior. Não é difícil reconhecermos que essas ditas “falhas” já são sistémicas, avisam os consumidores e os que nada têm nos bolsos rotos. Todos esperam que o Governo nomeie uma *Autoridade da Concorrência* com poder suficiente e possa colocar as tabelas de preço sob vigilância do seu crivo regulador pois é difícil entender as razões económicas da subida de todos bens da cesta básica, de obras públicas e dos serviços. “Os 35 %, deveria ser o número sagrado na prática de comércio. Mais do que isso é pura ganância. É preciso que o Governo dê provas de que conhece o mercado mundial de preços e dite sem tréguas as regras que beneficie o consumi-

dor e as famílias”, sugeriu o engenheiro e quase pareceu chorar por dentro. Infelizmente, muitos economistas, há mais de dez anos garantiram que o mercado por si só funcionaria e chegaram à apostar que em breve voltaria aos patamares de decência e devida ética. “Falharam na virtude”, acusou o engenheiro. “Mais caviar, aqui é só subir”, pediram em coro os importadores reunidos numa sala de vidro de uma torre qualquer de Luanda e o mar como pano de fundo.

## “Cordas”

Sair de Luanda para chegar o mais longe possível e com a pequena cidade da Barra do Dande apontada como o fim de viagem. “Tentar respirar outros ares e se possível puro”, era uma aposta vencida. As estradas estão convidativas apesar de alguns troços congestionarem aqui ou ali o trânsito. “É nesses troços ainda em obras e com saída apertada onde mais se sobressai o desamor entre nós”, reclamou a minha esposa. “Éh, os carros são atirados para as bermas da estrada e depois de ganharem vinte viaturas ou mesmo toda a fila, voltam à estrada atirando a frente do carro para o asfalto e com ameaças de colisões”, disse e acrescentei: “Ninguém no seu verdadeiro juízo, quererá ver a lata estragar o que tanto nos custara comprar”. Pensei na viatura e nas pessoas que ocupavam todos os três lugares do jeep. Impropérios saídos da boca dos condutores mais nervosos aumentavam as tensões. É raro encontrar a paz nas estradas, todos querem passar por cima uns dos outros. “Assim não dá”, gritam os mais comedidos na condução feita com um terço na mão. “Filho da mãe”, replicou uma jovem que atravessara a estrada e se sentira ofendida na sua intimidade e integridade física. O motorista de uma vã azul, cheia de passageiros, esticara o braço esquerdo e segurara nos seios da jovem indefesa. Mui-

tos passageiros acharam graça, as senhoras em silêncio, mas a lesada virou-se outra vez para a sua preocupação em terminar a travessia “Não venha outro malandro com o carro e mãos contra mim”, terá pensado.

Passamos pela famosa praça de comes e bebes do “Panguila”. Está tudo alterado, o visual transformado num curto espaço de um ano. “Num abrir e fechar de olhos”, Solange fez estalar os dedos “... pumba, as coisas acontecem à uma velocidade, só visto”. Muitas obras artesanais dos jangos, bares firmes em terra batida, tinham dado lugar as mais cuidadas mudanças para os tectos — agora de zinco — e os pisos foram cobertos de cimento para atraírem mais clientes exigentes e naturalmente com mais dinheiro solto nos bolsos. As mesas agora estavam exageradamente decoradas para o meio que mesmo assim ainda mantém os seus traços rústicos. No centro de algumas mesas foram colocados jarros com flores silvestres. Os laços azuis, amarelos, lilases como cintas dos encostos das cadeiras forradas com tecidos de cetim branco aumentavam os sinais de prosperidade. “O tempo enche-se de muitas novidades”, disse Solange que há dois anos não se aventurava sair fora da cidade. O caminho mais longo que faz, é chegar, sábado sim, sábado não, à Luanda sul. “É preciso olhar”, retorquiu a colega que esfregava as mãos de contente.

No entroncamento, entre Caxito e a Barra do Dande, reunimos a caravana dispersa pelo caos do trânsito e a paragem também serviu para matarmos a sede e trocar as primeiras impressões. “Muitos motoristas de jeeps é como se levassem no lugar do pneu de socorro uma roldana de corda sem fim. Pegam na sua ponta, atam-na numa árvore que mal ou bem sirva de marco, e lá vão, cientes de que podem tudo; e cercam Kms de terra no tamanho de municípios”,

explicou a colega que há uma semana fizera uma expedição em sentido sul. Tiveram a cidade do Sumbe como seu destino, e o assunto ainda estava fresco, e, por isso mesmo, falavam do que viram de diferente. “Os nossos olhares são confrontados com esses apetites sem limites”, disse com tristeza o padre que encontramos no caminho com um furo no pneu direito da viatura já muito velha. “Senhor padre, são arames de choque e de aberta ferida essa exibição de poder”, queixou-se Solange. “Oh mulher, não têm fim esses arames que nos afastam da marginal de praias de areia muito branca, com franjas brancas criadas pelas ondas baixas, mas muito velozes e com força”, replicou o marido. “Quem são os que fizeram essa vergonha na marcação mesmo nas nossas barbas?”, perguntou um dos presentes na caravana. “Essa gente tem mais olhos que barriga”, todos se riram. Nada que não possa passar ou ser atenuado através do bom humor, assim tem sido quando se está diante do sofrimento.

A problemática da terra vai ser um problema e os políticos não podem fingir que não existem os primeiros sinais, ou pensarem que ao não fazerem nada não despertarão a voz dos que pensam que o assunto deva merecer mais atenção e receber melhor tratamento. “Se os políticos se atrasarem na equação desse problema, certamente terão de usar mais tarde mil tesouras de aço para cortarem os arames farpados que fazem áreas reservadas onde cabe com muita margem de sobra a cidade de Luanda”, comentou um outro viajante que de forma voluntariosa vistoriava o ar dos pneus das viaturas da viagem. “Ainda temos muito caminho pela frente”, disse para justificar a sua febril tarefa. É preciso viajar para dar-lhes razão. “Tiramos a radiografia do país”, concluiu. Os arames curvos e rectos cortam montanhas, vales que se perdem do alcance dos nossos olhos. Suas linhas rete-

sadas afastam os banhistas das praias e muitas sanzalas estão dentro das cercas e os seus moradores não sabem os que lhes espera quando chegarem os tractores e seus donos. “A história não aconselha que alguém pegue num lápis, e no mapa deitado sobre uma mesa de reunião, trace sem modos os hectares ao gosto da sua ambição misturada com tiques de poder. A terra tem sido culpada de muitas desavenças”, avisou Solange. “Era preciso pensarmos que mais nenhum cidadão a quer quando, na verdade, já tem tão pouco para dividir com as famílias como gratificante herança”, disse o padre tão à vontade.

Eu sou de opinião que devemos ter uma agência que possa gerir a bolsa de terrenos das cidades. São milhares de cidadãos que são empurrados para as zonas degradadas, encaixados em espaços onde só cabe um quarto e mal podem incluir as paredes de Wc. Ter casa é o sonho dos cidadãos que torna os países mais fortes e para que “Aqui” se tenha igual felicidade, serão construídas um milhão de casas. Ainda assim, o Presidente da República já tinha tocado na necessidade do Governo ter em conta a iniciativa dos cidadãos para fazerem o seu número e parte através da auto-construção, pediu com crença. “Ninguém cumpre, é pena”, lamentou o padre enquanto apertava contra si mesmo a cruz.

O que falta mesmo é o cidadão que leva o seu sonho muito a sério poder encontrar os talhões semi-urbanizados para levantar o seu primeiro tecto de verdade. Esses cidadãos deveriam ainda poder encontrar disponíveis pacotes de crédito para os caboucos ou paredes, ou simplesmente crédito para colocar o tecto. “Os políticos devem usar a rapidez das novas estradas em nome do ‘Presidente’ e em cuidados de suas ordens anunciadas nos jornais e rádios, apresentarem sem rodeios a localização dos talhões que poderão



ser adquiridos sem esquema”, acrescentou. “Mesmo que esses talhões fiquem apertados entre condomínios de luxos e seus altos muros”.

No regresso, por três ocasiões, tivemos de fechar os olhos da nossa filha. Evitamos as imagens dantescas que sobreviviam das inexplicáveis colisões e em todas as mortes estava patente a perícia dos taxistas e motoristas embriagados. “Não têm explicação esses acidentes”, comentava com desagrado o polícia de trânsito que impedia que as viaturas passassem pelos feridos e mortos espalhados no asfalto. “É coisa de bêbados. Agora choram desalmadamente por cima do álcool. Deviam ter vergonha de estarem num mundo só deles”, criticou ao telemóvel Solange.



## “Desenrascanço”

“Ah, como nos vamos arranjar?”, perguntou o passageiro refestelado na cadeira h5, da 1ª classe, tão receoso que estava da sua aventura e pela primeira vez fazia um longo curso numa aeronave da TAAG, “Africana”, realçou para si mesmo sem muita tranquilidade. “Aqui, na Europa, nossa casa comum, já não temos lugar para fazer qualquer tipo de negócios que valham”, explicou sem deixar de coçar a cabeça que dava impressão ser pequena. Essa desproporção estava visível por força do corte de cabelo estilo executivo, mais raso nas fontes e contornos das orelhas. “Aqui não, se tiver em conta a posição do avião na sua velocidade cruzeiro, notará que já estamos no continente africano, e só restam quatro horas de viagem”, explicou o passageiro do lugar h6, muito certo na sua avaliação da trajectória do avião. “Você pá, pelos vistos é um habitué das viagens”, elogiou com um rasgo de sorrisos nos lábios, “nada que o sorriso não abre”, cogitou.

“Sim, a minha vida, ultimamente, se tiver que ser mais claro, direi sem errar que há três anos que é passada mais tempo fora da família, para ser mais exacto em Luanda e muitas corridas pelo seu maravilhoso litoral”, replicou Bettencourt.

“Então, é porque a opção de vida já tem dado bons frutos, não?”, perguntou querendo conhecer o saldo de sucesso do seu patrício e segurou no copo de uísque para o ambiente ter uma certa solenidade e ficar perfumado de álcool.

“Sim, com resultados animadores”, confirmou o sucesso de bolso com alguma vaidade e continuou a desfolhar a revista que trazia um dossiê muito completo sobre a crise mundial e os seus efeitos nos continentes mais pobres. Perdiu um uísque para sacudir o sono que aparecera de forma precoce ainda nas primeiras leituras das páginas do magazine económico. Tentou ler as primeiras 25 páginas, mas duvidava que fosse capaz de cumprir esse modesto objectivo, “Que sono inoportuno”, pensou e deixou sair um bocejo.

“A família sofre muito com a sua ausência?”, o passageiro do h5 notou que tinha escolhido uma pergunta banal.

“Sim, mas sabem que só assim podemos manter o nível de vida que têm graças ao que faço e consigo em África. Só em África consigo mexer os cordelinhos dos negócios e como são chorudos”, disse Bettencourt satisfeito e esfregou as mãos. O passageiro sentado ao seu lado sabia que não podia deixar escapar essa oportunidade que tinha em entrar no mundo dos negócios, na verdade empurrado pela mão da experiência que denotava ter o senhor Bettencourt, “Com esse patrício o mundo não me vai fazer partidas próprias de quem é cego em terras alheias”, pensou e não deixou de agir buscando um assunto que gerasse uma boa empatia: o futebol.

“O Benfica é a nossa maior dor de cabeça”, tentou interessar o colega de fila para os casos de arbitragem do campeonato da 1ª Divisão portuguesa. “É uma vergonha. Lá em casa, quem mais fica contente é o meu filho, um sportinguista ferrenho”, disse Bettencourt e fechou a revista para poder animar o início de conversa à volta das paixões do futebol.

As hospedeiras tiveram de passar várias vezes para atender a euforia dos dois passageiros, “Os senhores estão bem animados, nota-se”, disse uma hospedeira que tentava ser simpática até porque fazia parte do quadro de novas assistentes de bordo.

“Temos motivos, somos da mesma equipa e se quer saber mais...”, fez uma ligeira pausa e continuou: “Mais felizes estamos nós por gostarmos do seu sorriso aberto e dentes muito brancos”, elogiou sem notar que estava a ser observado pelo olhar tão ríspido do Presidente do banco.

“Oh, seu alegrezinho, comece por mostrar o que vale, pegue nessa lista de nomes e assentos da presente lotação de voo, e com atenção anote na memória os nomes sublinhados com a esferográfica de cor verde e diga-os que quero uma reunião agora mesmo”, disse Bettencourt sem um laivo de sorriso nos seus lábios bastantes finos. “A chupeta deve-lhe ter caído muitas vezes, deve ter chorado muito”, pensei eu que observava cada movimento dos viajantes.

“Todos estão em classe executiva?”, perguntou o viajante da cadeira h5.

“Veja bem, à frente do número tem o tipo de classe”, respondeu Bettencourt e depois ainda indicou o que significava na classificação a letra y: “É económica, meu rapaz”, usou esse trato para poder desvalorizar a posição social.

Vinte minutos depois, já estavam todos reunidos no espaço largo da 1ª classe, eram ao todo mais de vinte e cinco viajantes prontos a ouvir o Bettencourt, presidente de um novo banco que anunciara abrir mais de 179 balcões.

“Não gosto de muita verborreia, o tempo é melhor aproveitado no esforço como fazem os ferreiros”, avisou Bettencourt, e com a mão esquerda apalpou os músculos que contraíra em bom volume do braço direito, e mais

adiantou: “Tu, como te chamas?”, perguntou quase sem olhar para o passageiro.

“Michel Platiny, tenho a minha licenciatura ainda fresca”, respondeu com um ar assustado. “Não interessa a frescura porque o que conta mesmo é a estratégia de poder. Você ficará na Direcção de Crédito do banco”, ordenou e fez uma postura mais altiva.

“Mas eu...”, gaguejou Michel.

“Eu nada”, cortou com quase um grito. “Aqui tomamos decisões porque não temos como não nos unirmos nos interesses que podem facilmente convergir”, sorriu: “Oh, Soraya?”. Uma jovem de origem russa levantou-se e todos os olhares seguiram os seus movimentos e requebros próprios de passarela.

“Parece uma atriz, nunca vi coisa igual”, elogiou o viajante da cadeira h5 de cogito com um outro de origem espanhola, “Não é para as nossas unhas”, respondeu com humor próprio da cultura basca.

“Menina Soraya, tire os contactos e segure o CV de todos quantos não tenham conseguido bons empregos. Quando chegarmos marque um jantar no Tchillout. O vinho, manjares e dança será por conta do nosso banco. A sedução é algo que deve fazer parte do nosso poder. Não olhe com desconfiança, faça as coisas conforme mando”, disse Bettencourt e fez sinal para que a conversa e a euforia seguisse perto do wc.

“Um momento, um momento”, pediu Bettencourt: “Alguém domina a ciência do ilusionismo?”, perguntou alto e outros passageiros que não fizeram parte da roda de cumplicidades, eles que deviam estar redondamente absortos nos seus problemas, como por mágica de um chefe de orquestra afinado, deixaram de fazer o que estavam a fazer para ouvir a resposta.

“Eu sei alguma coisa, o meu curso contou com uma cadeira de ilusionismo, mas nada que nos permita ter segurança em assinar sessões dominadas pelo grande poder de engano e fantasia”, respondeu Cavaco de Carvalho, um português de Sesimbra que tinha como sua única preocupação vender sapatos “Como grossista”. Assim tem delineado o seu negócio, como tem afirmado aos amigos na mesma situação, “Emigrar para o Canadá é em todos os aspectos uma opção muito onerosa. Porra, é necessário um depósito em dinheiro no valor de 500 mil dólares americanos”, cogitou.

“Ah, é suficiente o que estudou”, disse Bettencourt. “Todo o negócio em África se não tiver essa arte, não vai longe. Eles querem angolanização, mas devemos correr, abrir empresas como se fossem de direito angolano ou fazer com arte o manguito aos 30% de participação nas grandes obras. Subir a euro ganância nos preços. Antes da farra, vamos estabelecer a estratégia de domínio”, orientou o presidente do Banco que deixou o seu corpo descansar novamente sobre o assento.

Os amigos e profissionais que o rodeiam consideram-no muito exigente até para consigo mesmo, mas pelos traços do seu semblante, todos os outros viajantes entenderam que estavam diante de um homem que tinha a mais perfeita sensação de que tudo tinha corrido como imaginara, “As mil maravilhas”, replicou a russa.

O avião fez uma aterragem suave e ouviram-se vozes de alegria e alguns fizeram o sinal da cruz: “bravo”, “bravo”, “leve”, “levezinho”. Na saída do aeroporto, os polícias da alfândega abriram ala para os seus carrinhos de mão passarem sem revista dos conteúdos das grandes caixas para a logística de seis meses. Nenhuma mala foi aberta para contar o número de camisas, saias, calças, sapatos, sapatilhas de marca Jordan, preservativos, perfumes de marca francesa,

cuecas, livros de gestão, economia, tratados de direito e games. Não podiam ter melhor tratamento vip.

“Mamã, encosta aí e deite pró chão as coisas para conferir a muamba”, gritou um polícia da alfândega a uma viajante do voo 750, da TAAG, e proveniente do Rio de Janeiro. E no placar de chegada, em letras digitais vermelhas, passava animado o anúncio de que o Jumbo chegara com um atraso de mais de três horas. “Vamos pentear, hoje é hoje, meus irmãos”, ameaçou o jovem da alfândega.

Um dos viajantes do voo proveniente da Europa perguntou em tom de voz quase apagada: “Senhor Presidente, procuram por droga?”, “Oh, Cavaco, segue o teu caminho, não ofereças o teu coração aos problemas dos locais, eles lá se entendem. É o único país do mundo em que os passageiros de regresso à casa passam por essa vergonha”, Bettencourt foi ríspido o suficiente para que a lição servisse a todos quantos chegam com o coração mole.

Na igreja do Carmo, o padre depois de confirmar a presença de alguém muito importante, afiou a língua para interrogar: “O que falta aos potenciais empreendedores angolanos para que decidam em pleno voo ou no chão firme, terem ou não muito mais mesas livres onde pudessem com toda calma do mundo escolher a melhor acção de materialização da política de angolanização? Sem querer entrar nos assuntos políticos, sinto que nos perdemos muito em identificar o que nos separa e magoa, às vezes usamos até factos que nunca deveriam ter acontecido entre nós para excluir a identidade ou a salutar ambição do outro”, discursou na homilia o padre.

“Aleluia, Aleluia”, responderam em coro os crentes. “Fala, fala, fala tudo, senhor padre”, parecia um refrão ensaiado com muita paixão e teimosia.



“Ah, senhor padre, eu quero explicar a política do Governo, permita o meu ponto de ordem, pode ser?”, interrompeu o Ministro que toda santa primeira quinta-feira de cada mês, é o primeiro a sentar-se na fila da frente, mantendo ao lado de si a sua almofadinha para proteger os joelhos sempre que por ordem do padre tivesse que ficar mais próximo do chão em penitência e não quis perder a oportunidade deixada no fim do discurso “demasiadamente crítico” do sacerdote. O Ministro entendia melhor que ninguém ser sagrado o dever de um militante partidário e antigo guerrilheiro de estar vigilante e com razão ou sem ela contra-argumentar.

“Angolanização é um processo”, começou por explicar, “É um processo”, repetiu, e uma rajada de vento forte abriu todas as portas pesadas e altas da igreja. “Ah, vem aí uma grande chuvada. Dou por encerrada a missa, e que cada um leve dentro de si a vela da angolanização”, pediu o padre, e com as duas mãos fez sinal largo de até um outro dia. “Se Deus quiser”, ainda foi a tempo de ser ouvido.



## “Mochilas”

Uma caixa é um limite violento quando a sua geometria é aplicada entre os homens, comunidades e países. A crise tem despertado esse assunto apesar de os africanos há muito estarem confinados a esse labirinto porque não conseguiram fazer com que as suas vozes fossem fortemente capazes de convergir para alcançar os interesses comuns. Existem muitas conversas à volta de nossos erros: “África já não tem solução”, gritam os negativistas. Na altura de todas as utopias, os políticos que escreveram a tese dos ideais nacionalistas já tinham chegado a triste conclusão de que o continente é “um corpo inerte” e, por isso mesmo, todas as aves de rapina poderiam tirar com a ponta inclemente dos seus bicos de avidez o seu pequeno ou grande pedaço. O que caracterizava esses políticos antigos era o seu gozo pelas figuras de estilo. “O verbo é que nos faz estar vivos”, disse um estudante de filosofia que tinha acabado de tirar os olhos de Sócrates. Durante o calor da discussão sobre o verbo, numa das Makas de 4ª feira na UEA, um historiador alertara que essa veia discursiva vinha de alguma coisa que hoje parece ser rara: “antes de serem políticos eram homens de cultura” e notei que quase disse “poetas”, não fosse se engasgar nas confusões das suas apressadas interpretações.

Nas noites de tertúlias de Luanda, ouvi um jovem com “look” Bob Marley subir para o palco só para dizer em voz bastante apelativa: “Acordem, meus irmãos, contem pelos dedos o que podendo ser feito por vós, tem passado de forma simples e sem dores de cabeça para a mão dos madiés”, e todos bateram palmas. “Ah, gosto desse lugar por causa dessa rebeldia”, falei alto com todos os meus botões mas ninguém ouvira a minha euforia quase infantil. Creio mesmo que todo o ser humano gosta de apreciar as imagens que trazem os verbos geracionais, aqueles que cortam as linhas antigas e procuram espaço próprio. Aqui na Vila Alice, no “King Bar”, no “Maiami Beache”, muitos jovens levam aos domingos debaixo dos sovacos as sebatas e retiram com estilo e vaidade as palavras que sempre podem mexer com as ideias que dizem estar cristalizadas. Afinal, o jovem não estava tão distante do que hoje decidem fazer os líderes dos países que tem a crise à porta.

Os líderes das principais praças económicas olham para o mercado dos vizinhos e alegam que estão “desiludidos”, concluem que existe muito proteccionismo e que o mundo usando esse estilo vai se transformar em mil ilhas descontraídas. “Até o sistema financeiro, serve para fechar as portas. Ninguém quer usar as suas reservas para animar os pedidos de dinheiro de bancos que não são seus em geografia e bandeira”, confessam e tentam ameaçar para que o mundo volte à forma antiga. Todos os governos montam estratégias em várias frentes e uma delas são os investimentos públicos que fazem com que os países só contem com o aço, o cimento, os técnicos e tantos outros equipamentos que o mercado protegido oferece: “Nada de buscar na Índia, China, Londres ou Paris, o que podemos comprar cá dentro, mesmo que seja mais caro”, advertem os presidentes quando

reunidos à porta fechada com os seus conselheiros e ministros para encontrar novas e inspiradas soluções.

Pisar o acordo internacional de comércio, como o mundo está, não é pecado nenhum, avisam os políticos de direita, também os de esquerda radical e os liberais que deviam dizer: “Basta, esse não pode ser o único caminho”. Os presidentes europeus convocam sem ofícios nem convites formais os seus concidadãos empresários: “Vá, arrumem as mochilas”, ordenam com voz cheia de convicção. “Meus senhores, avancem para Angola, nós temos uma mão forte nas costas de vocês. Não quero hesitações e muito menos que desperdicem as oportunidades”, acrescentam pensando nos braços antigos: “Senhores cruzem os oceanos em todas as direcções e não pestanejem um só instante, o importante é ter, pelo menos, um olho vivo”, confidenciam aos empresários ainda incrédulos porque mesmo com os “pacotes” internos com anúncios de lançamento a todos, todas as horas do dia, não conseguem apanhar o suficiente para sobreviverem ou arrumarem as suas vidas num momento de tantos gritos e incertezas. “O governo não quer outra coisa se não estar do vosso lado e ajudar nas soluções”, repetem essa ladainha. Eles provam que fazem algo todos os dias, mesmo que seja só para dizer que estão acordados e perto dos problemas. “Estes anúncios são de projectos reciclados”, denunciam os opositores que desejam eleições antecipadas.

O “rasta” local simplesmente pretendeu estar à altura do momento, já que à frente do palco tinha mais de cem jovens que sempre estão prontos para bater fortes palmas e ficar entusiasmados entre assobios e ritmos tirados com os garfos, garrafas e copos de cerveja ou uísque. Pelo visto, a sua irreverência conseguira levantar alguma poeira: “Meus kambas, temos de falar e avisar os kotas”, disse um outro

jovem que pulara para um banco para que o seu corpo alto e a voz de tom grosso dominassem o espaço. “O que podemos fazer pelo país? Perguntem sempre”, fez um longo silêncio e quase o locutor de serviço voltara ao palco para mudar de mãos o micro.

Esse espírito discursivo, mas sem aplausos nem arrufos, quantas mil vezes já não os ouvi em outras circunstâncias como verdadeiras aflições entre pessoas adultas e, por isso mesmo, mais ponderadas porque conhecem as voltas que o mundo dá: “O vento nem sempre leva essas vozes onde deve”, comenta um amigo. “Só uma acção concertada pode fazer com que os angolanos abram também seus negócios e tenham espaço no bolo do Orçamento, ou Pacotes mesmo que os que distribuam digam: «Meu, de onde vieste com este projecto?»”, explicou um velho político que carrega nostalgias de guerras antigas. “Conheço empresas criadas por estrangeiros que hoje recebem contratos de estradas, de barragens e, no entanto, não têm passado de engenharia e capital. Só existem no conto de vigário e Aqui se fizeram”, disse ainda. Nota-se uma certa falta de entusiasmo quando falamos na necessidade de uma estratégia política que reúna os locais, parece infelizmente que muitos se auto excluem, alguns até dizem com autêntico conformismo: “Não, não é para nós”, e dão costas ao seu próprio mundo e interesses. “Só podem estar errados”, argumento quando posso.

Tenho pensado muito e creio que o que falta é algo como afecto. Estar próximo dos de «Aqui» que mais pensam em como devemos nos blindar nos negócios, é o que falta aos políticos fazer para criarem algum tipo de oportunidade. Ainda não é tarde para dizer: “Tragam as mochilas às costas, vamos de norte a sul ver o que se pode fazer. Não, não olhem mais para traz, nem desenterrem mágoas e ma-

chados do passado”. Espero que alguém lá fora diga: “Essa crise é a pior porque fez surgir até um link local de interesse comum”.

Quando oiço esses jovens a procura de suas próprias vozes, concluo que falta um pouco mais de eco para que algumas das suas razões possam ficar como pedras na cabeceira dos que podem fazer algo. “Ah, meu filho, à mesa chega sempre para mais uma boca”, dizem os velhos quando alguém chega a hora da refeição sem anúncio. Os países não podem ser diferentes, primeiro, os lugares para os de “Aqui” mesmo sem anúncio desde que queiram fazer pelo país o que outros só o farão por ganância. “Em certos negócios, só mesmo nós”, argumentam os mais radicais. Todos querem ser os obreiros da sua própria felicidade. “Sei que olhar é sempre um gesto fácil, mas não menos importante, até para que uns não pensem que os outros não têm identidades e por isso não merecem estar por dentro para participar da forma como devem nos tratar e nos acudir”, disse o estudante. “Peguem nas mochilas”, parece dizerem os políticos.





## “Pirilampos”

“A vida é uma roda-viva”, dizem os mais velhos, e serve para ilustrar os truques com que lhe trocamos as muitas mil voltas. “Quando a economia cai, o melhor é sorrir”, cogitou alguém ao meu ouvido esquerdo. Não deixa de ter toda razão, o humor é sempre o melhor remédio, uma verdade que maior parte das vezes não é seguida pelos políticos e cidadãos tão sérios e sorumbáticos nas buscas das melhores soluções.

“Depois da crise, estou muito certo, o mundo não será o mesmo”, terá avisado o Presidente da Assembleia Nacional quando o Governo teve de estar às voltas com as explicações sobre o que tem feito para atenuar a crise. “Disse essas palavras em tom seco, sem laivos de emoção até para que ninguém fique com perguntas por fazer. Isso é como a sede: mata-se com bastante água tirada da sanga”, terá pensado e certo de que o fizera de modo gélido, “Como a situação exige”, terá concluído para os seus botões e mexeu no martelo com a sua mão direita. “Aproveitemos a deixa”, confessou em voz alta um deputado depois de arrumar em posição hirta o seu corpo obeso e abandonado em desmazelo. “Ah, no primeiro dia de abertura do plenário, o Presidente tocou o martelo uma hora antes da hora oficial de abertura das ses-

sões”, disse humorado um outro deputado. “Agora é que vão ser elas, com esse gelo todo, certamente pretende que ninguém deixe de fazer perguntas ao Governo”, aproveitou comentar um deputado da oposição. “E de pirraça, até nos vai dar mais tempo. Vão ver, escrevam o que vos digo. Preparem mais algumas perguntas de algibeira, não dá para ficarmos novamente engasgados. Na última plenária, quando pensamos que o homem ia dizer-nos “Oh, senhores da oposição, ganhem mais minutos nas próximas eleições”, erramos no diagnóstico do carácter, o Presidente oferecera mais uns minutos, mas falhamos no aproveitamento”, terá confessado um outro deputado da oposição.

Uma voz cálida surgiu na sala, o micro apesar da falta de afinação dos graves, não estragou a sua dicção cristalina. Todos procuraram entre os duzentos presentes, concretamente, com maior atenção e detalhe no centro da sala onde se senta o maior número de mulheres. “Quem é?”, perguntavam. Mesmo os deputados que levam às costas tantos anos de responsabilidades, também olharam com bastante curiosidade, podia-se ler nos seus movimentos de corpo. “Que voz, parece que recita poesia”, disse um deputado, alegre com a vantagem, pois já tinha localizado a deputada que falava. “Silêncio...”, pediu com voz animada. “ – essa voz não sei se vai ser suficientemente interrogativa. Mais parece uma prece que passa por cima da crise. O ministro da área não sei se vai sentir o verbo ou escolherá o deleite da sua harmonia”, duvidou um colega de bancada. “As duas coisas, tenho a certeza”, replicou outro. “Senhor Ministro diga lá...”, essa ordem no timbre que saiu tinha o condão de deixar qualquer coração tocado pela sensibilidade. Diferente do “diga lá” que passasse por uma boca de um deputado que tivesse uma voz grossa de garrafão, até ao ponto de assustar a bondade do

ministro em se explicar com os detalhes reais do que na verdade acontece no seu sector dos portos.

Há três ou quatro anos que à noite o mar da Ilha de Luanda tem um feitiço que deixa milhares de luzes chegar até as ondas que tocam as praias do bar “Café Del Mar”, “Jango Bar”, e o “Coco Note” e em toda a extensão da praia até ao Farol Velho. “Senhor garção, quero aquela mesa que tem os pés quase no mar, pode fazer esse obséquio?”, pediu com atitudes muito respeitadoras, só faltava assinar uma petição, tal foi o gesto “pouco usual” por parte dos clientes que escolhem esse restaurante: “São uns vaidosos e trazem o rei na barriga”, queixou-se o empregado mas só com o movimento dos lábios. “Meu filho, é verdade que essa claridade toda vem do mar?”, perguntou a avô da Deputada que há mais de cinco anos não sai de casa. As suas articulações foram atacadas pelo reumatismo crónico e o esforço que aceitara fazer, na verdade é porque prometera “gastar no bar um dos salários da neta e na companhia de todos”, explicou em voz alta.

“Contem o número de barcos ancorados, já cheguei no barco número 68 e mais teria na conta se o meu olhar pudesse chegar até o farol velho”, terá dito à família a Deputada de voz cristalina que oferecera o jantar num desses restaurantes. “Dizem os casais que têm procurado a ilha que essas luzes estragam os seus momentos de intimidade quando tentam reencontrar a paixão perdida, de tão claro que fica a praia com a iluminação que chega dos cargueiros de mar alto”, confessa um casal. “Podes apanhar na leitura todas as notícias de um jornal imprimido com letras de corpo pequeno. É só para veres como o mar fica bonito de tanta luz. Prima, é o máximo”, constatou um outro conviva visitante assíduo da ilha. “É um grande espelho que morre nas

praias. Não é mentira nenhuma, é um espectáculo grátis e cativante. Sei que ultimamente a prima deputada não sai de casa, fica fechada nos dossiers das plenárias. Mas é na rua onde pode encontrar os problemas”, fez uma pausa para limpar o suor e continuou: “ Em casa, tenho toda a certeza do mundo, as makas não lhe vão chegar à porta tal como estão na vida real”, disse o primo mais alto.

Agora entro eu na estória: Quando fiz dez anos, conheci o mar, o seu odor, brisa e mistério durante um acampamento escolar que ocorreu na “Floresta da Ilha de Luanda” durante três meses, no período das férias grandes. É ainda impressionante a nitidez de imagens e emoções desse tão longínquo tempo. Ainda hoje, o que mais busco no meu imaginário são os “cargueiros” e “paquetes” à noite e que mais pareciam pesados discos de luz caídos do céu. “Não dá para dormir, ficamos perdidos nas suas luzes de mil cores e de intensidades diversas”, pensava deitado na areia, longe das tendas mas sob os cuidados dos melhores colegas e vigilantes do acampamento. Todos nós tínhamos muitas perguntas e poucas eram as respostas que pudessem diminuir os nossos delírios como se fizéssemos parte da lista de passageiros ou do corpo de marinheiros: “Quem são esses viajantes europeus”, “O que querem ver?”, “O que carregam esses cargueiros?”, “As bóias de salvação, serão suficientes para o número de passageiros?”, “Os barcos de socorro são grandes e maiores que as canoas dos nossos pescadores”, eram centenas e mais centenas de perguntas e constatações próprias de quem quer explorar as geografias. Muitos adultos ficavam sentados nas canoas, vestidos de calções, camisas de mangas curtas e músculos desenhados pelas redes do mar, eles também perdidos tal como nós crianças nos encantos e todos tinham as malas por fazer: “Se pudesse, conheceria o mun-

do”, rezávamos por razões diferentes, mas tocados pelos mesmos sonhos.

Ainda hoje, quando vou à Ilha, mesmo que o trânsito permita alguma aceleração para rodar o motor, quando estou diante dos portões de entrada da floresta, reduzo a velocidade e vejo-me a entrar ainda criança no único parque florestal da cidade de Luanda e com um cartaz nas mãos levantadas: “Não destruam a Floresta”, umas vezes o cartaz no meu imaginário é mais radical: “É proibido destruir a Floresta de Luanda”, mas tudo não passa de viagens que só podemos fazer dentro de nós próprios, talvez para pegarmos em pequenas luzes que mantenham intocável a lucidez. “Um novo muro foi construído, pela arte e rapidez chinesa. Que essa obra à volta da floresta, queira a Santa da Muxima, seja um sinal de preservação e de oferta à cidade já com equipamentos públicos. Para o imobiliário já chegam os apetites cedidos”, penso alto.

No plenário, a voz subiu. Subiu tocada pela harmonia e disse “Senhor ministro, diga lá... - tirou os olhos do pequeno micro de cor preta, sabia que a voz tinha saído nítida como um diamante lapidado e era dessa clareza que precisava para deixar as questões no ar. - Que tem feito o seu ministério para que os cargueiros não fiquem numa interminável fila de espera e há meses parados no mar com as cargas que o país necessita para a sua reconstrução e estômago”, respirou durante um minuto e deve ter engolido alguma saliva. As palavras saíram ainda mais nítidas como manda a boa dicção: “É esse estrangulamento que provoca a subida de preços. E quem paga?”, não esperou pela resposta e nem podia, manda o Regimento da Assembleia que se aproveite tudo numa só intervenção: “É o cidadão com menos posse e todos nós”, disse com voz menos cristalina. “Olhe lá, trate de

arranjar portos secos enquanto não concluem os novos portos, essa é a solução intermédia”, sugeriu pensando no “bonito” espectáculo que apreciara durante o jantar num dos restaurantes na Ilha de Luanda. “Um cargueiro, dois... dez cargueiros, vinte e cinco. Oh, muita desculpa esfarrapada”, a deputada abanou a cabeça de cabelos fartos, não se tinha dado conta que voltara ao início da contagem mental enquanto decorria a explicação do ministro.

“Oh, posso pagar o jantar?”, perguntou ao garção um cliente depois de sacudir a cabeça que também se distraíra nas contas dos cargueiros iluminados. “Papá, o mar tá bonito de luzes”, gritou a filha que brincava na praia do restaurante. “São pirilampos do mar, de dia morrem e à noite acordam”, ripostou a colega que atirava conchas contra as ondas do mar. “Se fossem crescidas, certamente diriam que o espectáculo é o travão da nossa economia”, o senhor de barba fechada pagou a conta e deixou que a sua inquietação morresse dentro de si.”Papá, o mar tem um novo condomínio de casas navegantes”, interrompeu o filho.

## “Veteranos”

Mais um esticão de Jeep em sentido sul e apesar da estrada ficar cada dia mais estreita devido a intensidade do trânsito pesado e de jeeps com o prego no acelerador ao fundo, é ainda maior o prazer deixar o caos de Luanda para trás. “Quem pensou a estrada assim tão pequena, errou nas medidas dos saltos de crescimento do país”, criticam os viajantes mais ambiciosos. “Era o que se podia fazer para dar o pontapé de saída”, justificam os que apreciam o gradualismo das coisas: “O que são cinco ou seis anos de paz para um país que esteve trinta anos em desavenças e destruições? Tudo tem o seu tempo.”, concluem depois de contarem numa só mão os anos de paz.

Muitos camiões carregados de inertes, touros de madeira, outros carregados com caixas de tomate e sacos de milho, ocupam a estrada porque deixam os rodados trilharem as linhas contínuas e ziguezagueantes e diminuem o espaço para a passagem ou ultrapassagem dos turismos. “Vou assustá-los, gente calcinha que anda de baixo e para cima sempre em festas”, sorriem matreiros os camionistas. Nasce uma nova geração de empresários e profissionais das estradas. “É sempre assim, quando a economia cresce”, pensei e recuei no tempo colonial para ter melhores exemplos. O meu

falecido irmão Flávio, no tempo do algodão, na região de Malange, fez nos percursos de 14 dias de ida e volta à Luanda o dinheiro e poupanças que o tornaram um dos poucos empresários de sucesso. “Com recurso ao crédito através da emissão de letras e as viagens rápidas, felizmente comprei o MAN, o novo rei das estradas”, contava com orgulho e brilho nos olhos, mas profundamente desiludido com os bancos dos nossos dias sempre mantidos de portas fechadas. “Receberá um motor novo, quando atingir os cem mil kms”, estava escrito no auto-colante da publicidade do fabricante alemão: “Isso sim, é que era tempo de mercado!”, exclamam com nostalgia os “velhos” camionistas. Essa classe, mais tarde, nos anos de 1975, viram os seus “camiões de sacrifício e lágrimas” a serem requisitados sem maneira pela ordem militar para servirem o transporte de soldados para as frentes de guerra contra os sul-africanos.

Pelo que sofreram, olho sempre com algum carinho especial para o esforço dos camionistas de pesados, porque ainda adolescente vi como cumpriam de forma sagrada o pagamento do crédito e como entre todos mantinham os afectos quase familiares. No tempo colonial, eram esses senhores de barba rija que ajudavam a manter o espírito de inter-ajuda, cuidavam da precaução e manifestavam fraternidades durante as viagens de longo curso. “Foram eles que em silêncio viram os seus carros destruídos nas frentes de guerra. Eles morreram no dia que ficaram privados dos seus bens”, criticam os filhos que gostariam que a indemnização, ainda que tarde, fosse ao menos muito mais generosa. “Hoje os camionistas não param quando uma viatura tem uma pane. Não fazem os sinais de ultrapassagem quando os turistas ficam presos às traseiras dos camiões e não retiram os rodados mantidos por cima da linha contínua”,



acusam os viajantes. “Até parece que a estrada é só deles. Não têm firmeza na trajectória, comem parte da faixa contrária. Já fui atirado para a berma e graças ao Senhor, só passei por um susto”, lamentou um viajante ao volante de um BMW X6 turbo. Pelo seu nervosismo na aceleração, deduzo que faça parte da lista dos que fazem o percurso de seiscentos quilómetros em menos de quatro horas: “Depois de um banho relaxante e um café em Luanda. Ah, estamos no Lobito à hora do almoço. É num tiro”, rejubilam sem medo do número de mortes que crescem todos os dias nas estradas.

Levei dez horas de condução mantendo a direcção sempre com a ideia paterna que tinha a filha no banco de trás, por isso mantive apertados os cuidados na aproximação das curvas e ainda parei na Kanjala para abastecer a viatura. O sinal amarelo do depósito começou a dar o primeiro vestígio de autonomia para só mais 30 Kms. Não errarei se disser que um íman retira o meu pé do acelerador sempre que me aproximo da cortina de montanha e do verde das palmeiras e árvores frondosas no perímetro do rio de águas densas e corridas. “Aquele verde de milho é por iniciativa individual dos camponeses?”, perguntei ao bombeiro que abastecia a viatura. “Não, não é não. É um general que faz o cultivo com processo de rega mecânica”, explicou com bom trato. “Bom trabalho, assim é que é”, disse sorridente. “É boa pessoa. Ajuda também aos camponeses da zona. Sabe dirigir os da comunidade”, continuou sem que lhe fosse pedido mais pormenores à volta do empreendedor. Por longos instantes os meus pensamentos saíram do lugar e foram para a imagem que comecei a fazer do rosto e porte do general. “Gostaria de conhecer o general. Ele deve fazer esse projecto agrícola como se estivesse numa frente de combate. O verde vivo e o brilho quase amarelado das flores da massaroca não deixam men-

tir quem disser de viva voz que está diante de um bom empresário do campo”, pensei sem dividir o pensamento com o bombeiro que mantinha esticada a mão para receber o dinheiro do tanque atestado. “Pague e depois sonhe”, pediu o bombeiro já nos seus quarenta anos de vida, e tinha um bom poder de observação dos clientes mais introspectivos. Depois de pagar, voltei aos meus pensamentos, só que agora, estava numa outra viagem sem estradas: “Barra do Dande que deu o texto ‘Cordas’”.

Na praia que fica depois da ponte, existe um projecto designado no puro inglês: “Paradyse”. Quando entramos no espaço, a primeira coisa que perguntei foi de quem era o empreendimento. “É de um general”, respondeu o engenheiro que conhece o local e até o nome do proprietário. “Aqui o homem não segurou numa corda e na mão esquerda, como melhor garantia, a bazuca de todas as guerras para poder ficar com toda a baía”, disse o padre que nos acompanhara no destino turístico. “É verdade, o padre tem razão”, disse a médica que fazia questão de se fazer ouvir na conversa baseada numa roda de homens. O projecto turístico vivia de umas quinze tendas de cor verde que serviam de quartos, um jango bar todo em madeira e de vinte mesas com pequenos tectos de colmo, mesmo diante do postal de mar revolto. A água na praia estava um pouco barrenta e trazia consigo algum lixo e restos de árvores de alguma chuva que recentemente tenha feito estragos à jusante. Os rapazes vestidos a rigor servem com esmero e rapidez. “Sim, vivemos depois da ponte, somos nativos do Dande”, respondiam as curiosidades de todos. “Muitos casais ficam dois a três dias. Adoram o sol, as palmeiras e principalmente a calma da marginal ainda virgem”, explicam.

Fechei o livro de pensamentos. Já em Benguela, fiquei hospedado na “Colina das estrelas” e disse para a gerente o

seguinte: “Cara gerente, deve baixar o preço, pois um dia dirá, aqui passou um poeta”, disse no gozo e com um pouco de verdade, como querendo que através dessa terrena hipótese pouco praticada no país, pudesse a reserva ficar com um bom desconto. “Não, senhor poeta, não dá para fazer descontos”, ripostou com um belo sorriso nos lábios. Depois dirigi-me aos Bangalôs, que têm como divisão uma sala de visita, cozinha e quarto. “Será que estou no Copacabana Palace? É um sonho”, disse alto para que todos ouvissem o meu elogio e fiquei de boca-aberta. “Uhau, que quarto e sala de primeira classe!” E entendi porque não tinha tido a sorte de regatear o preço, mesmo colocando com destaque os títulos de livros que já escrevera: “Tinha diante de mim uma experiência que devia ser partilhada com mais gente interessada em projectos idênticos. O meu orgulho de hóspede é maior porque são angolanas e, certamente inspiradas pelas mil experiências e conselhos rigorosos do pai: um general”, pensei. “Hoje o meu dia foi atravessado pelo empreendedorismo de duas figuras de generais”, sorri por dentro.

Vamos todos aceitar que essas experiências de guerra dos generais, coronéis, capitães e praças, se bem aproveitadas, podem reforçar a dimensão de angolanização dos negócios dando mais magnitude a essa intenção que deverá ser colocada como a nossa maior frente de batalha. “Homens e mulheres com esse calibre, não devem ficar nas prateleiras da velhice precoce”, defendem os filhos dos generais. “Mas não pode ser através de passos isolados ou de sortes abençoadas”, replicou o filho de um coronel. Naturalmente, os apoios devem ser baseados numa carta de direitos dos veteranos de guerra. Nessa carta, os políticos devem ser capazes de deixar definidos os benefícios que vão tocar a natureza dos créditos para os seus negócios, os

empréstimos dilatados e com períodos de graça para a compra de casas, o plano saúde e tantos outros direitos (bilhetes de avião, comboio e autocarro mais baratos). Felizmente, o Governo já abriu este caminho: bolsas de estudo, saúde, etc. O país sempre irá honrar esses benefícios, aproveitar essa capacidade, até porque foram longos os anos de guerra que garantiram a integridade do país. Alargar os seus direitos com o aplauso de todos, é o desafio ético de todos os cidadãos.

## “Prof. Dr. Inflá”

Decidi consultar uma loja de design de cozinhas, tocado pela necessidade de fazer reformas ao espaço de cozinha do meu apartamento, em Massamá, Lisboa. Depois de várias escolhas, análise de preços, descontos, estilo e cores, decidi completar a manhã passando pelo stand da BMW, paredes meia com o atelier, onde estavam cuidadosamente expostos vários modelos. No acto de entrada, depois de passar pela recepcionista muito solícita, alta e loira, “Só quero ver os preços”, respondi-lhe ao gesto de assédio comercial e fui direitinho até a zona de jeeps, pudera, os buracos das ruas e as novas estradas nacionais empurraram-me a essa opção de escolha.

Calmamente, sem aperto de tempo, e deliciando uma xícara de café oferecido pela modelo, fui registando no meu bloco de notas os preços e tipos de viaturas. Enquanto escrevia os detalhes do BMW X5, um senhor alto com estatura de um jogador da NBA, numa atitude nada simpática, ordenara-me que voltasse a rodar a viatura que tinha caído nos meus “refinados” gostos, “Pode estrear se quiser, assim sentirá a grande nobreza dos materiais”. Com paciência, explicou o tipo de madeiras, amazónia como origem, e os materiais “naturais” usados no forro dos bancos.

“É estranho, mas não sei se lhe servirá para alguma coisa fazer anotações dos preços aqui praticados”, disse com voz grave. “Ah, Ah, existem clientes para todos os feitios e gostos. Você, certamente, é um cliente que não se cansa de procurar vantagem na poupança, mas essa viatura é para quem possa desperdiçar massa”, avisou batendo a sua mão direita nos dois bolsos internos do casaco.

Ofereci o meu ouvido esquerdo, e assim poderia ficar descansado, já que não passa por ele qualquer ruído do mundo, por mais forte que seja, e abanava a minha cabeça com gestos de hipotética concordância com o que dizia: “Sim”, “Sim”, abanava a cabeça por tudo e por nada em sinal de “Sim”, “Sim”.

“Não me engane, você diz sim a tudo só para me agradar”, replicou com um sorriso amarelo no rosto, já não tinha muitas alegrias e deferências para comigo. “Filho da mãe, sempre no sim, sim como um tonto, ou autómato”, falou com os seus botões.

“Você, o que anotou aí com letra tão redonda, posso saber?”, pediu e estendeu a mão querendo tirar-me o bloco.

“Tenha calma. Simplesmente aponte o valor da viatura, senhor. São 49 mil e mais qualquer coisa de cêntimos de euro. Agora, está contente?”, perguntei sem muita confiança até para que pudesse terminar com a sua ousadia e misto de curiosidades à volta de coisas que não lhe diziam respeito algum. É verdade que o mundo está cheio de curiosos que só sabem intrometer-se na vida dos outros, mas sempre pensei que Luanda era a única cidade do mundo pródiga no defeito de vigia desnecessária, “Todos os vizinhos deixam os olhos caídos na casa do vizinho”, comentei comigo mesmo.

“Ah, Ah, Ah”, desatou aos risos.

“Ri-se da minha cara. Não tem melhor brinquedo?”

perguntei com ar de poucos amigos. “Devia ter boas maneiras e já agora peço que fique distante de mim, não preciso da sua ajuda”, disse com voz grave.

“Ah, Ah, nota-se que vem de um país que viveu muitos anos na berlinda de guerra. É ou não verdade, responda lá sem vergonha”, abri a porta do jeep quase num toque mágico saído de seus dedos através de estalidos sonantes, próprio de músicos de orquestra. Juntou uma vénia em grande estilo, do tipo das cortes antigas, para que eu entrasse e sentisse tão deleitante conforto. “Abandone o corpo no assento de couro”, pediu.

“Grato, mas prefiro virar-me sozinho. Parece que o senhor é surdo, ou é defeito de profissão. Uma outra coisa que deveria saber: O cliente é quem determina a forma de tratamento. Não, não preciso de guias. Sei ler, se é o que quer saber”, pedi com gestos muito efusivos de protesto, porque sentia-me redondamente sufocado.

“Oh, muangolê, agora fique aí sentado como simples saco de cimento. Você precisa ouvir umas boas e certas verdades que lhe vão cansar a beleza, expressão muito comum entre vocês”, ordenara e o seu semblante de poucos amigos fez com que me mantivesse quieto, “Lisboa está estranha por causa da crise”. Quase fez menção de estrangular-me. Desviei o meu pobre pescoço e deixei as mãos poisadas no volante como suporte do peso do meu corpo abandonado à resignação. Estranhei como não respondera de forma mais musculada ao seu gesto ameaçador.

“O senhor acordou com o rabo destapado, só pode”, abri os olhos para que visse que saía da minha sonolência e já agora “se venho de uma guerra”, então o atrevido que contasse com uma reacção que seria desproporcional ao seu nível de abuso e impertinência. Saltei do banco e puxei-o pela

gravata de cor lilás, bloqueei o seu corpo com a ajuda da porta, e quando me preparava para apertar ainda mais o nó, pedi que o largasse: “Desculpa, não quero morrer nas suas mãos”, chorou.

“Diga lá, o que o levou à impertinência mais descabida? Algo me diz que você não tem passado bem com a crise aí à porta de todos?”, perguntei.

“O senhor tenha calma, por favor. Primeiro, será que pode largar a minha gravata? Não sei se notou a sua cor, saiba que está na moda e tem causado muito boa impressão. Se lhe contasse o número de modelos que elogiaram a minha figura, ficaria de boca aberta”, sorriu mas com o rosto preso na roda dianteira do jeep.

“O senhor não se emenda, é um caso perdido”, dei-lhe costas, tinha que preencher o bloco com mais dados de preço para que em Luanda não morresse na compra de uma viatura igual ou da mesma cilindrada, até os amigos ficariam a ganhar com essa informação qualitativa de pesquisa de mercado.

“Oiça uma das verdades que o vai deixar sentadinho. Eu sou o professor Dr. Inflação e ...

“Ah, o senhor só pode ter um fusível a menos”, interrompi com sarcasmo, mas algo me dizia que não perderia em nada se o ouvisse e quem sabe se esse encontro, de tão surrealista, não poderia fazer parte de um conto. A literatura serve para isto, incomodar o real através da fantasia, procurar ângulos que os políticos deixam abandonados nos seus discursos repetitivos e com problemas de plágios, cogitei como se estivesse diante de meus leitores que gostam de conhecer os processos criativos, “Como mexeu as formas da utopia no barro que lhe caiu às mãos?”, e as suas irreverências não os deixam ficar satisfeitos através do lado superficial da existência.



“Não, não me interrompa, tenha um pouco mais de paciência”, pediu com respeito, uma mudança que se sentia até na voz agora menos grave. “Eu estive na Universidade Grgeenichw, em Manchester, pedi os registos de todos os alunos e notei que por lá passaram uns bolseiros angolanos. Até que deixaram boas referências e saudades”, disse admirado e apontou para o turismo BMW 750. Delicadamente, abriu a porta e pediu-me que através do tacto deliciasse a comodidade enquanto se esforçava por acabar a conversa, e só depois pudesse decidir-me, ou não, pelo início de uma boa amizade.

“Tá bem, sempre se pode fazer as duas coisas... já que a outra é uma questão de dar-lhe ouvidos”, tentei ser simpático.

“Sabe que averigui as disciplinas e pude confirmar que vocês têm um Ministro que está a passar-se da forma ou linha, digo linha da ciência. Pobre homem, pensa que pode trilhar o caminho da pesquisa, esse é um luxo dos centros de estudo da Europa”, tossiu, tossiu, tossiu como se a crise fosse provocada pelos números exagerados de cigarro. Há cinco anos atrás um médico pediu-lhe que escolhesse sem hesitar: “O cigarro ou a vida, decida-se”, o homem sorriu e bateu a porta do consultório sem dar cavaco ao médico de família, “Gente mal formada”, ofendeu.

“Não sei do que fala”, fiquei mais curioso.

“Numa sessão aberta ao público, falou demoradamente dos preços vigiados... Ah, Ah, Ah, ingenuidade política... Ah, ui, uié”, vergou-se todo aos risos, as duas mãos segurando o estômago e tossiu, tossiu e as suas reacções aumentavam em escândalo a nossa conversa apesar da indiferença forçada dos clientes que enchiam o stand. “Porra, já mandei colocar com ponta vermelha um ‘Perigoso’ no seu CV. O

papel estava a mão de semear, sob a secretária do Magnífico Reitor, parte de um dossier especial criado para acompanhar o sucesso dos seus pupilos, claro, principalmente os licenciados africanos”, explicou.

“Não entendo onde quer chegar”, repliquei.

“Você aqui armado em sabichão, quantas vezes não perdera no preço a sua poupança? Sempre que comprares uma viatura, géneros alimentícios, saúde, entretenimento e saldos de telemóveis, apanhas com a minha mão omnipresente. Eu sou o ser mais perto da grandeza de Deus, ah, ah e em África essa dimensão é muito mais forte. O ministro fala no deserto, ah”, deu três socos na mão esquerda como prova da euforia que rodeia a sua vida.

“O senhor é maquiavélico, se é verdade o que diz”, pensei em dizer sanguessuga, mas preferi ser breve e sair do stand: “É demais, não é só um parafuso em falta, o senhor nada tem no lugar”, disse.

“Ah, ah, olha que lhe mostro como está seguro no lugar”, fez um gesto de abrir a braguilha. Saí apressado e não mais parei, senão quando me decidira por aguardar pela camioneta da linha que me levaria à casa. Regressei oito dias depois. Já em Luanda, passei no stand da Vila-Alice e quando menos contava, lá estava sentado o senhor Prof. Dr. Inflá.

“Boa-tarde, senhor Inflá”, cumprimentei.

“Senhor, não. Sou Prof. Dr. Inflá. Não custa nada e nem lhe cairá nenhum dente por se alongar na minha identificação. Está perdoado. Você já se deu conta de que estamos numa ilha perdida em mares nunca navegados, não? Eu baralho as percentagens, e o senhor, infelizmente para si, não tem como fugir dos preços que monitorizo. Ah, agora é moda usar esse termo sempre que alguém pense que tem algum poder”, sorriu e apontou para a viatura BMW X5, “O poder sou eu...”

Você aqui ou dá os 175 mil dólares, ou vai ver navios”, ameaçou-me por me demorar a pesquisar as diferenças de preço.

“A diferença de preços é grande. O senhor devia ser julgado pelos impostos que não paga. No mundo, os preços estão em baixa, o dinheiro é mais barato, os serviços e obras públicas, os equipamentos e viaturas são leiloados, a inflação ficará nos 0,5, o mais baixo desde que o homem criou o mercado, mas aqui é demais...tudo sobe”, fui interrompido com um murro no peito.

“Aqui nada, seu rúfia, e não brinque ao herói, tenho aí fora seis ninjas para o que der e vier. Não é uma ameaça, mas não vai brincar em consultas de preços como o fizera em Lisboa. Quem compra aí tem direitos que você não pode ter. Seria bom que o mundo fosse assim como você sonha, mas isso aqui não é ficção, os preços são-no a doer”, elevou a sua voz grave e afinou a goela com um trago longo de uísque.

“Mas, oh senhor...”, tentei cortar a sua altivez e estive quase pronto a seguir a lei antiga do “dente por dente, olho por olho”, mas pensei que não valeria a pena sujar as minhas mãos por tão pouco.

“Fique sabendo que ainda ontem chamei o camarada ‘preços vigiados’ e não imagina como ficou sem joelhos, tremia de medo, e para seu pânico ainda o entreguei a carta do Reitor que pedira que não inventasse soluções, pois corria o risco de ser riscado da lista de pupilos de sucesso. Eu não brinco em serviço. Eu sou um pequeno Deus, ouviu bem?”, empurrou-me até a porta de saída, “Gente pobre”, cuspiu. Um jovem do curso de economia da universidade pública que há muito presenciava a cena, veio rápido em meu socorro.

“Malta, está aqui o Prof. Dr. Inflá, o mais procurado. Apanhem-no”, gritou, e mais de quatro centenas de jovens ocuparam a saída do stand. Nunca vi algo assim, tão rápido

e festivo. No meio dos jovens, o velho Tiba, como se tivesse à volta de si uma áurea física do tipo filigranas de ouro, ressuscitado não se sabe como, num salto de relâmpago adiantou-se ao Prof Dr. Inflá, cortou-lhe a tentativa de fuga.

“Ah, hoje você vai entrar todinho na minha cabaça e nem mesmo a sua sombra por cá andar. Já sofremos o suficiente, e nem nos poderíamos virar para respirar e sonhar com o futuro. Você vai viver aqui na escuridão”, apontou para a cabaça nas mãos de um jovem vestido de trajes africanos, da região do Gana.

“A minha sombra... ah, ah, brinca com a sorte. É muita gente, alguns em perfeita posição de peões dominam o Banco Nacional. Você não passa de um louco varrido. Aqui nada descerá, garanto-lhe. O senhor ‘preços vigiados’ vai ter a sua maldita sorte... Não, não, ai...”, começou por gritar. O velho Tiba abriu o gargalo da cabaça e conseguiu grudar o homem em seu fundo. Depois da azáfama, levou a espécie ao laboratório da universidade para que os alunos estudassem a fisionomia do Prof. Dr inflação. Um jornal privado que com o mesmo custo ganhou mais páginas, escreveu: “Desde que o Prof. Dr. Inflá foi com suas sombras guardado na cabaça para objecto de estudo, o país não só cresce como o tem feito nos últimos anos, mas, como prémio, já tem os custos mais baixos do planeta”, o jornal esgotou.

# ESPIRITUALIDADE & DESTINOS



## “Lâmpada”

Há um mês viajei de avião, do Lobito para a cidade de Luanda. Já no avião encontrei um primo meu que é empreiteiro de construção civil. Ficamos juntos. Durante os cerca de 45 minutos de voo calmo, sem qualquer trepidação provocada pelas poças de ar, falámos sobre o ambiente empresarial e temas genéricos do País.

Em pleno voo, senti que falámos com mais ternura, deixámos de ter a testa trancada pelos problemas, foi mais visível a fragilidade humana. O meu primo tratou de falar-me sobre algumas pessoas que atormentavam a sua vida: “São verdadeiros peões, não querem nada de nada com os angolanos”, “São vaidosos. Acho mesmo que ficaram sem identidade», disse ele. Segurou na cruz pesada de ouro que trazia presa no fio do pescoço e com muita fé garantiu que tais pessoas “Já não estavam bem, a nossa raiz é algo que não podemos cortar» e explicou por fim que «Todos no mundo moderno... – fez uma pausa para medir a curiosidade dos demais passageiros na classe executiva e disse com voz mais viva: “Veja o caso do Dubai, todos fazem concertação de negócios com os seus patrícios, primeiro...” libertou o dedo indicador no punho cerrado. Olhou para o horizonte azulado e verdejante.

“Belo e grande, é o país”, suspirou.

“Mas existe uma luz no fundo do túnel, mais oportunidades serão criadas”, tentei animá-lo. Talvez não consiga muito, mas nunca vi outro como ele para trabalhar e empreendedor.

“Se queres ver a alma de alguém, o que se deve fazer?», perguntou com o rosto muito sério.

Pensei que seria pelas convicções, pelas contradições, sabemos como esses conflitos interiores deixam cair as máscaras. Fiquei admirado pela facilidade das suas leituras sobre os seres humanos, nós que somos tão imprevisíveis e enigmáticos. Passou um longo minuto, mais outro minuto próprio para os anjos passearem entre nós.

“É a natureza do discurso?», perguntei.

“Estás errado, meu primo», deixou sair um sorriso e corrigiu-me.

“Deves olhar para dentro dos seus olhos. Ver se têm brilho”.

E acrescentou com muita certeza:

“Os meus amigos estão doentes” e acrescentou: «Eu entrei em seus olhos», o seu sorriso fez-se mais aberto de escárnio. O meu primo é perito no uso de frases curtas, muitas vezes em tom poético. Se tivesse de falar para uma multidão, facilmente seria entendido.

Quando cheguei a casa, ainda levava em minhas entranhas a lição de que é pelos olhos que se conhecem os que nos querem fazer mal. À noite abri com o pensamento muitas páginas de poemas e seleccionei muitas lições de vida que fortificam o nosso carácter.

Vivi um grande turbilhão de insónias, nessa noite a almofada mais parecia ser um monte. Peguei na Bíblia Sagrada, sabia que existia uma “*parábola da lâmpada*” (n.º 33:



*Mt 5, 15*): “Ninguém acende uma lâmpada para pôr em lugar escondido ou debaixo do alqueire, mas no velador, para que aqueles que entram vejam a claridade. A lâmpada do teu corpo é o teu olho. Se o teu olho estiver são, todo o teu corpo estará iluminado; mas se estiver em mau estado, o teu corpo estará em trevas».

E dei razão ao meu primo. Foi só pensar mais um bocadinho sobre os altos e baixos da minha vida e olhar com mais pormenor para o calendário da existência e exemplos não me faltaram.

Tenho um exemplo que ilustra bem como os olhos são as partes transparentes do nosso interior. O verdugo da polícia política que na Cadeia de São Paulo me interrogara no longínquo ano de 77, durante um banquete, teve de falar comigo, mas o pobre homem não tirava os olhos presos no chão. Um prego não poderia fazer melhor serviço.

Hoje, se sinto que alguém fixa demoradamente o seu olhar no meu olhar, sei que está à procura do meu ego, melhor, da minha alma.

“Os olhos são o espelho da alma”.

É uma máxima que devemos ter presente no nosso quotidiano.



## “Coração”

A paz tem contas à vista de todos, mesmo que certos políticos usassem óculos de lentes de tons escuros, na verdade só para adular essa realidade, dificilmente poderiam convencer quem quer que seja. Algo do mundo exterior toca-nos na pele, “Têm um lado de tacto essas mudanças”, terá dito o filósofo e não deixarei de considerar essa definição como de grande alcance.

Não se pode todos os dias fugir das verdades; “ Temos hoje o que nunca tivemos, o reconhecimento do outro”, explicou o padre na homilia, não tinha como fugir desse tema e procurou animar o debate. Apetece dizer como quem pode estar diante de um Juiz maior: “Aqui estamos os milhares de angolanos que deixaram de ter o luto como o grande calvário das nossas vidas”, dissertara o padre e entre explicações e visões da sociedade passou pelas estórias de muitas tragédias. Alguns dos episódios, os seus detalhes e autores “materiais”, só conheceu graças à qualidade da confidencialidade mantida nos actos de confissão: “Tive de usar a água benta e o coração para poder perdoar, diante de lágrimas de arrependimento. Não falo de lágrimas de crocodilo. Não meus filhos, falo de lágrimas que deixam qualquer alma destroçada”, insistia com a voz cheia de emoção e, talvez por

isso, cometeu vários pecados ao incluir no discurso o nome dos arrependidos, “Não tenho como evitar já que sou sempre puxado pelo calor das homilias”, confessou.

No óbito de um escritor, falei demoradamente com um amigo de longa data. Há muitos anos que as nossas vidas não se cruzavam com o tempo suficiente para falarmos dos filhos e da sociedade. Não sei como, mas concordamos em desligar os móveis, esse minúsculo aparelho que é já o pior intruso nas relações humanas. Desligados, o mundo circunscrevia-se ao salão da Liga Africana que servia de câmara ardente ao escritor, seu tio. Entre muitos temas diversos que animaram a conversa, destaco um que pode ser aqui chamado, “Os primeiros passos de institucionalização do humanismo”, pensei.

Estava ele no início da sua função de assessor do Presidente da República, José Eduardo. Para mostrarem serviço e “zelo”, ele e mais um funcionário sénior muito voluntarioso, decidiram pegar numa pilha de processos para homologação das penas de morte de mais de quarenta cidadãos. “É pá, qual não foi o nosso espanto, o Presidente, sem qualquer interesse no assunto, mandou colocar o dossier numa das mesas mais afastadas”, certamente não era a mesa que estava sempre por baixo dos seus olhos. Mostrado o desinteresse, seis meses depois voltaram ao assunto com mais vigor e argumentos: “Presidente, tem a papinha toda feita, só falta a sua simples assinatura para que os homens sejam fuzilados”, trincou o lábio inferior. “Destá para melhor”, terá dito um outro funcionário presente e animados apontaram para o canto onde se encontrava o dossier a ganhar teias de aranha: “Caro assessor, não tem algo mais interessante?”, disse com calma e coração aberto. – “Jovens a vida humana é sagrada”, concluiu e naturalmente – aqui é o escritor que entra na estória – terá pensado

desanimado, “Estou mal, ainda é preciso ensinar o valor da existência humana”. Num outro país africano tocado pela mesma instabilidade política, ouviríamos dizer sem cerimónias nem um piscar de olhos: “Obrigado, meus filhos, vocês receberão uma medalha de reconhecimento pelo vosso zelo e vigilância revolucionária”, um outro presidente africano pediria com “urgência de ontem” um inevitável tempo de antena na TV: “Torno público, que o meu assessor e seu ajudante, deitaram tinta na concha para que pudesse assinar as ordens de fuzilamento. São heróis nacionais”, e os telespectadores ficariam admirados pelo brilho das Ordens de mérito.

Para provar o seu lado de humanismo, podemos pegar num exemplo mais recente e aqui deixo o lado ficcional procurar a verdade. Digo ficcional. Estavam os generais prontos para a última ofensiva nas savanas do leste, quase nada restava dos chefes da Unita para mostrar, deserções e mais deserções faziam a festa, eram esposas e filhos dos oficiais da guerrilha deixados literalmente à beira das estradas abandonados à sua sorte. “O golpe de misericórdia estava até guardado no gatilho de um simples soldado”, teorizou um estrategista de guerra, mas quando menos contavam chegou-lhes uma ordem superior que ia em sentido contrário dos ventos e modas de guerra.

“Chefe, já atingimos as linhas de defesa”, gritou entusiasmado o General da operação, “Ordem, queremos a ordem final. As tropas estão alinhadas. Escuto”, sorriu sem cuidados e com soberba de vencedor. “Quero passar com o sorriso a ideia de vitória”, pensou.

“Não, caro soldado”, Começou por responder o Presidente, tinha a voz muito seca e continuou: “Ordeno que conversem. Pronto”, gritou ciente que agora tinha de segurar o país, “É agora ou nunca”, pensou.

“Chefe Supremo do Exército, desculpe mas a operação está no rubro. Podemos ter de começar outra vez do zero. Escuto”, replicou com voz pouco animada e ainda fingiu que a voz estava a ser cortada pelas trovoadas: “Alô, alô, Corto. Alô Presidente, sim..., linha cortada. Ponto. Céu com tecto muito baixo. Ponto. Corto”, mas recuou na sua intenção de cortar a linha de forma propositada pois sabia que o relatório de peritagem da presidência, certamente detectaria uma boa condição atmosférica na linha.

“Disse para pararem, sem deixarem a linha de defesa dos nossos adversários”, usou uma expressão menos agressiva. O Presidente sabia que devia passar uma ideia de reconciliação e perdão.”Depois do vosso relato entendo que agora esses nossos irmãos só poderão ter a palavra como elemento das suas vidas políticas. Escuto”, com a mão esquerda coçou demoradamente a testa.

“Mas, Comandante em Chefe, já não existem linhas de confronto, nem mesmo bolsas como se diz na gíria militar...o inimigo já não tem retaguarda. É só uma questão de manobras das tropas para fecharmos o cerco e reduzirmos a cinza a última bolsa, é um mar de rosas. Pronto”, disse o general e pretendeu explicar o que eram «bolsas».

“Sei o que são bolsas, soldado”, terá repreendido e repetia a qualidade de soldado para que o general de quatro estrelas mantivesse os pés, melhor dizer as botas bem presas no chão.

“Hem, não existe reagrupamento, sim senhora”, disse o Presidente e pegou no lápis e numa folha A4 fez vários traços que faziam imagens surrealistas. Do outro lado da linha surgiu a voz apressada do seu único emissário: “Permita-me, Comandante em Chefe, que o informe com inteira verdade. O que resta mais parece uma bolsa de doentes do nosso hospital de tuberculosos”, sorriu.

“Posso preparar o país para o fim da guerra?”, perguntou a si próprio e deixou que a leveza da mão direita desenhasse no papel e com traços mais definidos as linhas de estradas, avenidas, fábricas e um homem: “É preciso que exista o outro, em toda sua complexidade e com identidade própria”, terão esses pensamentos ditado a sorte dos rumos da nação.

“Comandante em Chefe, no terreno direi apenas que falta o golpe final sobre um pacote de manteiga visitado pelo sol mais alto”, gracejou o emissário.

“Oh, General, você parece um poeta, vejo que as coisas estão a sair-lhe bem mais fácil do que pensávamos quando iniciamos a grande ofensiva”, repreendeu.

“Grande Chefe timoneiro, desculpe-me esse lapso linguístico, ainda bem que me fez lembrar que, na verdade, estamos numa campanha onde cada palavra deve ser seca e muito hirta”, a voz do emissário ficou menos solta. O General da operação empurrou o emissário e entrou novamente no diálogo.

“Oh, General... – disse a sua patente pela primeira vez, sabia que agora deveria usar a honra dos seus galões. – Ordene que a faca que mantemos sobre a manteiga já quase derretida seja enterrada na bananeira. Entenderam?”, e mais acrescentou: “O sentido figurativo deve ser usado nessas situações”, sorriu.

“Sim, nosso Comandante em Chefe, mas peço-lhe que pense melhor, nós aqui não temos pressa, tudo nos corre de feição. Escuto”, a voz foi entoada de forma passiva.

“Não lhe permitiria que tivesse uma pressa que colidisse com a calma que devo manter para dizer-lhe o que é melhor para o País. Corto”. A linha ficou sem diálogos por uns bons segundos. O Presidente fechou os olhos, viu den-

tro de si uma esponja cheia de sangue que cavava um fundo que lhe parecia ser o mar, “Não naufragarei nesse mar de sangue”, tornou essa frase no eco de seu coração. Com voz firme disse: “Não podemos ir tão longe, temos de ter com quem conversar. Os generais vitoriosos devem evitar a humilhação, não podem voltar da campanha com mochilas cheias de esponjas de sangue. Escuto”, respondeu com voz mais grossa e alguma ameaça. “Temos de ter grandeza na vitória”, cogitou com os botões e desligou o telefone.

No terreno, um soldado mostrou o seu nervosismo, “Chefe, vamos dar música da boa”, já tinha o dedo indicador colado no gatilho. “Vá, quero os homens vivos, nada de gastarem munições e com barbas feitas. Corto”, o General fechou a conversa. Se não foram integralmente esses gestos e frases ditas através dos telefones via satélite, não estarei muito longe da verdade porque através da ficção peguei em todas as peças de xadrez como estavam dispostas no tabuleiro. Agora na posse de mais verdades, umas vividas e outras ouvidas, entendo melhor a herança política que devemos preservar: o seu humanismo. “Não temos outra saída”, disse na homilia o padre.



## “Sortes, Maio de 77 & Constituição”

Temos duas formas de nos aproximarmos dos projectos de revisão constitucional, sendo que a mais avisada é pela nossa experiência de vida, “Sempre sobram máximas e axiomas filosóficos que mais não são do que princípios de defesa da nossa dimensão humana”, defendeu o engenheiro concentrado na leitura de uma das propostas, sublinhando com lápis vermelho os pontos que considerava essenciais e fortes.

“Pode ser uma aproximação através do gosto dos pães que o diabo amassou e seu vale de lágrimas”, replicou o padre e acrescentou: “Uma outra maneira de aproximação é pela via da pura teoria, visão vazia e que deixa o homem distante das suas inquietações. Alimenta-se de ideologia, limitativa e não tem o peso das cruzes que carregaram os injustiçados”, o padre procurou abrir uma outra constituição ao acaso, tinha diante de si mais de cinco propostas que estavam expostas numa mesa oval de plástico que colocaram no centro do hall da igreja, para consulta pública.

“Kimbemba vai pelos olhos das tuas dores e sortes e cada página, suas letras ou artigos saltitarão como pérolas que poderás exhibir como parte do que entendes ser importante para a tua humanidade”, filosofou o padre.

“Mas existe uma humanidade singular, senhor padre?”, perguntei.

“Acredito que o que nos feriu ou fere delimita a geografia do que cada um entende como seu humanismo. Esses códigos de dor sempre foram iguais em todas as latitudes da nossa história. Direi que a primeira dor que feriu a alma, já não é motivo para dúvidas, foi o pungente grito e silêncios fechados de Jesus Cristo quando apedrejado, escarrado no rosto, chicoteado e depois crucificado”, a voz do padre ficou com laivos de tristeza e os seus olhos ficaram com espelhos de lágrimas como se tudo se tivesse passado ainda ontem.

“Desde esse dia carregamos cruzeiros que são a imagem mais forte do destino e aprendemos a perdoar”, disse o engenheiro querendo enriquecer o dia do padre que demonstrava boa disposição para encarar o serviço de mais uma missa importante, porque presa à memória de Maio. “Não cuspiste a cruz?”, perguntou depois de explicar que esse gesto é sempre a causa dos azares dos que assim se atreveram.

“É, é isso mesmo. Bem, meninos, tenho o rebanho à espera. Kimbemba gostaria que em poucas palavras pudessem falar da tua aproximação à Constituição partindo da tua cruz que não foi nada leve, pelo que já ouvimos”, o padre pediu-me quase rogando e desfez-se do programa e síntese da homilia, “*A comunidade, a religião e a política*”, foi o que conseguira ler num relâmpago antes de fechar a face escrita da folha A4 que dobrara cuidadosamente em quatro partes.

“Mas hoje, pelo que me foi permitido ouvir, o tema será desenvolvido pelo senhor Vice-Governador, o nosso Fininho”, disse com voz firme para que o padre recuasse nos seus propósitos, e mais disse: “Olha que esse público lhe é fiel e já anseia pelas suas palavras, como verdadeiras hóstias”.

“Ah, Kimbemba, é como dívidas pelo que não fazem e não hóstias”, cortou o engenheiro e sorriu com sarcasmo. Quando chegou o momento da homilia o padre avisou: “Não vou chamar o Vice, não há nada ou dívidas que ele não possa adiar para um outro dia. A primazia vai para o visitante que nos falará da sua aproximação das constituições”, o padre pediu com gestos o consentimento ao que o rebanho respondera em uníssono: “Sim, concordamos”, “É nosso, fala com o coração”, “Fala com luz”, pediram.

Comecei essa aproximação escolhendo o que vivi no derradeiro “*interrogatório*”, estava sentado na sala principal da Cadeia de São Paulo depois de uma sessão de tortura onde perdera o ouvido esquerdo, no longínquo ano de 1977, dia 26, às 23h45. À véspera do fatídico dia, era já o quinto interrogatório e o meu “Não assino” o Auto de Declarações mantinha-se audível e a notícia da minha resistência já tinha corrido em escândalo por todos os algozes.

Antes recuo até ao primeiro interrogatório, “Onde tudo começou e só foram ameaças”. O Director-Geral Adjunto da DISA, no dia 7 de novembro de 76, três dias depois da minha prisão, fez questão de presenciar a minha primeira sessão depois das sevícias e deixara vários avisos: “Assine, para o seu bem”, “Em Angola só pode escrever uma só pessoa, você não tem porque fazê-lo, não pode existir liberdade de criação”, disse com desprezo e abominou a minha condição de poeta.

“Sou inocente”, repeti dez ou mais vezes em cada um dos cinco interrogatórios. “Não assino o relatório cheio de falsidades”, gritava para não fraquejar, se o fizesse seria o meu fim. As peças continham acusações e supostas minhas confissões de subversões que não fizera, precisavam de oficialmente conspirar para purgar.

“Você conhece o Zé Eduardo?” perguntou o Adjunto. “Não, não é do meu meio de convívio. Já estava preso aquando da sua visita de inquérito político à vaga de prisões no Huambo. Sei que concluíram que deveríamos ser soltos”, respondi. “Ah, Ah, Ah, soltos”, ordenara que fosse levado à cela.

No quinto interrogatório (26 Maio), entrou o meu confrade Hélder Neto, poeta polícia, bastante sorridente. Sempre pensei que a poesia e sua força telúrica fosse servir-nos de apoio, e estimulasse algum afecto e proximidade: eu, naturalmente, aproveitaria reafirmar a minha inocência, e ele que aproveitasse entender que deveria rapidamente “recuperar em si mesmo” algo que perdera há muito, “o humanismo”. “Oh, o polícia assassinou o poeta”, constatavam os presos que passassem pelas suas mãos e sessões de lavagem cerebral. O poeta polícia não se dava ao trabalho de fazer a leitura do meio, ou simplesmente fingia desconhecer o que se comentava sobre os seus actos. Tive muita pena, pois o confrade estava é muito decidido a fazer, com esmero, a sua fama de verdugo inclemente, muito temido, e, infelizmente, tentava passar simultaneamente a ideia mal vendida de que estávamos diante do “Polícia mais inteligente”, “Um cérebro” como auto se elogiava. Depois das torturas, ficávamos uma hora sob os efeitos dos seus sermões ideológicos, falava de Estaline e ficava fora de si, não sei se no seu dia-a-dia teria um prazer mais conseguido.

“Vais ficar na lista dos que terão de ser fuzilados, não temos outra solução”, atirou a lista para cima da pilha de papéis que o rodeavam e o deixava quase escondido todas as vezes que se sentava. Tirou do coldre a pistola e brincava com o gatilho. O meu olhar tentava era adivinhar em que página estaria o meu nome, numa possível lista de oito páginas que decidiriam a vida de centenas de jovens enclau-

surados. Medi com o olhar o volume do dossier, e alguns nomes estavam sublinhados com pontas de lapiseira vermelha. “Oh, Kimbemba, estás tramado. Quem mandou os teus pais baptizarem-te logo com as vogais A e B que iniciam o nome?”, falei com os botões e quase amaldiçoei quem por carinho e cuidados me tivera baptizado.

“Ah, não tinhas como fugir dessa obrigação. Adriano é o nome do irmão mais velho da tua mãe”, desisti de maltratar-me com essas interrogações. “Será que o meu nome estará escondido no meio da lista? Sempre existem enganos e brancas nas chamadas dos condenados por quererem despachar logo o servicinho que não dignifica nem o próprio polícia por não querer manchar de sangue as suas mãos”, rezei para que tivesse tamanha sorte.

Já passava das 4h35 minutos, quando o poeta me devolvera à cela solitária com o aviso de o meu nome ficar de pedra e cal na *Lista de fuzilamentos*. Quando os dois guardas fecharam a porta de ferro da solitária, quase em simultâneo, ouvimos um grande estrondo, um tiro forte e seco cortou o silêncio da noite e deixou em pânico todos os presos que já temiam pelas suas vidas sempre que caía a noite. Segundos depois, assistimos a correrias desordenadas, o barulho de botas dos passos apressados e gritos de dor: “Uhá, Uhé”, gritavam bastante consternados os verdugos: “O Chefe Hélder suicidou-se com um tiro”. Todos os presos tentaram com cuidado divisar através das grandes janelas de barras de cimento a confusão que se estendia em todo hall.

“Não tenhas medo, não vai acontecer nada”, confortou-me o Carlos Pacheco, historiador, já que eu tremia como se tivesse um forte paludismo, tremia, tremia. “Podem destilar a vingança nos presos que durante à noite e madrugada foram interrogados, ou virarão só para mim o ódio, pois fui

o último”, disse aos meus colegas de infortúnio. Duas horas depois do suicídio, fomos libertados pelos insurrectos.

Em Agosto de 1977, o meu irmão mais velho leva até ao 7º andar do apartamento da minha amiga de nome Teresa, médium, onde eu estava escondido, um corpo de agentes da DISA: “Kimbemba, se não fizeste nada, é melhor assim e esperarmos pela justiça que tarda”, chorei, chorei sentado no chão, até que fui brutalmente arrancado dessa posição. Fui escoltado por mais de doze homens armados e estava à entrada do prédio um tanque de guerra. Dois polícias da DISA seguraram-me pela cintura, “Vamos, seu bandido”, e com as armas na posição em riste arrastaram-me, severamente, com os pés levantados a um palmo da terra até um camião lotado de jovens com os troncos nus e cabisbaixos. Presenciavam, ao longe, muitos cidadãos da Vila Alice com metade do olhar preso na cena e a outra metade do olhar nos cuidados estimulados pelo medo, e, por isso mesmo, escondidos no asfalto molhado por uma chuva miudinha.

Já na Cadeia de São Paulo, fomos atirados para uma longa fila no pátio onde duas mulheres faziam as selecções dos presos entre os que consideravam com os carimbos, “Altamente perigoso”, “Muito perigoso”, “Perigoso médio” e “Perigoso com interrogação”. Mecanicamente, esse processo não tinha qualquer “papel” ou fiscalização do Tribunal, e pela sua fluidez macabra, poder-se-ia concluir que o processo de selecção dos presos estava perfeito, pois não tinha na sua ponta algum obstáculo do tipo “Direitos humanos”, “Presunção de inocência”, “Liberdades e garantias pessoais”, “Tolerância”, garantia da “Integridade física e psíquica”, “Controlo sobre o próprio corpo”, “Direito de não ser privado da liberdade sem justa causa”, e tantas outras alíneas que dão hoje o brilho à futura Constituição.

“A máquina está oleada, nos trinques”, disse contente o oficial que liderara a minha segunda detenção e esfregava as mãos de júbilo, depois do seu olhar parar demoradamente nas duas pontas da fila dos condenados: “Na ponta é onde estão sempre os problemas”, terá confidenciado aos seus botões da camisa de farda de guerra.

Os que chegavam com a roupa manchada de sangue facilitavam o processo e carimbo selectivo: “Levem-nos à cela ‘Não tem perdão’, determinavam as duas oficiais e a voz não tinha nada de encanto. Esses infelizes não ficavam na fila, tinham os pénis queimados com pontas de cigarros.

“Prá li, rápido”, apontavam depois de escreverem o nome dos infelizes e juntavam o gesto de castigo físico. Quando tivessem dúvidas sobre a eficiência dos guardas, lembravam em bons gritos: “É para doer”, “É para tirarem os dentes”, umas vezes mais espirituosas diziam, “Não é para fazerem cócegas, as coronhadas não são para isso”, “Não é para choramingarem, é para deixarem cair ranhos misturados com sangue”, ordenavam. A minha vez aproximava-se rápida, e num pulsar superior aos segundos que marcam esses momentos de incerteza, tentava proteger-me com alentos de uma oração sem nexo. Juntava o conhecido e sempre mais fácil à memória, o velho e repetido “Pai Nosso”, com os constantes pedidos lançados em quase lágrimas a Deus: “Salve-me, salve-me, não fiz nada”.

“Sou inocente”, gritavam os seleccionados e separados da fila em direcção às celas e corredores que já tinham sido baptizados pelos presos do período colonial, inauguradores da cadeia: *Corredor da morte* e *Manicómio*, era como os presos e polícias designavam a zona das solitárias.

“Ai, quero a minha mãe”, pediam com vozes graves os mais adolescentes, aí entre 14 e 16 anos, aquelas circunstân-

cias políticas não perdoaram a situação civil de menores. Os ecos dos gritos eram ameaçadores e nenhum coração, por mais duro que fosse, aguentaria palpitar sem tremor e falta de oxigénio. “Meu Deus, vai chegar a minha vez e vou borrar-me todo, vou sucumbir”, preparava-me mentalmente.

“Não está na creche, não”, ironizaram os algozes a situação dos cinco rapazes arrastados com violência e pontapés. Um desses jovens de “fralda”, mais tarde meu cunhado, arrancaram-lhe os olhos, e nunca mais vimos o seu corpo. Finalmente, cheguei à jovem polícia que fazia a macabra selecção e perguntou admirada e com curto sorriso:

“És o Kimbemba?”, disse baixo.

“Sim, sou”, e olhei demoradamente para ela. Reconheci que tínhamos algum laço de amizade e de intimidade, graças a esses valores da adolescência, fez por tudo para que não fosse atirado para o *Corredor da morte*. “Sorte minha ter-lhe dedicado poemas”, acalmara-me com essa constatação.

“Levem-no para a “Cela C” e depois trataremos do seu coirão”, ordenou aos guardas. “Poupem o homem, vai ter de nos dizer o que fez todo esse tempo foragido”, disse e piscou para mim um olho com alguma ternura. Na Cela C, fiquei esquecido, até que um dia o poeta Rui Augusto, escolhido para faxinas, quase chorando me informara através do postigo, que ouvira na TPA um dirigente afirmar que o Comissário Kimbemba já tinha sido fuzilado. “Hoje, não passas essa noite”, tentou consolar. Dirigi centenas de bilhetes à minha família usando os faxinas, “Não sei se voltarei, mas coragem. Mãe, sou inocente”, escrevi.

Na última leva impensável de fuzilamentos, Julho de 1978, o meu nome ainda foi chamado, a madrugada já ia adiantada: “Botelho, venha sem a roupa”, “Porra, Botelho”,



no hall, duas viaturas de cores vermelhas, LADA de carga, com intermitentes ligados, recebiam os presos de última hora. “O Chico Zé também vai. Qualquer coisa de mal se passa”, comentou o Lima Viegas, e ficamos tensos. Silêncio na Cela C. “Não respondam por mim”, pedi angustiada e senti o carinho e solidariedade do Aguinaldo Jaime, do Ambrósio de Lemos, do Quim Cerqueira, Vieira e de todos outros segurando as minhas mãos para preencherem com afectos aquele instante de terror. Sorte minha, um dos verdugos foi buscar o Botelho português, o autor do livro: Holocausto.

“Esse Botelho, só nos vai trazer problemas”, gritou o chefe, deficiente físico e recusou a encomenda como uma praga. Tanta sorte assim, só podia ser obra das almas protectoras dos meus dois irmãos que já tinham sido fuzilados e atirados dentro de serapilheiras ao rio Kwanza.

Felizmente, fui posto em liberdade no dia 8 de setembro de 1979, dia do meu aniversário, mas um mês antes, pude presenciar as fartas lágrimas do Juiz Presidente do Tribunal Revolucionário, Adolfo João Pedro.

“Kimbemba, é a hora do perdão”, pediu quase aos soluços porque diante do seu *Tribunal Revolucionário* pedira-me que fizesse um relato de tudo o que vira, ouvira e sofrera. “Criamos monstros”, concluiu chorando copiosamente. No fim das revelações, pedira-lhe que olhasse de forma diferente para os que sofreram, e por tabela, os seus familiares. Eu estou na lista dos presos políticos que mais anos ficaram enclausurados sem culpa formada, “Porque me prenderam?”

O padre fez sinal para que encurtasse a minha intervenção que já ia longa, mas os seus fiéis ficariam privados de muitos outros detalhes. Quando li com redobrada atenção a nossa proposta de Constituição, eu disse à mesa de um jantar, rodeado de amigos e familiares: “A nossa proposta, fe-

lizmente, tem a marca da civilização”. O que está descrito nos Princípios Fundamentais do Estado, é tudo quanto em valor me permite aproximar de forma apaixonada à nossa proposta, porque responde pelos sentidos de vigia e cuidados que adquiri aquando das sevícias e injustiças que vivi e que tocaram milhares de famílias.

Na verdade, essa marca de civilização conheceu a sua “*gene de institucionalização*” com os actos do Presidente José Eduardo, cidadão humanista. Muitos que sofreram na Cela C — não sei se existe alguma cela no mundo que tenha oferecido tantos ministros à sucessivos Governos —, e em tantas outras celas espalhadas pelo país, foram por ele nomeados para os mais altos cargos do Estado, e essa atitude política é prova de com ele termos iniciado os traços mais relevantes da nossa civilização baseada em valores de humanismo. “Se perdermos essa herança por caprichos, o país nunca mais irá se reencontrar na paz e harmonia”, fechou o padre.

“O que falta?”, perguntarão muitos. Antes de tudo, dar início ao processo de justa indemnização material que não deve prescrever, ponto essencial que já faz parte da proposta constitucional; de seguida, dever-se-á receber as desculpas públicas por parte do Estado para que os últimos resquícios de estigmas políticos possam desaparecer; um outro ponto essencial, deve iniciar com o processo de legalização e recuperação do património de todos quantos foram presos e pereceram nas cadeias, e por último, o direito de criação de um museu. “Com a devida calma, olhemos para essas reivindicações como normais. Uma nação só é forte quando reconhece com vergonha os seus erros”, defendeu o engenheiro.

## “Homilias”

Uma minha tia que vive no Lobito contou-me que um padre, mas antes cortou a ideia principal para entrar nos pormenores da aparência: “Meu sobrinho, ele é o diabo em pessoa, tão bonito que é”, fiquei estupefacto, a idade da tia já não indicava que tivesse os sentidos para aí virados. Continuou radiante, “Tem usado as homilias para que se crie uma boa comunidade”, com avisos que acha serem pertinentes.

“Querem perder os maridos?”, pergunta ele e não espera pelas respostas pensando que alguma mais descarada grite ajudada pela paixão escondida durante os serviços de confissões, “Pode ser, desde que o senhor padre aceite ficarmos juntos”, pode acontecer esse insólito, é muita beleza “desperdiçada” nos ofícios da religião, como têm especulado as senhoras.

“Pois tratem de exalar o cheiro das rosas”, e aspirava o ar com o rosto virado para o tecto decorado com cenas da Paixão de Cristo e nos quatro extremos os anjos da guarda. Continuou: “Os homens ficam mais dominados se tiverem esse aroma todos os dias como prenda”, e nessa parte dos conselhos o padre colocou a mão direita no sovaco esquerdo e informou aos crentes que, “Hoje os maus cheiros são sinais do diabo. Há milhares de anos as pessoas não se lava-

vam porque pensavam que só os corpos untados em lama, com feridas putrefactas e com excrementos espalhados por todo o lado teriam os céus abertos para os receber”. E mais contou que, quando a primeira mulher usou o perfume, “Foi quase queimada pelos seus patrícios. Quem naquele tempo untasse o corpo com essências era apedrejada”, esclareceu o padre para espanto dos fiéis.

No próximo encontro com a minha tia, vou pedir para assistir à missa do padre “diabo”, como é tratado pelas carpideiras da igreja, pena é que não poderei subir ao púlpito para falar da beleza interior, sua fragilidade, na verdade o que hoje apreciamos mais é o lado trivial da vida, “Embaciamos o seu brilho, temos estado muito ausentes de nós mesmos”, escreveu o padre no seu diário. Eu acredito que o único momento que Deus está mais perto de nós, é quando acontecem as homilias; sente-se que o padre faz parte do rebanho. E se o padre por vezes usa o nome e a estória de vida das pessoas presentes, para tocar o coração de todos, apesar da singularidade das dores, o resultado é que na missa seguinte terá uma casa cheia.

Na última homilia que presenciei, um padre contou ao rebanho as suas peripécias, não podia ter melhor estória para tocar o coração. Dizia ele que, num belo dia, foi escalado para fazer o serviço de enterro de um membro da sua comunidade, mas no momento do seu discurso sobre as virtudes do defunto, apareceram uns “soldados armados até aos dentes” que faziam parte de um outro enterro que entrara ruidoso no cemitério meia hora depois.

O chefe da dita operação olhou para o enterro e terá ordenado como se estivesse numa frente de combate e toda hesitação seria “perigosa”, pensou o militar cujo bafo e hálito era de álcool puro:

“Vamos ocupar o buraco onde está o padre, levantou a arma de marca AKA, novinha em folha e o seu polimento e brilho cegou os homens e mulheres que o seguiam. “Sigam-me, a vitória é certa”, gritou o chefe, “É certa”, respondiam em coro e o grupo acelerava em corrida o passo para consumarem com sucesso a estratégia de ocupação: “Tenho em mãos um caixão sem buraco, não pode”, pensava o soldado chefe. Os últimos que rodeavam o padre, ao virarem-se para compreenderem o que se estava realmente a passar receberam diversos murros no fígado, “Feitas as contas ninguém ficou ileso”, disse o padre sem nenhum riso nos lábios e muitas vezes fazia pausa para abanar a cabeça.

“Abandonem o lugar, o buraco vai ser tomado pelo nosso morto”, gritavam os soldados e o coro dos civis subiu alto: “Rua, rua... levem o vosso corpo”, gritavam.

O padre fez uma pausa, tinha detalhes que não devia deixar de fora. “Meus filhos, ainda vi um pastor de uma seita que corria com a bíblia levantada”, confessou o padre com a voz molhada. A estória continuou com novos quadros. Os artistas de cornetas, trombones, saxofones, tambores de guerra, puitas e reco-recos tentavam organizar o passo para que pudessem juntar um pouco de ritmo “ao caos”, certamente pensaram que as suas melodias subiriam o calor do espectáculo de desordem social. “O mundo está mal, mas o nosso assim com essa gente não vai longe”, disse o padre quando explicava na homilia o sucedido.

“Meus irmãos tenham calma, vamos falar”, pedia insistentemente o padre, mas os altifalantes não tinham potência suficiente para ser ouvido em toda latitude aberta onde o caos mais se acentuava; fugas e empurrões, todos tinham como preocupação chegarem primeiro à saída do cemitério “*Nossa Senhora da Santana*” para fugirem do cerco de guerra

sem os seus generais e muito menos inimigos à abater. Os soldados furiosos fizeram vários tiros para o ar, rodando sobre si mesmos, “Parecia uma dança das cobras”, comentou o padre.

“Aplaquem”, “Aplaquem”, “Aplaquem”, ordenavam os que tinham passado por algum treino militar. Os militares mais eufóricos, juntavam mais algum espalhafato de guerra por acréscimo para aumentarem o caos e superarem alguma resistência, “Despoletem as granadas”, gritavam alguns soldados e exibiam o objecto mortífero.

“O nosso morto vai ser enterrado, custe o que custar”, ameaçaram em coro os seis irmãos do defunto. Os canos das armas de fabrico russo foram baixando de ângulo, as árvores já sentiam o seu efeito mortífero e não tinham mais de três metros de altura, “Não falta muito mais tempo para o ângulo da Aka ter na mira o nosso peito. Safe-se quem puder”, Ximinha, a viúva, procurou alguma escapatória. Não havia, o buraco ainda sem o caixão dominava o seu espaço e era já a trincheira dos coveiros, “Aqui não dá, mana”, empurravam todos aqueles que procurassem por um refúgio mais seguro. À esquerda o caixão e as coroas de um metro de diâmetro espalhadas, Ximinha decidiu pisar as campas para sair do ponto que se tornara no alvo principal, “Meu Deus, perdão, perdão”, repetia para si mesma a culpa sempre que na fuga pisasse as “últimas residências”: as campas. A indefectível esposa e amigos puseram-se em debandada, já que não poderiam desafiar os intrusos que estavam bem preparados para uma longa e dura batalha. O morto já tinha o seu destino traçado, a esposa terá dito: “Está no lugar certo. Foge, os filhos em casa precisam de uma mãe”, a voz do medo servia também para acelerar os seus passos de corrida.

Só o padre ficou no mesmo lugar por estar mais preparado espiritualmente para esses momentos em que a pas-

sagem da morte cheira a pólvora e a feridas queimada. No buraco aberto, os soldados colocaram o seu morto e ainda por cima, para além de tomarem à força a tumba, quem abriu as portas do céu ao defunto foi o padre atónito e abandonado no seu ofício.

“Senhor padre, use o mesmo rosário e despache a alma do nosso morto”, pediu uma velha com a língua pesada de vinho. Um soldado com os olhos esbugalhados ameaçou: “Coloque já no céu a alma do morto ou as minhas balas furarão a tua bíblia”. Os músicos reunidos escolheram uma música do Congo. O padre pegou no terço e pediu silêncio para que todos rezassem: “Pai-nosso, que estais no céu...”, e os músicos inspirados tiraram notas de rumba que tornou o ambiente menos inóspito. “Padre, não diga não. A primeira pá de areia é sua, para que a terra lhe seja leve”, pediu o militar que tinha um estilo que o distinguia dos demais soldados.

Os políticos deveriam estar mais vezes sentados nas igrejas para nos momentos das homilias conhecerem um pouco mais o ser humano e suas fraquezas, abraçarem os crentes que os rodeiam na fila em sinal de fraternidade: “Cumprimente o seu irmão, na graça de Deus”, mandam os padres para que ninguém pense que está no mundo sozinho.

Foi numa homilia proferida pelo meu primo Cardeal Alexandre do Nascimento que alguém estupefacto ouviu dizer: “Oh, Deus, dê-lhes saúde e inteligência para dirigirem o País!”. Ainda vivíamos num regime de um só partido. Tive de explicar o alcance tão masoquista das suas palavras e hoje, felizmente, o meu amigo entende que mais vale Deus abrir a inteligência dos dirigentes e políticos para que não nos aconteçam novas desgraças.

Todos os santos dias quando acordo o que mais exalto com rezas e palavras de homilias é a mais religiosa prece para

“Que a violência que vivi e presenciei na Cadeia de São Paulo, nunca mais surja nas equações políticas de construção de uma nação forte”. Quando for à missa na última semana de Maio, em memória do Aires e Carlos, meus irmãos, gostaria que o padre na homilia falasse demoradamente sobre o maior legado que poderemos deixar como marca da nossa contemporaneidade: “O humanismo”.



## “Janela”

Na praia frente ao restaurante “Miami Beach”, duas cadeiras depois da minha, um pai zeloso tentava dar todos os prazeres ao filho de dois anos de idade. Estendia para ele pás, baldes e uma bola com desenhos do Tio Patinha. Todos os olhares paravam em seus gestos que levavam tanta ternura. “Esse homem tem toda a paciência do mundo e jeito de mãe”, elogiou uma jovem que levantou o seu dorso. “Os pais só pensam em dinheiro», comentou a amiga. Em algum momento, mesmo com o sair e entrar festivo de novos banhistas, tirou os olhos de cima do filho e o seu medalhão de ouro tornava o acto mais cativante e talvez intrigante. O sol estava no seu pico, quase por impulso sincronizado fomos para dentro da água refrescar o corpo e levei comigo a minha filha e a afilhada para que tivessem idêntica protecção contra o calor.

Um domingo de bom sol é sinónimo de enchente. É daquelas situações em que nenhum banhista poderia escolher um espaço só para as suas braçadas. Se assim entendesse, teria que ganhar ao oceano o seu lugar. Uns poucos tentavam esse isolamento e certamente diziam: “Aguentem os empurrões”. Ao pai zeloso eu disse: “Muito sol, né?” e acrescentei: “O bebé bem precisa dessas molhadelas”, e com

muita habilidade a sua mão côncava cheia de água molhava as costas e partes fustigadas pelo sol. Não esperou pela minha curiosidade. “Sempre que posso trago o bebé para sentir que tem um pai” e acrescentou que estava desquitado não conseguindo esconder uma certa tristeza.

A conversa desviou-se da sua melancolia, tínhamos sol suficiente para não escolhermos como tema de aproximação e empatia assuntos amargos. “Muitas vezes apanho-o na creche, faço questão», disse com um sorriso. Muitos pais, entre o serviço, os números, a agenda social e a felicidade singular – e nessa felicidade não deixaria de frisar a de sexta-feira, famoso “dia dos homens”, como se diz na gíria – não conseguem oferecer-se à si próprios algum tempo para acompanharem o crescimento dos filhos.

O zeloso pai e eu falamos de muitos assuntos. Muitas banhistas passavam por nós e dedicavam uns segundos maternos de atenção ao bebé e o pai dividia os sorrisos. “A creche do miúdo é bem cara, mas se tivermos que olhar para esse dilema, como é que os nossos filhos amanhã poderão competir com os filhos de todos aqueles que não têm mãos a medir os gastos para com a educação”, queixou-se. Ainda olhei para a exibição do seu colar e anéis de ouro, não queria acreditar que falasse de dificuldades. Eu já o via num oásis e até tinha uma ligeira barriga para a sua idade. A minha mãe dizia “barriga de sossego” quando via alguém com o seu aspecto. “Sim, tem razão’ e falei pelas minhas contas, na verdade esse problema tem passado despercebido e não sei se o seu esquecimento não será a causa dos futuros problemas sociais.

Recentemente, li um diagnóstico sobre a educação e notei que como alcance estratégico – acredite que essa última palavra só a escrevo porque é sempre a mais repetida nos

relatórios de qualquer governo do mundo –, o sagrado objectivo será «diminuir o índice de reprovação». E entre as soluções, todas elas igualmente acertadas, notei a “pior” falha, naturalmente a área que não deveria ter um buraco negro. Os políticos dizem que governar é “fazer escolhas” e que lhes dá gozo correr o risco das opções. Mas existe a exagerada doze de silêncios. São afirmações e certezas de quem por esse ofício já passara e deixara como legado obras de testemunho literário nas quais podemos conhecer e especular sobre as suas hesitações que não são poucas.

A criança que estava no colo do seu zeloso pai chapinhava a água com suas mãos tão pequeninas e alguns dos seus movimentos, de tão controlados, poderiam ser os sinais das suas apaixonantes aprendizagens. Quando segurou na pá de areia – permitam-me entrar na ficção – ele não estava só a usar o instrumento para os seus fins, parecia que pretendia fazer um outro uso para novos prazeres de exploração do mundo. Os diversos riscos e rabiscos na areia quem sabe se não seriam as primeiras tentativas de fazer letras ou desenhos? Se demoradamente olhares através da janela do teu mundo quando estiveres no teu bairro, rua, em casa, ou mesmo através da altitude de um terraço, quantas vezes notarás que as crianças que deveriam estar sentadas numa carteira de escola, a dormitarem numa cama das creches, mais parecem ser “passarinhos soltos?”. “Menino para onde vai?”, pergunto. “Vou à cantina comprar saldo», diz a criança de 9 anos e na sua mão direita, prende o pulso do irmão, ou do vizinho, pode ser até de um primo de 4 anos muito distante das saias de sua mãe.

Quando os adolescentes abrem as aparelhagens para poderem desafiar a autoridade dos vizinhos e subirem de estatuto social no meio dos seus, sempre podes separar o

eco das vozes mais frágeis e identificares que naquelas horas adiantadas da noite, muitas crianças que deveriam estar no primeiro sono para no dia seguinte estarem bem-dispostos nas creches, também saltam ao ritmo estonteante do kuduro ou rap sem que os pais digam: «Acabou a desordem. Xixi e cama». E o vizinho até pode pensar que tem alguma razão e autoridade ou simplesmente acha que mereça descansar com silêncio para no dia seguinte aturar o trânsito sem deixar de fazer uma boa acção que seja e com essas razões juntas decida sair por aí aos gritos para que as crianças respeitem a necessidade da ordem. Essa atitude louvável de todo seria respondida de forma agressiva por parte dos seus pais: “Mande nas suas crianças e meta-se na sua vida”. A janela do nosso mundo tem ainda o problema dos horários curtos, como poderiam os pais estar simultaneamente à porta das escolas e no local de trabalho, se o horário de serviço é muito mais longo e rígido?

O pai do bebé avançou outras considerações e tinha a voz embargada devido alguma desilusão que não o deixava inteiramente feliz: “Poucos são os que param nem que seja só por um instante para ouvir as inquietações das mães que não sabem mais o que fazer com os seus filhos e ninguém as socorre”. Esse relatório ou diagnóstico deveria indicar de forma clara que não teremos muitos progressos se não pudermos oferecer milhares de lugares nas creches para famílias que não as possam pagar. As famílias já não sabem como esticar o dinheiro e por isso mesmo preferem que os filhos fiquem à solta e a rua seja a sua escola e no sem beira nem eira forjem os seus caracteres. “A riqueza não vai mudar de mão se não tivermos muitas crianças que acabem de sair dos cuidados de corte umbilical indo directamente para as creches e escolas pré-primárias”, exagerou na afirmativa. As

grandes causas do caos social estão aí, infelizmente nenhum político ainda se interessou pelo assunto. Esse fenômeno tem uma substância filosófica que deve ser entendida através do ditado que avisa o seguinte: “É de pequenino que se torce o pepino” e mais máximas podemos tirar da botânica até para que fiquemos mais acordados em relação as causas da degradação social. “Pau que nasce torto, torto morrerá”.



**SAÚDE**





## “Senhora Morte”

Com paciência, escutei as cenas que diariamente acontecem no Hospital Américo Boavida. Tive logo a certeza de que a nossa morte para estar bem nutrida, “Gorda de arrasto”, como escreveu um poeta maldito, arrumaria em bom refúgio e tecto a sua casinha nos bancos de urgência, caída em lugar certo até por respeito a sua própria natureza.

“Os pobres aí são deixados em suas mãos por falta de melhor lugar onde caírem mortos”, disse humorado o padre.

A escritora Sónia Gomes, no inédito intitulado *Luanda*, romance que será publicado com a chancela da UEA, quase descobre a sua verdadeira face. São traços disformes, enjoa quem se aproxima porque desprezível no olfacto e visível no entra e vai dos micróbios que se passeiam e engordam nos corpos putrefactos deixados fora das gavetas das casas mortuárias com problemas de refrigeração. A morte aí tem um rosto que ri da própria morte.

“Não temos camas, nunca tivemos em número suficiente. Deixe o seu fardo onde está”, disse a morte vestida de enfermeira para a filha da paciente que se estendia abandonada no chão frio do corredor da sala de urgência.

“No chão, senhora? Onde está o seu coração? Que terços fazem a sua vida?”, perguntou a filha da doente, com lágrimas atrapalhando a dicção.

“Ah, não tenho, não. Imagine se tivesse que agir com o coração, não conseguiria aguentar-me nessa desordem de aflitos. Eu ando em lugares que você nem suspeita um pouco”, respondeu a morte. E por dentro tinha um grande sorriso que mais ninguém notava, “Só Deus, mas este não pode fazer muito, e para os pobres, infelizmente, está sempre dormindo ou desatento ao seu suplício”, cogitou a senhora morte.

“Senhor médico, por amor de Deus, a minha mãe está nas últimas. É com esse coração que querem governar o País? Socorro, por favor! Não se deita fora o amor ao próximo com tanta facilidade”, gritou aos choros contra a indiferença do médico que caminhava num passo lento com o olhar espreitando por cima dos ombros altivos.

“Desculpe, mas por respeito às normas, só atendo os pacientes que estão estendidos nas macas. Não é o vosso caso e vai uma grande diferença. Aguarde pelo atendimento das enfermeiras, estão aí para isso e outras coisas mais”, respondeu aos gritos. A morte, com mãos de alicate, segurou o magro pulso direito do médico e arrastou-o sem qualquer resistência em direcção ao gabinete de especialistas, espaço vip às moscas, porque os melhores médicos são bastantes vezes procurados pelas urgências das clínicas privadas. “É um fardo, estar aqui nessa espelunca do Estado. Só pode ser castigo”, cogitou o médico.

Saída não se sabe de onde, uma mulher da limpeza com longos até a cintura, apoiada na vassoura já com poucos cabelos de nylon que pudesse melhorar a higiene da sala, fez um sinal cheio de códigos de negociata marginal para que a filha da doente conversasse com ela de forma mais

privada. “Naquele lado da sala, é mais seguro”, com a ponta da vassoura indicou o canto direito da sala e atirou para traz a peruca eriçada e mal tratada. Uma porta semi-aberta deixava ver duas crianças atravessadas no berço e cada uma com sangues, urinas, fezes e tosses de patologias diferentes.

“Olhe lá, menina toda produzida. Não lhe vale de nada andar por aí aos choros. Ah, não tem quinhentas folhas verdes que possa recompensar o servicinho de troca de boa maca em prejuízo de um doente terminal, pelo corpo ainda cheio de vida de sua mãe?”, propôs sem qualquer hesitação ou ética. “Tenho... deixa ver”, puxou a bolsa pendurada no seu ombro esquerdo e vasculhou, remexeu os seus fundos. “Sim, só tenho duzentos dólares, essas folhas verdes chegam para a mudança?”, perguntou com voz pouco animada.

“Você não dá nenhum valor pelo seu doente. Ah, Ah, nem parece que se trata de sua própria mãe. Filha, olha que não é fácil no mundo substituímos quem nos pôs no mundo”, explicou a empregada de limpeza com o queixo apoiado nas duas mãos que mantinham o peso da cabeça sobre o cabo da vassoura. “Mas não tenho onde roubar o resto, tenha compaixão, criatura de Deus”, pediu quase ajoelhada. “Porra, só tem gente pobre e mal cheirosa nesse corredor. Vou aguardar por alguém que possa ser mais generoso no bolso. Tenha melhor sorte. Saiba que Deus nunca abandona os que sofrem, vai ver que não me enganarei quando a sorte da sua mãe mudar”, e saiu quase dançando. A vassoura servia de instrumento que criava parte do ritmo que se espalhava pelo corredor enquanto caminhava dando costas ao sofrimento da filha da senhora que se contorcia de dores.

“As minhas colegas estão melhor, nas salas de clínicas privadas. Os que chegam com os doentes esticam logo as notas verdes assegurando à cabeça o bom trato. Isso é que é

gente”, murmurou entre dentes cerrados a mulher da limpeza.

A senhora morte, e é, sem favor, uma bela figura de mulher, depois de deixar o médico divertido com os telemóveis da Unitel e da Movicel, apoiado em bons saldos de utts, na verdade assediado por muitas razões de saias e cirurgias, não teria como atender a todas as chamadas em lista de espera sem que abandonasse essas “pobres almas”. Voltou novamente à sala de urgências para averiguar o estado de atendimento. Desta vez, levou colado ao peito um relógio próprio para as estações de comboio devido a sua grande dimensão. O ponteiro dos minutos pintado de vermelho foi girando de forma inclemente já que em cada passagem completa roubava mais vidas, “De quem é esse morto?”, gritam os enfermeiros num ritmo estonteante.

A senhora morte é muito aplicada. Vê-se no resultado do número de vítimas que sucumbiam nas macas ou à entrada do Banco de urgências, que aumentava a lista de infelizes. “Boa safra”, classificou usando o dicionário da agricultura. Resultado, só uma senhora e mais uma criança de oito anos ainda davam sinais de vida, e essa resistência não a deixava de todo feliz, parecia que eram mantidos por dois fios de vida muito resistentes.

A senhora morte peidou, “Porra, que cheiro”. Gases fétidos cobrem todos os corredores do hospital, pairam nas casas de banho sem água corrente, nas salas de urgências, pior na pediatria e estão entranhados nos lençóis coloridos do Congo. “Encardiu os poucos lençóis brancos”, resmungou um doente.

“Vou passear, dar uma volta pela cidade. Melhor, anotei que no bairro Alvalade temos um doente à porta de mim mesma: morte. Vamos ver o que decido fazer na hora. Aqui está tudo encaminhado e muito calmo para o meu gosto”,

disse alto, mas ninguém entendeu o alcance das suas palavras, ultimamente tem sido assim, parece que existe um muro que a separa das demais enfermeiras.

Um jeep de marca Prado X5, de cor prata como a lua, parou para dar-lhe boleia, “Essa flor não me escapa”, convenceu-se. A senhora morte desfilava pelo passeio de terra batida e buracos, vestida de um traje de linho branco. “Noiva da noite”, foi a alegoria criada pelo jovem que fez baixar o vidro da porta do seu lado direito e sorriu como nunca: “Esse lugar é seu”, abriu a porta.

“Eu posso ser alma”, sorriu e continuou a sua caminhada, sem medo dos assaltos e muito menos entusiasmada pela insistência do jovem. “Lua minha, entre”, afinou a voz como se fosse um suspiro, a viatura em baixa aceleração. “Não se preocupe, sempre soube cuidar de mim, mas obrigada pelos seus tontos cuidados”, correu como uma gaivota e o jovem ficou parado maltratando-se pela inoperância da sedução. “Pó, caramba, devia ter tido outra abordagem e estilo. Espalhei-me como um miudinho”, fechou os olhos com as duas mãos e deixou a mudança automática na posição P, não tinha motivação.

Ao atravessar o largo da Independência, uma viatura de marca Volvo parou bruscamente e o seu dono de nacionalidade inglesa abriu a porta e pedira-lhe que entrasse na boleia porque tinha gasolina suficiente para qualquer percurso que tivesse em mente. “Ah, Ah, você nem imagina o que tenho em mente. Para seu bem, nem tente saber”, respondeu sem cara de muitos amigos. “Eu posso levar-lhe a Paris, hoje mesmo. Quem não quer conhecer o mundo da moda? Oh, morango, eu até banco os custos?”, pediu quase de joelhos e as viaturas que ficaram à espera do fim do filme – difícil será saber porque não se impacientaram – e até

mesmo os mais apressados não buzinaaram, nem disseram as palavras obscenas que de tão usadas já não eriçam os cabelos de ninguém.

A senhora morte acelerou o passo como uma gazela e já diante da Rádio Nacional, concretamente, na Bomba de Combustível da Sonangol, entregara uma rosa branca ao bombeiro mais feio. “E nós”, “E nós”, gritavam os motoristas que abasteciam as viaturas e com apoios de outros que esperavam pela sua vez na fila, “Esse aí não vale nada”, gritavam. “Ah, vocês não merecem”, todos ouviram a sua voz e razões que cobriram com eco todo o quarteirão. “Que voz potente e celestial”, elogiaram os que mais se auto valorizaram. Apresou o passo.

Na rua António Assis Júnior, no coração do Alvalade, dirigiu-se com estilo à ambulância da Clínica Girassol encostada à porta número 15A da vivenda de dois andares. A viatura novinha em folha mantinha os intermitentes ligados e a respectiva sirene estava accionada em movimento lento, “Puiiii”, “Puiiiiiiii”, um aviso intermitente que denotava o grau de gravidade. A senhora morte com um só sopro apagou os dizeres que estavam inscritos nas portas da frente da ambulância. Sem erro ortográfico, alterou para Hospital Américo Boavida e sorriu, sorriu por ter modificado a titularidade do livrete. Teve de interromper o riso, o corpo de bombeiros, equipa de socorro e vizinhos curiosos já traziam estendido na maca o alto dirigente. O doente não parecia dar sinais de si mesmo apesar dos estímulos das máquinas de reanimação, “Pode ajudar?”, perguntou a esposa do alto dirigente

“Sim, não se vai arrepender”, disse a senhora morte.

“Acha mesmo que me vou dar ao luxo de medir a utilidade da sua ajuda? Você, tem uma cara de anjo e pode aju-

dar. Venha connosco”, ordenara a esposa do alto dirigente. As portas da ambulância foram cuidadosamente fechadas. A manobra da ambulância foi feita numa direcção contrária à desejada pela família que tinha como opção segura o endereço do novo hospital, “Um espaço de excelência para quem pode”, cogitou a esposa e estava decidida a virar de forma brusca o volante.

“Senhor motorista, acerte na direcção, até parece que não conhece onde fica o seu próprio serviço”, criticou a mulher do alto dirigente, mas em pânico.

“Minha senhora, não consigo virar o volante. Condeno-me a mim mesmo por nada poder fazer na direcção que leva o volante. Parece coisa do diabo”, respondeu com a boca aberta de tanto espanto. A filha cassula que acelerava o Patrol VX8 atrás da ambulância, fez uma manobra perigosa para barrar o caminho a ambulância. “Tá louco? Mude de direcção”, mas o motor da ambulância parecia responder com novas acelerações. O Patrol VX8, não tinha cavalos suficientes para consumir a ultrapassagem.

“Não saia dessa direcção. Essa linha tem a mão de Deus”, defendeu a senhora morte mas ninguém quis abrir uma nova discussão. A sirene abria de modo fácil a segunda fila do trânsito parado e caótico. A própria esposa estava admirada, “Milagre”. Nem mesmo nas visitas oficiais com batedores da polícia de trânsito, algum dia o motorista do Gabinete do marido conseguira fazer algum trajecto com mais velocidade e eficiência nas manobras de ultrapassagem, “Que seja então o que Deus quiser”, conformou-se.

Os guardas que controlam o portão de acesso ao hospital Américo Boavida, quando deram por conta da manobra com toda a borracha dos quatro pneus da ambulância

levantando poeiras, num ápice abriram os portões, e os doentes e familiares que estavam sentados ao relento, outros tantos deitados no chão protegidos por colchões de papéis, amontoados à porta de entrada, todos sem banhos feitos, sem ceias de milho torrado e canecas de cafés quentes, bateram inúmeras palmas. “Aleluia”, “Deus acordou”, gritaram. Registei a curiosidade do morador do *prédio cubano* nº 12 que confessou nunca ter presenciado um júbilo tão confrangedor: os doentes com patologias difíceis há sete dias que esperavam por um meio de transporte que cuidasse das transferências decididas pelo médicos.

Já na sala de urgências, as equipas de socorro são forçadas a deixar o doente estatelado no chão frio, sujo de sangue de outros doentes em agonizantes estados de falência dos sinais vitais de vida e sem médicos de socorro por perto. “Querida, chame a senhora que veio na ambulância ao meu lado”, o doente acordou do coma e mãe e filha cassula atenderam o seu pedido.

“Sim, aqui estou”, disse a senhora morte e segurou na mão do doente.

“Vou ficar a dever-lhe a minha vida, sei”, confessou o doente. “Tire-me daqui, nessas pobres condições eu vou morrer e acho que ainda posso fazer muito pelo país”, o doente levantou a cabeça para observar melhor a miséria do corredor e chorou copiosamente, “Tirem-me daqui”, rogou. “Não tenho garantias, senhor alto dirigente. O que lhe fará mudar de ideias, se teve todo o tempo e recursos do mundo para tirar da miséria o hospital?” A Senhora morte abandonou a sala de urgência e o choro do alto dirigente subiu de súplica, “Senhora, aqui morro”.

O agente de José Saramago anunciara no jornal português que a “menina” do livro *As Intermittências da Morte*,



há um mês que mudara de residência, e que escolhera como seu ninho o Hospital Américo Boavida.  
Quando acordei fechei o livro.

*“Último texto.  
Nova assiduidade só no próximo ano,  
Janeiro de 2010. Até lá,  
um abraço”*



## “Turbo”

Do outro lado do telefone móvel a voz trémula do marido da minha sobrinha. A mudança nada usual de utilitário fez com que a minha respiração ficasse logo descompassada, “O que terá acontecido?”, dizia para mim mesmo no esforço de me antecipar. “Alguma briga?”, pensei no mais simples.

“Aló, tio Ninano.”

“Sim”. Respondi num ápice e adiantei “O que se passa?”. Não é comum o sobrinho falar comigo através do móvel da esposa. Ele sentia pouca segurança nas breves palavras que demorara a constituir frase feita. “Tentava esconder alguma coisa de mais grave, só pode ser”, pensei com medo. Procurei um tampo de madeira e três vezes bati para que nada lhe acontecesse de pior. Finalmente, arranhou forma sem sucesso aparente de me informar sem muito pânico que a esposa estava na sala de urgência da clínica “Sagrada Esperança”. A escolha da clínica deixara-me mais tranquilo e confiante nos cuidados. “É uma clínica de referência”, elogiei sem muita segurança. Há oito anos, se ainda me lembro com todos os detalhes, tive uma grave crise de asma; sentia o peito rebentar e o ar que aspirava não era suficiente para manter-me em pé. Quando lá cheguei amparado pela mi-

nha irmã, deixaram-me sentado numa cadeira no hall da sala de urgência de atendimento. “Pela chamada do médico...”, explicava a enfermeira que se abeirou de nós “Vão desembolsar 350,00 dólares. Pode ser ou esperam com tantos aflitos à frente?”. Não é que um pasmo forte fez-me tremer todo e seguido de alívio. Interrompi a proposta da enfermeira para anular o “sim” da minha irmã que procurava na pasta de ombros as notas de cem. “Obrigado, saiba que só a chamada é mais cara que a consulta”. Fiquei curado e deixei a Sagrada Esperança entregue aos seus preços.

Voltando ao sucedido de agora. “Um momento, tio... fala com a sua querida sobrinha”. Passou o telefone. “Ah, sobrinho, que grande alívio. Ouvir a sua voz é o remédio certo. Ficarei mais calmo”, disse rápido para que apanhasse os fios e meada da frase. “Oh, tio...sinto muitas dores”, começou com queixas. A sobrinha falara do seu estado de saúde que pela manhã ficara com um quadro alterado e repetiu várias vezes que não estava bem.

“Tio, já passei pela clínica de Alvalade, fiquei quatro horas à espera, nada de especialistas para a minha situação clínica”, lamentou-se com voz quase inaudível e com momentos fortes de espasmos de dor. “Oh, querida, não fales. Eu vou já aí num só pé”, tentei acalmar. Nessas situações é importante o conforto através da presença física e não olhei à distância e nem me importei com o caos que sempre torna mais longo o percurso à clínica situada na Ilha. “Tio, estou aqui há três horas e meia. É a mesma situação tirada em papel químico; na Clínica de Alvalade a dita urgência já ia nas seis horas de atraso. Dizem estar todos os médicos numa conferência de medicina”, explicou. “Que conferência é essa?” Olhei para o relógio. Os ponteiros juntos já marcavam 21 horas. “Não acredito que ainda andem às voltas com o

simpósio”, reparei de forma crítica.

Acelerei o jeep em direcção à clínica. Usei as bermas da estrada apesar de sentir-me contrafeito por desrespeitar as regras de trânsito. Já não é rara essa aventura e muitos seguiam a minha pressa e manobras perigosas. Durante o percurso fui pensando como tinha um carinho especial para com a sobrinha. “Será que fui um bom pai?”, pretendia juntar novas certezas só para ficar mais condoído. O Aires, seu pai, já falecido no longínquo ano de 77, juro que senti, ajudava à manter a direcção do volante e tinha certeza que estaria simultaneamente ao pé da filha. A sua mão direita amparando a sua cabeça de cabelo farto, vi-o em imagens quase filmicas e disse alto “O meu irmão já lá está”. Quando passei em passo de corrida pelos corredores e labirintos da clínica Sagrada Esperança pude reparar que o cenário era de insatisfação. Muitas famílias dos pacientes criticavam as prolongadas ausências dos médicos “turbos”.

“O que é um médico turbo, papá?”, perguntou a rapariga que tinha os olhos marejados de lágrimas. A sua mãe estava encalhada no Bloco Operatório e o médico cirurgião por via de rádio de ondas curtas comunicava a sua aproximação que levava já duas longas horas. “Estou a chegar, só mais um bocado”, repetia sem procurar uma nova desculpa. “Minha neta, são os médicos que trabalham em várias clínicas e é uma dor de cabeça encontrá-los no lugar certo”, lamentou o pai materno. “Estão em todo o lado e não estão em lado nenhum”, completou um outro pai à braços com o mesmo problema. Na medicina o valor tempo é o mais caro. Não sei se existe uma profissão que dependa tanto desse factor. “Por um minuto a mais de espera se morre, por um minuto a menos de espera se salva uma pobre alma”, protestou um outro pai de ouvido na conversa.

Os médicos para se virarem bem na vida da cidade mais cara do planeta, justificam e tornam firmes os vínculos que assinaram não só com os hospitais públicos, mas com seis ou mais clínicas privadas para “aguentarem o pão e despesas de casa” ou ainda como outros se defendem de forma humorada: “É só para mantermos a panela a ferver”, explicou uma médica de nefrologia que entrara na roda dos protestos. “Nós já pedimos melhores salários para os especialistas, pois só assim poderíamos deixar cair o número exagerado de clínicas para em troca, oferecermos mais tempo para os doentes e estudos dos diagnósticos”, explicou e abriu um pesado livro de medicina interna. Os protestos foram baixando de tom e aproveitou para encontrar os culpados: “A nossa Ordem dos Médicos não conseguiu convencer o poder político que bastantes vezes fica surdo. Queremos incrementos significativos até 4 mil dólares mês.” E mais falou sobre a especificidade da profissão e ameaçou, “Quem pode cuidar do corpo só somos nós”, bateu no livro. “Deviam ser ouvidos”, replicou uma mãe.

Muitas famílias andam com os seus doentes às costas ou em corridas desalmadas sempre com o norte da agenda turbo dos médicos “Vira, vira o carro, o médico para a doença da doente mudou, agora mesmo, de clínica”, explicava quem tentava adivinhar onde seria melhor atendido o seu doente. Não podemos ficar admirados se ouvirmos dizer que as estatísticas das viaturas de socorro presas no trânsito, em mais de 80%, levam os socorridos à falência de todas as esperanças de vida. Quantas vidas não se apagam durante o meio percurso feito pelas tentativas de viaturas com os intermitentes ligados, desafiando a teimosia dos que não gostam de ser ultrapassados até pelas próprias ambulâncias;

sirenes e buzinaes, gritos, acelerações curtas e travagens bruscas. A vida por um fio.

A melhoria dos serviços de urgência dos médicos “turbos”, suas consultas, intervenções urgentes e leitura de exames, há três anos que encontram um grande inimigo: o trânsito. Não posso imaginar, mesmo levando esses factos para a pura ficção, como um médico pode atravessar toda cidade ou ir de uma ponta a outra da sua geografia e atender simultaneamente três urgências sem que todos fiquem a perder. “Só mesmo de helicóptero poderiam estar em todas”, ironizou um dos pais. No dia seguinte, vinte quatro horas depois, tivemos a presença da médica: “Foi um dia de arrasar comigo e de muitas outras urgências”, justificou sem qualquer pejo. Na factura o que mais odiei foi o custo da “chamada de urgência”. “É uma vergonha”. Antigos médicos como o Vidigal, Néné, cardiologistas, Sassi, Xavier, Bastos, Elisa Isabel e tantos outros que passaram pela militância mais nobre de defesa dos mais fragilizados deveriam ser muito ouvidos e estou certo de que, num abrir e fechar de olhos, equacionariam as melhoras saídas. “É preciso ouvir”, concluiu o meu sobrinho.





# HABITAÇÃO



## “Senhor PLE”

Tinha chegado à casa muito cansado e como sempre, para entrar de forma mais rápida no sono das 19h, pedi espaço para que sentasse no cadeirão colocado mesmo a três metros à frente da TV, no canal da Zimbo. Passavam o resumo noticioso. Só posso garantir que ainda ouvi anunciar “Um milhão de casas serão construídas”, mas logo depois dessa frase quase utópica, o ecrã saiu da parede com os seus próprios pés e eu entrei na sua misteriosa caixa.

“Podes considerar-te um amigo e saiba que beneficiará do meu melhor estatuto. Nessa condição poderás fazer-me críticas sem que fique com o estômago às voltas, nem aumente em fel”, propôs o Presidente, e com o toalhete de linho branco bordado com flores de linho com cor de champanhe, limpou o espelho embaciado, “Tá frio, só com água morna se pode tomar banho”, pensou.

“Acho melhor estarmos nessa condição, tem muito mais proximidade”, sorriu o Plano Estratégico, ele também preocupado com o seu visual. “Ah, estou um pouco mais jovem que tu. Ah, olha como te caiem os cabelos mais grisalhos”, apontou para os cinquenta fios de cabelo que estavam visíveis no lavatório de mármore preto, uma conta preocupante para quem acredita que ficará eternamente jovem.

“Esse somatório de queda diária, infelizmente não tenho como travar. Vou passar por feiticeiro”, o Presidente desatou-se aos risos e olhou demoradamente para a ponta do seu dedo indicador que recolhera dois fios, os mais brancos, só para confirmar as “contas da vida”, pensou preocupado com a aparência. “Ah, Ah, fica-te bem a careca de padre, estilo “só na nuca””, gozou o PLE aproveitando as largas do estatuto.

“Você não entrou em meu quarto e sossego só para abrir o meu dia com sorrisos que gozem com o nosso próprio eu, não?”, perguntou o Presidente sem cara de amigos e continuou com voz ríspida: “ Sempre o conheci com outro tipo de preocupações menos mundanas. Pelo que temos vivido juntos, já te conheço o suficiente, decididamente, hoje não estás em teu perfeito juízo”, constatou.

“Deixa-te lá disso, Presidente. Entrei no teu wc porque tens falado ao país como um pai sem tecto. Prometeste dois milhões de casas e não sei se queres que te mostre com que linhas te vais coser sem que te cresçam em aborrecimento mais cabelos brancos”, disse com ar de importante. Arrastou os seus pés no chão de mármore, propositadamente distanciou-se do espelho, só a sua silhueta deixava de forma quase apagada a sua presença.

“Venha cá, meu maroto. Não se pode ser um bocado mais ríspido e pronto, as lágrimas tomam logo a superfície de teus olhos”, disse o Presidente sem tirar o rosto do espelho. Esticou o seu braço direito e alcançou o punho magro do Plano Estratégico, vulgo Prof.Dr. PLE, como gosta de ser tratado. “Vamos falar, pode ser?”, pediu com carinho, sabia colocar a voz em sentida emoção para fazer derreter-lhe o coração. “Serei todo ouvido”, ripostou o PLE.

“Tens como prender esse outro “eu” de calções e suas lembranças de adolescente?”, perguntou o Presidente.

“Eu por natureza, posso tudo”, sorriu e usou o perfume *Black Diamond – Canali*, novidade que o Presidente pensara só abrir quando recebesse a visita do novo Presidente dos Estados Unidos, Obama, agendada para os próximos dias.

“Não, não use essa fragrância. É para um momento único da nossa história moderna”, pediu, mas sem fazer caso ao acto de atrevimento do PLE que já se borrifava com tão agradável perfume e sorria como um verdadeiro adolescente. “É próprio da velhice, só pode”, condescendeu o Presidente não pensando mais no uso exclusivo e no momento especial escolhido para dar início ao frasco: “Nem os meus filhos tocarão”, tinha se convencido.

“O que tem feito esse maroto?”, perguntou usando uma voz quase morta, tão baixa como a música de vento brincando com a polpa das árvores que circundam o velho palácio de imponência colonial.

“Eu, ultimamente, sou usado pelos seus devaneios e febres”, começou por confessar. “Febres, senhor Presidente. Ouvi bem?”, perguntou PLE. “Sim, ouviu e muito bem. Oh, amigo PLE, sempre reconheci a sua capacidade de registo das nossas inquietações”, retorquiu.

“O meu amigo sabe muito bem que a utopia é perigosa, pede muito ao político que sóis. Escreva o que digo: sempre devemos guardar os sonhos na mala onde deixamos morrer os papéis e fotos”, considerou o Plano Estratégico agora mais próximo do espelho. Estava animado, pois tinha um brilho dominador beneficiado por um foque de luz muito branca que descia do tecto e cobria todo o seu rosto: “Não é todos os dias que um Presidente da República precisa de uma mão amiga”, cogitou.

“Ontem, depois de uns sonhos esquisitos, pedi ao meu conselheiro que empurrasse para mim todos os micros, e anunciei os projectos que vão aumentar a minha velhice pelos problemas que vou ter de enfrentar”, confessou o Presidente. “Enquanto pronunciava o discurso, senti que a força verbal vinha de algo que já não sou: jovem”, concluiu arrependido por não ter seguido o rascunho passado pelo conselheiro.

“O que lhe tem pedido, Presidente?”, perguntou com um certo sarcasmo misturado com curiosidade própria dos momentos confessionais.

“Umaz vezes faz avisos...”

“Avisos, como?”, PLE cortou a explanação.

“Avisos como...”, o Presidente coçou o queixo buscando os detalhes que já estavam escondidos na memória, no saco dos assuntos para esquecer. “Só vive na memória dos povos, quem deixa obra de impacto. Tu és mortal”, concluiu a explicação.

“Ah, atrevido, é o miúdo”, sorriu PLE e continuou: “Essa preocupação não é para deixar-lhe muito ocupado, amigo Presidente. Nem mesmo nós cumprimos os planos quinquenais traçados e amarrados nos números e doses de confiança política”, bateu no espelho para acordar a consciência crítica do Presidente.

“Só sei que temos de cortar a goela à esse miúdo, mas não sei como, se ele é parte de mim mesmo”, o Presidente bateu com as duas mãos no seu peito enquanto procurava esse seu “eu” entre os intervalos da conversa. “Ah, ah, como gosto de imaginar-me nessa dimensão temporal feita de sonhos”, confessou.

“Pare, pare senhor Presidente. Se quer ajuda, não pode gostar desse miúdo que nenhum plano estratégico o pode considerar nos resultados. É muito sonhador”, ameaçou com

números do Orçamento de Estado destacados num caderninho que tirou do bolso de traz da calça.

“Olhe lá, seu cara de barata. Pare, digo eu. Agora já não o quero mais com o estatuto de amigo. Era o que faltava agora, seguir o seu ódio. Nem pareces um tecnocrata, tens tiques de verdugo”, o Presidente saiu apressado do wc e mesmo no quarto onde se diz sentir sempre mais seguro e no seu mundo, o PLE entrou com o seu jeito de intruso, fazendo barulho como se tivesse restos de brita na sola dos sapatos. “Tire os sapatos”, quase rogou o Presidente, mas foi a tempo de tossir e ficar depois em silêncio.”Não fique nervoso, amigo”, gracejou PLE.

“Não, não o quero aqui no quarto. Respeite a minha privacidade”, pediu o Presidente. “Ainda sou Presidente e tenho a única prerrogativa em refazer ou cortar os tais fios com que cozes todos os planos sectoriais e nacional. Não és nada sem o meu deferimento, e ainda por cima és feito de muitas mãos. Uma vergonha és tu”, acusou Presidente.

“Sou feito de muitas mãos?”, perguntou em tom de voz muito baixa e com certa vergonha no rosto. “Oh, meu grande amigo, quer ou não a ajuda que me pedira?”, perguntou sem muito entusiasmo.

“Sim, pode ajudar, mas vá directo ao assunto, sempre nos podemos entender”, pediu enquanto se sentava no meio da cama para calçar os sapatos.

“Pode deixar sentado na ponta de sua cama o outro seu eu ainda jovem, na verdade sem agir como se fosse Presidente? Ou já tinha essa mania das grandezas quando mijão?”, perguntou com gracejos.

“Aí o tem, é todo seu”, resmungou.

“Ah, ah, ah, uéh”, PLE dobrou-se todo aos risos, segurando a barriga para conter a tensão do riso. “Ri-se de quê?”, perguntou o Presidente.

“Você de calções, camisa axadrezada, um livro de filosofia nas mãos e com chinelos chupa cocó? Não acredito”, sorriu PLE e continuou: “Você até que na idade de mijão era mais bonito do que é hoje. O tempo não perdoa. Imagino, deve ter partido muitos corações”, disse PLE.

“Você algum dia já observou o espelho da sua própria infância? Parece-me que és velho desde que te criaram com a civilização. O macaco nunca olha para o seu rabo, é triste”, lamentou.

“Olhe lá, Presidente para os outros, mas meu amigo de longa data. Vamos ao que verdadeiramente interessa. Sei que as obrigações o chamam e é aí onde o senhor sempre se deu e saiu-se bem”, disse com voz de inveja e virou-se para o miúdo: “Oh miúdo, o que você quer mais na vida que não esteja já a gozar agora na condição de Presidente? Não queira mais do que já tem”, olhou com desdém para o jovem sentado ao lado do Presidente.

“Deixe de ser insolente, eu conheço as suas curvas”, gritou o jovem apesar do Presidente tentar amordaçar a sua boca: “Fica calmo, é uma conversa entre amigos”, pediu o Presidente ao seu próprio eu.

“Você quer saber, então terá de viva voz. Quero que ele...”, apontou para o Presidente. “Ele que sou eu a entrar na velhice, prometa construir dois milhões de casas, mas que seja o povo o melhor empreiteiro, usando em favor de si próprio, o seu mais perfeito saber”, pediu o jovem e nem se sentira um pouco ameaçado pelas atitudes sobranceiras do PLE.

“Meu filho...”, enganou-se o Presidente.

“Ah, agora do alto do teu pedestal consideras-me teu filho?, Ah, o poder político gosta de destruir as afinidades. Não te esqueças que os nossos pais construíram casas”, filosofou.



“Desculpa, meu próprio eu, esqueça esses lapsos”, pediu o Presidente com as mãos a cobrir o rosto. Teve vergonha e pegou no livro de filosofia do seu eu jovem e abriu numa página ímpar. Leu alto: “Sonhar levanta montanhas”, saltou da cama num ápice e sacudiu o corpo pronto para enfrentar o déficit da habitação e o cepticismo dos jovens sem casa que dormiram frente ao palácio com cartazes: “Queremos talhões urbanizados”.

Abriu as grandes janelas viradas para o mar atlântico, “Vou também anunciar mais bolsas de estudo. Cortar como quer o PLE, não e não”, “Vou anunciar um novo crédito aos estudantes do ensino superior”, sentiu um calor estranho na mão direita e deu conta com alguma alegria que tinha seguido num caderno reivindicativo assinado por ele próprio.

“Ah, senhor Presidente, é uma vergonha ceder tanto espaço para esse miúdo de calções e com um livro de filosofia nas mãos. Eu domino os números e tenho como fazer falir essas ideias próprias de gente descalça”, disse PLE e tentou atrevidamente fechar a janela para que existisse pouca luz entre eles. “Diga lá algo que ele já fizera por si e por nós e que lhe aumente a credibilidade”, pediu.

“Queimou a ordem de ditadura do proletariado que deixaram sobre minha mesa oval. Era uma ordem de sangue entre irmãos sem limite”, confessou com orgulho de si próprio, “É o meu maior orgulho”, disse à esposa um dia, mas pena foi que nenhum historiador estava por perto.

“Esse miúdo é religioso. Mande-o às urtigas”, disse com desprezo e deu costas ao Presidente e caminhou em direcção à porta de saída: “Não, nunca mais volto”, ameaçou.

“Ah, pobre PLE, esse que estava aí sentado... apontou para o canto da cama onde esteve sentado o jovem, ele mesmo. “...é um pobre coitado. Confirmo que o jovem vestido

de calções e chinelos era eu mesmo. Oiça bem o que lhe vou confessar: jamais ficarei arrependido por ter seguido as suas utopias”.

O mundo real veio rápido. “Acorda, vai pra cama. Estavas muito agitado no sono”, pediu a minha filha. Sacudi a minha cabeça e enquanto me dirigia ao quarto, ainda ouvi frases à volta da problemática das casas. “Não eram horas de pensar o que sonhara por culpa do cansaço”, matutei.



